

**R
E
V
I
S
T
A**

**DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DE
MATO GROSSO
1991**

OMOS - CXXXV - CXXXVI

NO LXIII

3190

**REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DE MATO GROSSO**

SUMÁRIO

— TRÍPLICE MENSAGEM DE JOÃO PAULO II	7
— SAUDAÇÃO AO SANTO PADRE, por Dom Bonifácio Piccinini	21
— MARCO NA HISTÓRIA, por Luis-Philippe Pereira Leite	23
ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS POSSE DO ACADÊMICO CLÓVIS DE MELLO NA PRESIDÊNCIA DA ACADEMIA	25
— CORONEL ANTONIO PAES DE BARROS, ROTEIRO GENEALÓGICO E PROJEÇÃO POLÍTICA, por Aduino Alencar	31
— O GRANDE HERÓI ANTONIO JOÃO RIBEIRO, por Pedro Rocha Jucá	49
— DOM AQUINO (poesia), por Heron Lara	53
— A ESCOLA QUE VIVI, por Nilza Pinto Queiroz	55
— ENDEMIAS SOCIAIS, por Eugênio de Carvalho	61
— A SILVA FREIRE, por João Alberto Novis Gomes Monteiro	65
— TERMOS E TEMAS REGIONAIS NA TERRA NATAL DE D.AQUINO, por Carlos Francisco Moura	67
— VALORES DE UM MIMO por Padre Firmo Pinto Duarte Filho	87
— A.M.L. RELATÓRIO, por Lenine de Campos Póvoas	91

DIRETORIA

- Presidente: - Luis-Philippe Pereira Leite
1º Vice-Presidente: - Archimedes Pereira Lima
2º Vice Presidente: - Virgílio Alves Corrêa Neto
1º Secretário: - Pedro Rocha Jucá
2º Secretário: - Vera Randazzo
Tesoureiro: - Ubaldo Monteiro da Silva e
- Nilza Pinto de Queiroz
Orador Oficial: - Octayde Jorge da Silva e
- Paulo Pitaluga Costa e Silva

CONSELHO OFICIAL

- Membros: - Lenine de Campos Póvoas
- Raimundo Pombo Moreira da Cruz
- Dunga Rodrigues

SEDE PRÓPRIA: CASA BARÃO DE MELGAÇO

Rua Barão de Melgaço, 3.969
(esquina da Travessa Voluntários da Pátria)
Cuiabá - Mato Grosso - CEP 78.000

Escritura de doação do Governo de Estado de 15 de abril de 1931, às fls. 96v, do livro 143, do Cartório do 2º Ofício de Cuiabá, e transcrito sob nº 2.102, fls. 199, livro 3-B, em 15-04-1931, no R.G.I. de Cuiabá. Estatutos registrados no Cartório do 1º Ofício, sob o nº 14, em 24-04-1930.

Reconhecido de Utilidade Pública, pela lei Estadual nº 815, de 08-10-1930. Conta Bancária - BEMAT - 02.3708-B (agência da Rua 13 de Junho, em Cuiabá-MT).

TRÍPLICE MENSAGEM DE JOÃO PAULO II em Cuiabá, 16 de outubro de 1991

1) HOMILIA NA MISSA REZADA NA ESPLANADA DA MORADA DO OURO.

1-“Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer?”

Procuremos lembrar-nos desta pergunta. Ela é muito importante e decisiva. Ela pertence a grande parábola do Juízo Final, segundo o Evangelho de São Mateus, que há poucos instantes foi lido.

Nesta imagem do juízo, que Cristo fará no fim do mundo, Cristo, o Filho do Homem (pois o Pai Lhe deu o poder para julgá-lo, como redentor do mundo), fica confirmada toda a Boa Nova. Por que “Boa”? Por que nela exprime a eterna vontade de salvação do homem. “Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu Seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16).

Qual o preço da vida eterna? É infinito.

Mas, como o homem, se finito, pode pagar um tal preço? Como pode salvar-se?

Na parábola do Juízo Final, Cristo dá a resposta. O preço da eterna salvação a ser pago por cada homem, é um só, o preço do amor.

“Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer?” Perguntam aqueles que durante o juízo estarão do lado direito. O Filho do Homem responde: “Na verdade vos digo: todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40).

2- O Juízo Final refere-se ao final da história do homem sobre a terra. Ao mesmo tempo, meditando o Evangelho de Mateus, devemos afirmar que tal juízo realiza-se constantemente. Continua sempre, e em toda a parte. Os homens, com efeito, continuam fazendo o bem aos demais, salvando uns e outros da fome, dando hospitalidade, vestindo, cuidando dos doentes ou dos presos..., ou, pelo contrário, não fazendo nada disso: fecham-se dentro de si mesmos, no próprio egoísmo, na busca da comodidade, permanecendo insensíveis aos outros e às suas necessidades.

De um modo ou de outro, a divisão nesta “direita” ou “esquerda” evangélicas ou escatológicas acontece aos homens, nos ambientes e nas sociedades.

Por isso, a verdade sobre o Juízo é sempre dos nossos dias, sempre atual. Não pode ser transferida para um futuro desconhecido, é preciso vê-la "aqui e agora". "Aqui e agora" na vida de toda sociedade, "aqui e agora" do norte ao sul do Brasil. Mas também "aqui e agora" na vida de cada um de nós, sem exceções. Daquele que agora vos fala e de todos que escutam essas palavras: esta verdade se refere a cada um de nós.

Ao mesmo tempo, é ela condição essencial da evangelização ou seja, da Boa Nova da salvação.

3- Por diversas vezes tenho considerado, durante as viagens por esse imenso território brasileiro, a bondade de Deus ao dotá-lo de incomensuráveis riquezas, para que o homem e sua família, delas se servindo, pudessem dar glórias ao Criador.

Estes pensamentos dão-me agora a pauta para uma atenta reflexão sobre dois problemas que afligem a todos, especialmente ao homem do Mato Grosso: o problema da migração e o ecológico.

O problema do migrante aqui como em outras regiões do Brasil, é, em primeiro lugar, o do homem que vem de outros Estados da Federação ou do Exterior, a procura de melhores condições de vida e de trabalho para sua família. Geralmente sonha com um pedaço de chão onde se estabelecer, quer no campo quer na cidade. Dificilmente o encontrará. Ou porque o migrante não possui condições técnicas ou financeiras para começar uma nova vida; ou porque os grandes latifundiários, por vezes improdutivos, não lhes permitem o acesso à terra para trabalhar. Assim o migrante entra num círculo vicioso de difícil solução.

Não escondo a todos minha preocupação pelas famílias de brasileiros, desarraigados de seu ambiente, de suas tradições, de sua vida comunitária, entregues às vicissitudes de longas e penosas viagens. Elas se sentem inseguras na procura do trabalho e impossibilitadas de encontrar uma moradia, embora pobre, onde abrigar-se. Com o parque industrial ainda nos inícios de sua instalação no Estado e incapaz de absorver a mão de obra, em geral pouco ou nada qualificada, aumenta dolorosamente o número dos sub-empregados e dos desempregados. As crianças são as grandes vítimas de uma migração descontrolada e crescente, aumentando, com a miséria, a delinqüência, o abandono e os maus costumes... Cuiabá, portal da Amazônia, vem sendo considerada a meta de tantos migrantes que para aqui se dirigem na esperança de uma vida melhor. Mas acabam compondo este doloroso quadro de irmãos que sofrem, de crianças famintas e doentes, vítimas da migração descontrolada. Cabem aos órgãos públicos e às organizações comunitárias a consciência deste sério problema, e medidas de âmbito político e de ação social inteligentes, de grande sensibilidade humana e

generosidade.

O Papa abençoa com alegria e profundo reconhecimento os que, superando as barreiras do comodismo ou do desinteresse, dedicam-se a acolher aquele que, na verdade, é o mesmo Cristo peregrino que passa e pede uma ajuda eficaz. Como poderia esquecer-me portanto, do Centro de Pastoral para Migrantes mantido pelos padres Escalabrianos em Cuiabá que ajudam, na medida de seus poucos recursos, a minorar tanto sofrimento?

Mas, meus irmãos, não posso deixar de recordar aqui, outro tipo de migrante. Aquele que com próprios recursos vem ao Mato Grosso desenvolver suas atividades comerciais, industriais, agropecuárias ou de serviços num Estado que tem, de fato, um futuro promissor. Estes migrantes são como molas propulsoras de progresso mas podem ser vítimas deste mesmo progresso, pois lançando-se inteiramente ao trabalho, aspirando ao sucesso rápido em seus empreendimentos, sem o acompanhamento, e o apoio de suas Comunidades eclesiais, abandonam aquela vida religiosa que viviam em suas cidades natais. Triunfam na vida empresarial, mas podem naufragar religiosamente, esquecendo de seus deveres para com Deus, que lhes mostraram o caminho, na terra de origem, para alegria do bem realizado, da família bem constituída e fiel, dos filhos, crescendo no amor a Deus e aos próprios pais.

Sem dúvida, o problema das migrações não é somente de caráter sócio-econômico ou político, mas é acima de tudo um desafio à caridade e à justiça do mundo. "Seja qual for a situação de cada um, como eu disse na Mensagem para a Jornada Mundial do Migrante, todos hoje se sentem engajados numa vigorosa corrente de participação, reflexo e exigência da consciência adquirida da própria dignidade" (João Paulo II-5.VIII-1987). A Igreja, conhecedora da complexidade dos vossos problemas, quer permanecer ao vosso lado para que a "fé em Cristo habite nos vossos corações" (Ej.3,17). Ela está empenhada em aliviar vossos sofrimentos, feitos de humilhações e de pobreza. Ela quer dar à família cristã os verdadeiros traços de "igreja doméstica", onde nasce a vida do corpo e a vida da fé. Daí seu dever de um trabalho vigilante, para prevenir e neutralizar a ação agressiva e insidiosa das seitas, que, no seu proselitismo, procuram sobretudo os migrantes.

4-Outro grande problema que afeta a sociedade do nosso tempo, é a questão ambiental, também chamada ecológica. É de todos conhecida a causa deste problema. Quando da recente publicação Enciclica Centesimus Annus, o tema foi abordado para salientar que "o homem, tomado mais pelo desejo de ter e do prazer, do que pelo ser e de crescer, consome de maneira excessiva e desordenada os recursos da terra e da sua própria vida" (n.37).

Naquela oportunidade, eu quis recordar que não se “pode dispor arbitrariamente da terra, submetendo-a sem reservas... como se não possuísse uma forma própria e um destino anterior que Deus lhe deu, e que o homem pode, sim desenvolver, mas não deve trair”(Ibid.).

Ao tomar contato com os problemas ambientais, tanto da Bacia Amazônica quanto do Pantanal mato-grossense, pude ver confirmadas aquelas observações que, infelizmente, afetam não só o Brasil mas também várias regiões do planeta, inclusive nos países desenvolvidos. Tenho acompanhado com interesse os preparativos da Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente e o Desenvolvimento, que terá lugar no Rio de Janeiro em junho do ano que vem. Faço votos de que tanto na sua fase preparatória como na instalação dos trabalhos, as Nações ali reunidas saibam “salvaguardar as condições morais de uma autêntica ”ecologia humana”(Encl. Centesimus Annus, n.38)". Para o Brasil, a proteção ambiental é antes de mais nada o direito e a proteção à vida. Se considerarmos os graves problemas de infra-estrutura dos grandes centros urbanos, teremos uma imagem dos desafios que se apresentarão para o País neste final de século.

5-Queridos Irmãos e Irmãs!

É com grande satisfação que estou aqui em Cuiabá. O Papa não veio como os bandeirantes de outrora ou os garimpeiros de hoje, à procura do ouro. Ele está nesta cidade, coração geográfico da América do Sul, para conhecer, abençoar e trazer sua palavra ao povo bom desta terra. Aos que aqui nasceram ou para aqui vieram, em tão grande número, nos últimos anos. Agradeço a acolhida fraterna do Arcebispo Dom Bonifácio Piccinini e dos irmãos do episcopado mato-grossense. Seu trabalho apostólico continua a obra dos antecessores e dos missionários, vindos de tantas partes, que plantaram a Igreja nos sertões e florestas desta região fascinante, desde que aqui aportou, em 1808 (mil oitocentos e oito) o primeiro Bispo-Prelado de Cuiabá, Dom Luiz de Castro.

6-“Quem nos separará do amor de Cristo”? (Rom 8,35).

São Paulo faz esta pergunta aos primeiros cristãos, a homens que com freqüência padeciam tribulações em meio aos mais diversos perigos e perseguições, chegando até a perder a própria vida.

No entanto, responde o Apóstolo, nada disso é capaz de nos separar do amor de Cristo. Ao contrário: “Em todas estas coisas saímos mais que vencedores pela virtude daquele que nos amou” (Rom 8,37).

Eis realmente uma Boa Nova, também para os homens de hoje que padecem de injustiças, enganos e ameaças de morte por defenderem causas

nobres.

O que nos pode separar do amor de Deus? Somente nossa falta de amor é que poderá separar-nos, o egoísmo, a indiferença, a falta de sensibilidade, a cobiça. Estes são os inimigos de nossa salvação. São eles que nos julgarão diante do Tribunal do Filho do Homem, e pronunciarão contra nós a sentença. Talvez agora a estejam pronunciando na voz interior da consciência. Que fazer no caso da consciência surda e insensível? Dia virá em que ela se fará ouvir, quando não mais poderá calar-se, quando se encontrar face à face com a majestade do Filho do Homem, do Redentor do mundo, crucificado e ressuscitado.

7-"Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (Rom 8,31)- pergunta ainda o Apóstolo. Deus está conosco. Deus quer a nossa salvação. Com efeito "não poupou seu próprio Filho, mas por todos nós o entregou"(Rom 8,32). NEle fomos escolhidos. Por meio dEle fomos justificados, por Jesus Cristo, "que morreu, melhor, que ressuscitou, que está a direita de Deus e intercede por nós"(Rom 8,34).

Portanto... quem nos poderá separar do amor de Cristo, daquele amor que é Deus?

Somente nós. Somente a nossa própria falta de amor.

Meus caros Irmãos e Irmãs!

Que o amor vença em nós. Que vença na nossa vida social em todas as suas dimensões. Possa cada um de nós sequer uma vez, ouvir estas palavras do Filho do Homem: "Na verdade vos digo: todas as vezes que fizestes isto a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes".

2- MENSAGEM AOS ÍNDIOS NO DEPARTAMENTO DE AÇÃO SOCIAL ARQUIDIOCESANA ANEXO À RESIDÊNCIA DOS ARCEBISPOS.

Meus queridos Irmãos Índios:

1- Espero com grande desejo o momento deste encontro com os representantes dos povos indígenas do Brasil. É um encontro que, quero confidenciar-lhes, não quis deixar de ter, logo que começou a preparação de minha segunda viagem ao Brasil. Alegra-me imensamente poder estar agora com um grupo dos descendentes dos primeiros habitantes desta terra, mais numeroso do que aquele que tive a felicidade de cumprimentar há onze anos, em Manaus. Agradeço de coração o carinho com que vieram, alguns de bem longe, para estar com o Papa.

O Papa queria dizer a todos os índios do Brasil o amor que a Igreja

lhes dedica. É o mesmo amor com que Jesus Cristo, Filho de Deus e Fundador da Igreja, ama a todos os homens. Aos olhos de Deus, Criador do mundo e Pai de todos, só existe uma raça: a raça dos homens chamados a serem filhos de Deus. Aos olhos de Deus, só existe um Povo, formado por muitos povos, cada um deles com seu modo de ser, sua cultura e suas tradições: a humanidade que Jesus Cristo resgatou, e salvou, com o preço do seu sangue. Diante do Criador, todos os homens têm o mesmo valor e uma imensa dignidade.

2- É por isso que a Igreja, desde que o primeiro missionário, Frei Henrique de Coimbra, pisou no solo bendito do Brasil, em três de maio de mil e quinhentos, tem dedicado uma atenção e um desvelo muito especial aos índios. Pouco antes de subir ao Céu, o Senhor Jesus, Deus feito homem e Salvador do mundo, “enviou os Apóstolos a todas as pessoas, a todas as nações e a todos os lugares da terra (...), para manifestar e comunicar o amor de Deus a todos os homens e povos” (Redemptoris Missio n. 31).

Seguindo este mandato de Cristo, ao longo de cinco séculos, inúmeros missionários entregaram a sua vida, sem medir sacrifícios, para levar aos povos indígenas do Brasil a alegre novidade, a Boa Nova da fé e do amor de Cristo.

A Igreja nunca deixará de repetir a todos os índios que Deus os ama, que Ela “deseja que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade” (1 Tim 2,4), e que Jesus veio ao mundo para que todos “tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). A Igreja, fiel ao Deus da vida, ama a vida de todos os homens e a promove com todas as suas forças.

A história de vossos povos conheceu, e conhece ainda, sombras dolorosas, sinais de morte, muitos sofrimentos e conflitos marcados pelo mal. Mas também é verdade que, junto com as sombras, conheceu luzes muito claras. Tem sido sobretudo a Igreja que vem procurando acender estas luzes, de modo incansável, entre os povos indígenas.

A Igreja, queridos irmãos índios, tem estado e continuará a estar sempre a seu lado, para defender a dignidade de seres humanos, para defender o direito a ter uma vida própria e tranqüila, no respeito aos valores positivos das suas tradições, costumes e culturas. Volto a repetir hoje os votos, que já fazia em Manaus em mil novecentos e oitenta, de que se possa chegar, em todos os problemas, a soluções justas e realistas, para que seja garantido aos índios, o direito de habitar suas terras “em paz e serenidade, sem o temor de serem desalojados em benefício de outrem, mas seguros de um espaço vital que será base, não somente para a sua sobrevivência, mas para a preservação de sua identidade como grupo humano, como povo” (Mensagem aos Índios, Manaus, 10-07-1980).

Tenho recebido com grande dor, as notícias que me chegam sobre violações desses direitos, motivados pela ganância e por interesses escusos, com graves repercussões sobre a vida, a saúde, e a sobrevivência de alguns indígenas. Peço a Deus que ilumine a todos os responsáveis pelo bem comum deste país para que se encontrem soluções sábias e eficientes para essas situações lastimáveis.

3- Ao mesmo tempo, sei que outros grupos indígenas têm a felicidade de estar entre os habitantes do Brasil que dispõem, proporcionalmente, das maiores extensões de terra deste país, de imensos territórios que já eram morada dos seus ancestrais.

A eles queria recordar as palavras de Deus, que se encontram no começo da Bíblia: Deus pôs o homem na terra "para a submeter e dominar" com o seu trabalho. "para a cultivar e guardar"(Gen.1,28;2,15). É um chamado e uma missão que Deus dá a todos os seus filhos, e que estou certo de que esses grupos indígenas não deixarão de acolher com amor e responsabilidade.

4- Dizia que Deus é o Deus da vida. Só Ele é o Senhor da vida e da morte. É preciso agradecer a vida como um dom divino, e lutar para que não haja nunca, por motivo algum, ações que signifiquem um desrespeito à vida própria ou a de outros, sejam eles homens ou mulheres, adultos ou crianças. Nenhum ser humano tem o direito de atentar contra a própria vida ou a de seu irmão. A vida é um dom de Deus!

Foi para anunciar aos povos indígenas esta Vida que é a "graça de Deus, fonte de salvação para todos os homens" (Tit.2,11) que, desde os alvares da história do Brasil como Nação, milhares de missionários partiram de terras longínquas, deixaram sua pátria e suas famílias, e se consagraram, com uma abnegação sem limite, à evangelização dos índios do Brasil.

Trata-se de uma epopéia grandiosa, que mesmo no meio de suas dificuldades e inevitáveis fraquezas humanas, merece a nossa admiração e nos leva a levantar o coração a Deus em ação de graças.

Sim, é justo, é justíssimo, prestar um preito de homenagem a todos os valorosos e sacrificados missionários que, ao longo de séculos, consumiram sua existência para que a mensagem salvadora de Cristo iluminasse os corações, as vidas e as culturas dos povos indígenas do Brasil. É realmente admirável verificar que, desde os começos, um grande número deles, seguindo o exemplo do Bem-aventurado José de Anchieta, souberam ter a clarividência de fazer o que hoje se propõe como ideal a todos os missionários: inserir a Igreja nas culturas dos povos, encarnar o Evangelho na vida e, ao mesmo tempo, introduzir a todos, com as suas culturas, na

própria comunidade da Igreja, transmitindo-lhes sua verdade, assumindo, sem comprometer de modo nenhum a especificidade e a integridade da fé cristã, o que de bom existe nessas culturas, e renovando-as a partir de dentro (Cf. Redemptoris Missio n. 52).

Estes missionários, de ontem e de hoje, franciscanos, capuchinhos, salesianos, jesuítas, dominicanos, carmelitas, beneditinos e tantos outros, são um exemplo luminoso e perene. Não posso negar a grande dor que sinto ao ter conhecimento de que alguns poucos, inclusive alguns que deveriam ver neles o seu modelo, têm tentado denegri-los, com uma visão distorcida, mais política e ideológica do que religiosa, da história da evangelização no Brasil.

Há onze anos, em Manaus, dizia: "eu me ajoelho(...) diante de cada uma dessas figuras de missionários, homens como nós, com defeitos e fraquezas, engrandecidos, porém, pelo testemunho do dom pleno de si mesmos às missões" (Homilia, Manaus, 11-07-1980). Hoje o Papa, o Sucessor de Pedro quer repetir espiritualmente, como sinal de amor e desagravo, as mesmas palavras e o mesmo gesto. Junto de Deus, na casa do Pai, uma legião de missionários já deve estar gozando da "alegria do seu Senhor" (Mt. 25,21), e, estou certo de que agora intercedem para que as bênçãos do Céu se derramem sobre os missionários de hoje e sobre os seus queridos índios.

5- Amados irmãos índios! Eu me sentirei imensamente feliz se, neste encontro, puder deixar bem forte no coração de cada um a alegria de saber que Deus o ama. Tenham a certeza de que a Igreja está e continuará a estar a seu lado. Ela, que tem a missão de levar a todos os cantos da terra a palavra salvadora do Evangelho, será sempre para todos a servidora do Deus da vida, do Deus que quer para cada um uma vida plena nesta terra e, depois, uma vida de eterna felicidade no Céu.

Recebam o meu carinho, e que Deus os abençoe!

3 - MENSAGEM AOS JOVENS NO GINÁSIO DE ESPORTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO.

Queridos Jovens! Queridos Amigos!

Muito obrigado pelas palavras da vossa representante, Maria das Dores Araujo de Souza.

1- Esta manhã, enquanto sobrevoava uma bela região do Estado de Mato Grosso, confesso-lhes que senti o impulso espontâneo de dar graças a Deus: eu contemplava esta terra magnífica, e a via como um dom divino,

como uma oferta e uma promessa de vida.

No mesmo instante, lembrei-me de vocês, e a a ação de graças se tornou mais intensa. Vocês, Jovens, são o melhor dom de Deus, a maior e a mais bela oferta e promessa de vida dada por Deus ao Brasil!

Sempre experimentei uma alegria muito especial nestes encontros que, graças a Deus, tenho freqüentemente com os jovens. Lembro-me, particularmente, da recente e sugestiva manifestação dos jovens, em Czestochowa, no passado mês de agosto. É uma lembrança comovedora, pelos abundantes frutos da graça enviados pelo Senhor. Estou feliz em poder compartilhar hoje esta graça, com os jovens do Mato Grosso e de tantos outros lugares do Brasil. Estou feliz porque hoje posso celebrar, na companhia de vocês, o 13º aniversário do dia em que o Senhor, pela voz da Igreja, me escolheu para ser o Bispo de Roma, o sucessor de Pedro.

A juventude é um grande dom divino, é “uma riqueza singular do homem” (Carta aos Jovens 31-03-1985,3). Para vocês, a vida se apresenta como uma estrada para o infinito. É no coração do jovem que se desenham, se projetam e se formam as perspectivas futuras da humanidade. Se é verdade que, infelizmente, existem limitações e obstáculos para o pleno desabrochar dos seus sonhos humanos, também é certo que estes sonhos permanecem sempre abertos aos grandes ideais. Nada, nem ninguém, a não ser nós mesmos, pode frustrar esses ideais.

2- Vocês iniciam a vida num momento crucial da história. Vão ser os primeiros protagonistas do terceiro milênio, que está para começar. São vocês, jovens, os que vão traçar os rumos desta nova etapa da humanidade. São vocês os que lhe vão dar o sentido.

O Papa contempla, com alegria, a grandeza desta missão, e as esperanças do Brasil que vocês têm nas mãos. Consciente da imensa tarefa que os espera, sinto-me movido a fazer-lhes uma veemente convocação. O Papa, queridos amigos, veio hoje convocá-los para um decisivo encontro, e para um empolgante caminho.

Em primeiro lugar, para um encontro, decisivo, do qual vai depender o significado e projeção de suas vidas. Vocês já perceberam que quero falar-lhes do seu encontro, cada dia mais pleno e autêntico, com Cristo.

Só Jesus é, e será sempre, a resposta aos grandes anseios, aos infinitos desejos, aos ideais mais elevados que fervilham no coração humano. Nele, em Jesus, está a Verdade, sem sombra de mentira. Nele o caminho claro e sem desvios, Nele está a Vida (Cf Jo 14,6). Cristo fixa em vocês o olhar do seu amor (Cf Mc 10,21) e lhes diz: “Eu sou a luz do mundo, aquele que me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8,12). Só Jesus é a luz, só Nele se encontram todos os ideais!

Estou certo de que muitos de vocês se lembram de que Cristo compara sua palavra viva, o ideal divino que oferece aos homens, a uma semente, que Ele próprio, passando junto de cada um, vai semeando nos corações (Cf Mt 13,4 ss). Esta semente tem poder para transformar o campo da vida, o campo do mundo, numa colheita exuberante de frutos. Nesta semente se contém o germe de todas as realizações verdadeiras, de todos os sonhos de grandeza, de bondade e de bem.

3 - Mas a semente da palavra de Cristo crescerá, até seu pleno desenvolvimento, de como, diz Jesus, encontrar "boa terra", isto é, o solo acolhedor de um coração generoso e bom (Cf.Lc.8,15).

Ao convocá-los para um autêntico encontro com Cristo, o que lhes peço é isto: ofereçam a Jesus seus corações abertos de par a par! Abram confiadamente as almas aos tesouros da verdade cristã! Busquem com empenho uma formação que leve ao amadurecimento da fé! Mantenham a vida totalmente aberta às fontes de graça, que brotam dos Sacramentos! Deixem o coração abrasar-se, como os discípulos de Amaús (Cf Lc 24,32), junto de Cristo, pão vivo e palavra de vida. Permitam que Ele viva em vocês, para assim se tornarem capazes de amar o mundo, os homens todos, como Ele amou (Cf.Jo 15,12-3).

Voltemos à parábola do Semeador. A semente da palavra de Deus tem certamente uma ilimitada potencialidade de frutos. Mas pode ser rejeitada, pode ser abafada, pode murchar.

Que poderia fazer fracassar em vocês grandes ideais de Cristo? Jesus nos dá a resposta, luminosa e clara, como são todos os seus ensinamentos.

Em primeiro lugar, poderia frustrar esses ideais o desinteresse, que procede da ignorância, da indiferença ou do ceticismo, e relega a palavra de Cristo à margem da vida, "à beira do caminho" (Cf. Mt 13,19). Em face de um mundo que, em muitos ambientes, parece tornar-se opaco à luz divina e se empenha em marginalizar a Deus, em face de um mundo que, às vezes, parece querer expulsar Deus, como um estranho, da vida individual, familiar, e coletiva, vocês saberão reagir e dizer, ardentemente, como Pedro a Jesus: "Tu tens palavras de vida eterna, e nós cremos e sabemos que tu és o Santo de Deus" (Jo 6,68). Vocês deixarão que a fé e o amor de Cristo lancem raízes profundas em seus corações.

Em segundo lugar, a semente da palavra de Deus pode ser abafada pela religiosidade superficial, sentimental e inconstante. A parábola fala do coração semelhante a um solo pedregoso, coberto apenas por uma leve camada de terra. Recebe a semente com alegria mas não tem profundidade, "é inconstante". E, quando se ergue o sol causticante das dificuldades, a semente parece queimada (Cf MT 13,20-21).

O encontro com Cristo será autêntico se vocês souberem permanecer constantes no seu amor (Cf Jo 15,6-7), se souberem manter-se perseverantes e firmes nos ideais cristãos, a despeito de todos os obstáculos, da forte pressão de um ambiente materializado, de todas as decepções e de todas as fraquezas.

Deus precisa, a Igreja precisa, o Brasil precisa, de jovens cheios de fortaleza, que lutem pelos seus ideais com santa persistência, sem desalento, com o espírito de competição de que falava São Paulo (Cf.1 Cr 9,24). Isto exige sacrifício? Sim! Isto exige a lealdade e a valentia de não se curvar diante do ambiente? Sem dúvida! Isto exige também a humildade de recomeçar, voltando uma e outra vez, como o Filho Pródigo, por meio do Sacramento da Reconciliação, da confissão pessoal arrependida mas cheia de esperança. Não tolerem que seus ideais cristãos sejam, como se diz nesta terra, "fogo de palha". Combatam "o bom combate da fé" (1 Tim 6,12), do amor, da santidade! Esta é a meta de todo cristão.

4- Por último, Cristo fala de espinhos que sufocam a semente (Cf Mt. 13,7). Quais são esses espinhos?. "os cuidados do mundo, diz Jesus, e a sedução das riquezas" (Mt 13,22). Nosso Senhor alerta para o desfecho estéril daquelas vidas que colocam sua realização na satisfação mesquinha de desfrutar, de "ter", e não no esforço de "ser" (Cf. Carta aos Jovens, 31-03-1985,3).

As riquezas da fé cristã e sua promessa de frutos ficariam sufocadas se vocês, jovens, fizessem palavras vigorosa. São Paulo fala de alguns "cujo deus é o ventre" (Fil. 3,19). À sua volta, vocês encontram muitos que, infelizmente, erigiram como um falso deus a fruição egoísta do sexo, ou tentaram silenciar o próprio vazio interior na fuga para o alcoolismo e as drogas, verdadeiros tiranos que aniquilam os que a eles se submetem. Encontram outros que se deixaram seduzir pela tentação do ganho fácil, renunciando ao esforço do trabalho e da solidariedade fraterna, buscando apenas uma egoísta afirmação de si mesmos.

A estes infelizes companheiros, vocês devem oferecer um testemunho límpido de pureza, de castidade, de sacrifício alegre, de espírito de serviço e de caridade cristã. Vocês devem anunciar-lhes, com a clara luz de sua alegria, que vale a pena seguir a Cristo pelo caminho do amor que Ele nos traçou: a abominação alegre de todo egoísmo, a doação, a generosidade de abraçar a cruz salvadora. (Mt 16,24-25).

5- Eu lhes falava, no início deste encontro, de uma dupla convocação. Já me referi à primeira. O Papa os convoca para um encontro pessoal e renovado com Cristo! A segunda convocação vocês se lembram - era para um empolgante caminho.

“Aquele que permanecer em Cristo - diz São João - deve também andar como Ele andou” (1 Jo 2,6). Deve assumir o próprio caminho de Jesus.

Cristo continua trilhando os caminhos do mundo. O Semeador continua procurando os corações dos homens. Ele quer chegar a esses corações caminhando com vocês, agindo por meio de vocês. Todos têm a missão maravilhosa de percorrer as estradas da vida sendo, como diziam os primeiros cristãos, “portadores de Cristo”. Este é o caminho para o qual o Papa os convoca.

6- Caminhando com Jesus, identificados com Ele, vocês serão apóstolos que, a exemplo de Cristo, estenderão a mão para levar a luz e a vida de Deus aos amigos, aos parentes, aos companheiros, que se afundam nas águas da desorientação ou nelas flutuam à deriva. Deus lhes pede a coragem do testemunho cristão, inabalável perante as pressões que os cercam, a coragem de sua palavra, cheia de convicção que nasce da fé experimentada e vivida. A alguns, penso que pode ser a muitos, Deus pede mais: a generosidade de se dedicarem inteiramente ao serviço e aos seus irmãos, a generosidade de deixar todas as coisas, como os Apóstolos, e de segui-lo (Cf. Lc 5,11).

Caminhando com Jesus, vocês, reunidos em comunidades, movimentos e outros grupos da Igreja, serão renovado fermento da evangelização nesta terra.

Caminhando com Jesus, vocês serão capazes de tornar realidade as metas cristãs da justiça e do amor, e de promover profundas transformações sociais. O Brasil precisa de vocês. Em suas mãos está o futuro, no qual a “civilização do egoísmo” deve abrir passagem, sem ceder à tentação do ódio ou da violência, a civilização do amor”.

Caminhando com Jesus, vocês se tornarão conscientes de que uma das maiores e mais necessárias contribuições que os jovens podem dar à renovação cristã da sociedade é o amor ao trabalho.

Nunca se esqueçam de que, junto com o empenho por promover uma ordem social mais justa, a grandeza de uma Nação se alicerça sobre o trabalho. Sem cultivar o espírito de responsabilidade e de perfeição no trabalho, os mais nobres ideais se desvanecem em palavras vazias.

Lembrem-se de que Jesus foi conhecido pelos seus conterrâneos de Nazaré como “o trabalhador” (Mc 6,3) e de que Ele quis dar, ao longo de quase trinta anos, o exemplo de uma vida dedicada, intensa e amorosamente, ao trabalho. Também, neste ponto é preciso “andar com Cristo”, é preciso “andar como Ele andou”(Cf. 1 Jo 2,6).

Vocês farão isto se assumirem, como parte da missão que Deus lhe dá, que a santificação do trabalho comporta: perfeição, dedicação, sacrifício

e persistência, dia após dia, sem ceder à preguiça ou ao cansaço. Ser santo no trabalho supõe o desejo de superação, a responsabilidade pessoal e o espírito de serviço.

Caminhando com Jesus, muitos de vocês, lutarão, enfim, por viver a pureza santa do amor humano e serão os construtores de autênticos lares cristãos, verdadeiros focos de irradiação do espírito de Cristo na sociedade (Cf. Christifideles Laici, n.40). A grande maioria de vocês, sereis chamados por vocação divina para o matrimônio, e a Igreja quer caminhar junto a vocês para que possais percorrer este caminho com coragem, consciente de que a vocação matrimonial é um compromisso formidável, que os torna protagonistas das transformações segundo o espírito do Evangelho, desta célula cristã da sociedade, que é a família.

7- Vinde após mim, diz Jesus! Queridos jovens! Cristo os chama, Cristo os convoca, Cristo quer andar com vocês, para animar com seu espírito os passos do Brasil rumo ao terceiro milênio. O Papa tem a certeza de que, no fundo da alma, vocês darão uma resposta generosa e vibrante a esta convocação: "Eis-me aqui, porque me chamaste" (Cf. 1 Sam 3,5).

Com este apelo, cheio de esperança, termino estas palavras. Dirijo-me à Virgem Santíssima, Mãe de Jesus e Mãe dos que, por serem irmãos do seu Filho, devem ser portadores da Boa Nova. Peço-lhe que os conduza, com seu auxílio materno, até o encontro de que lhes falei, e os acompanhe ao longo de toda a vida. AMÉM.



SAUDAÇÃO AO SANTO PADRE

D. Bonifácio Piccinini
Arcebispo Metropolitano de Cuiabá

BEATÍSSIMO PADRE

Parece-me ouvir de Jesus a nos dizer: "Felizes os olhos que vêem o que vós vedes; pois digo-vos: muitos profetas e reis desejaram ver o que vós vedes e não viram; ouvir o que vós ouvís e não ouviram" (Lc.10,23-24).

Quanto tempo o Povo de Mato Grosso suspirou por este memorável dia: ver e ouvir vossa Santidade aqui em Cuiabá!

E, privilégio ainda maior: no dia do aniversário da eleição de Vossa Santidade ao Sumo Pontificado!

Bem-vindo, Santo Padre! Está escrito nos quatro cantos da cidade: "JOÃO DO AMOR, CUIABÁ TE ABRAÇA!" Muito mais, porém, do que dos quatro cantos da cidade, é de todas as fibras do nosso coração que brota uníssono o grito incontido de nossas almas: Bem-vindo, Santo Padre! Cuiabá te abraça!

Estamos felizes! Felizes nossos olhos que podem ver Vossa Santidade, Vigário de Cristo na terra, aqui nesta solene Eucaristia. Felizes aos olhos daqueles que pela doença, pela distância ou pela idade vêem Vossa Santidade através das imagens que chegam até eles. Felizes todos! Autoridades e Povo. Igreja e Sociedade. Ver Vossa Santidade já é um bálsamo para nossas vidas!

Mas nossa felicidade não termina no VER.

Somos felizes porque vamos OUVIR.

"Quem vos ouve, a mim ouve" (Lc.10,16) disse Jesus.

Queremos, por isso, ouvir, de Vossa Santidade, a mensagem de Jesus.

Um insistente apelo a um novo ardor missionário que tem caracterizado fortemente o magistério recente de Vossa Santidade; um alerta vigoroso em defesa dos direitos inalienáveis da pessoa humana, principalmente o direito à VIDA, desde a concepção até o mais longo entardecer...; um forte chamado ao dever e à responsabilidade de governos e cidadãos no sentido de solucionar os gravíssimos problemas sociais que afligem a maioria de nossa população.

Esperamos uma palavra amiga e paterna, reconfortadora de nossa esperança...

Pedimos a bênção generosa sobre cada um de nós e nossas famílias

e Instituições.

Aguardamos a orientação segura de Vossa Santidade sobre o magno problema da migração, que desenraizando pessoas e famílias de seu ambiente social e religioso, as tornam extremamente vulneráveis, no anonimato, à pobreza, à ausência de espírito comunitário, e à indiferença religiosa...

Necessitamos de diretrizes seguras para que sejamos capazes de respeitar e proteger a natureza que Deus fez tão maravilhosa no ecossistema em que estamos inseridos, com o Pantanal, a Chapada e o início da região amazônica.

Os Povos Indígenas e os Jovens aguardam com ansiedade e docilidade as palavras sábias que Vossa Santidade lhes dirigirá nos privilegiados encontros de hoje.

Queremos reafirmar com humildade, mas com coragem, ao mesmo tempo, nossa fé na Igreja de Jesus Cristo, una, santa católica e apostólica.

Queremos assegurar-lhe, Santo Padre, nossa atenção e nossa obediência a todos os ensinamentos que emanam de Seu magistério de Supremo Pastor da Igreja Católica.

E queremos agradecer, sim!, agradecer profundamente comovidos e entusiasmados esta visita tão querida de Vossa Santidade a Cuiabá. Por isto é justo repetir: "JOÃO DO AMOR, CUIABÁ TE ABRAÇA!"

Cuiabá, 16 de outubro de 1991

+ Bonifácio Piccinini - SDB

Arcebispo Metropolitano

MARCO NA HISTÓRIA

Luis-Philippe Pereira Leite.

*Da Ordem de São Gregório Magno
Medalha Pro Ecclesia et Pontificie*

Cuiabá surgiu na era das monções e logo tornou-se famosa pelos granetes de ouro que afloravam no seu solo e se escondiam no fundo das suas lavras atraindo garimpeiros de todos os recantos. Viveu momentos de esplendor e de dificuldades, tudo superando com a bravura da sua gente e a indormida coragem dos seus filhos caudeados pelo trabalho das lavras e mais tarde da pecuária. Ainda não atingiu os seus 300 anos e foi escolhida para receber a visita do Santo Padre que, seguindo a missão dos apóstolos do Divino Mestre Paulo e Barnabé que deixando a Antioquia partiram para Chipre para anunciar o Evangelho, deixou também Roma para nos trazer a Boa Nova, como tantas vezes já fez para os mais diferentes rumos e distantes recantos, cousa inacreditável até bem pouco. Tudo aconteceu no dia 16 de outubro de 1991! O Vigário de Cristo permaneceu 9 horas em Cuiabá, ou seja de 9 às 18 horas sob intenso calor tanto do clima quanto da gente cuiabana.

Lembrei-me do meu velho Professor de Introdução à Ciência do Direito, o saudoso Desembargador Alvaro Belford de Oliveira. Dizia numa de suas aulas ser o Santo Padre sempre a figura culminante do seu tempo. Qualquer acontecimento em torno da sua personalidade era sentido e vivido nos mais longínquos recantos da terra. Figura fascinante da humanidade, pairava sobre ela uma auréola de equilíbrio e de bondade. Verdadeiro árbitro nas contendas internacionais, sua palavra foi sempre ouvida com respeito e admiração.

Conta-se que o governo francês confiou a seu Ministro de Estado Thiers difícil missão junto à Santa Sé. Incrédulo, o Estadista pediu ao cerimonial pontifício que o dispensasse de algumas exigências, como beijar mão e outros detalhes do protocolo. Atendido prontamente, ao ser introduzido nos aposentos Pontifícios esqueceu-se da dispensa: ajoelhou-se e beijou a mão do Santo Padre. Delicadamente este perguntou-lhe: "Tropeçou Senhor Ministro?" Thiers respondeu-lhe prontamente: "Tropeçamos, todos, Santidade, diante da grandeza do Papado".

Sabe-se também que uma Senhora brasileira casou-se com um Diplomata que ao longo da sua carreira serviu em vários postos importantes, inclusive Japão, e fora designado para a Santa Sé. Jactava-se da sua

incredulidade, mas mesmo assim, pegou o catecismo para estudar alguma cousa e preparou o figurino de acordo com a praxe diplomática, até porque após a entrega das credenciais, o Santo Padre costuma conceder audiência privada ao Novo Embaixador e à sua família. Chegou afinal o momento culminante e ao ter acesso aos aposentos pontifícios a Embaixatriz incrédula, banhada em lágrimas, ajoelhou-se aos pés do Santo Padre Pio XII e beijou-lhe a mão. Alto, elegante, lentes circulares grandes e olhar penetrante, Pio XII era bem o asceta estadista impondo respeito a quantos se aproximassem dele. Ainda jovem, internuncio em Berlim, quando da 1ª Grande Guerra, teve o seu Palácio invadido pelas tropas, mas paralisou a tentativa dos soldados quando puxando a cruz peitoral fez um circulo em volta de si mesmo defendendo a integridade dos seus direitos, assim se expressando: "Aqui é intocável".

João Paulo abriu caminhos novos para a Igreja quando foi eleito Papa, há 13 anos, para nossa alegria, festejados em Cuiabá! Cerca de 50 viagens já realizou em visitas pastorais a todos os Continentes. Profundas transformações sofre o mundo e mais se robustece o pensamento milenar da Igreja. Por isso mesmo Cuiabá lhe deu naquele 16 de outubro toda a força do seu calor humano, amenizando-lhe o calor ambiental. O povo foi às Avenidas recebê-lo com profunda emoção, demonstrando todo o seu amor ao polonês que veio dos horrores da perseguição e do sofrimento para o fragor dos debates à base da inteligência, do bom senso e do direito. Por isso mesmo sua visita, como não podia deixar de ser, constituiu um Marco na história de Mato Grosso.

**ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS
POSSE DO ACADÊMICO CLÓVIS DE MELLO
NA PRESIDÊNCIA DA ACADEMIA**

*Casa Barão de Melgaço,
em Cuiabá, 14 de dezembro de 1991*

Ao assumir a Presidência da Academia Matogrossense de Letras, em virtude do mandato que me foi outorgado pela confiança e generosidade de meus ilustres confrades, sinto sobre meus ombros o peso da responsabilidade de substituir o Presidente LENINE DE CAMPOS PÓVOAS, que dirigiu os destinos deste sodalício durante a década de 1981/1991.

Sei que árdua e espinhosa é a tarefa de suceder o Acadêmico LENINE DE CAMPOS PÓVOAS, o qual, nos últimos dez anos, emprestou à "Casa Barão de Melgaço" o brilho de sua lúcida inteligência e de sua admirável cultura, num trabalho profícuo, com sacrifício pessoal e de sua família, em prol da cultura mato-grossense.

Sinto que às honras deste galardão de Presidente da Academia Matogrossense de Letras se sobrepõem as dificuldades dos encargos próprios das entidades culturais do nosso Estado e do nosso País.

A colaboração fraterna dos membros da novel Diretoria e de todos os Senhores Acadêmicos é imprescindível para que a Presidência possa levar a cabo a missão que lhe foi confiada. Em verdade, o culto das letras, da história e das nossas tradições é tarefa de todos e de cada um de nós, na defesa intransigente do patrimônio cultural de Mato Grosso.

A Academia Matogrossense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso são entidades co-irmãs, guardiães intransigentes da História e das Letras mato-grossenses. Aliás, o Instituto, fundado por ocasião do bicentenário de Cuiabá, é mais antigo que a própria Academia.

No dia 12 de dezembro corrente, tivemos o feliz ensejo de prestar as homenagens da Academia ao nosso confrade Acadêmico LUIS PHILIPPE PEREIRA LEITE, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, pela passagem de sua data natalícia, na comemoração do seu 75º aniversário.

O Acadêmico LUIS PHILIPPE PEREIRA LEITE é uma personalidade invulgar das letras mato-grossenses, que se projeta, a nível nacional, e é Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Incentivador da cultura, descobridor de talentos, pesquisador de

nossa História, o Acadêmico LUIS PHILIPPE PEREIRA LEITE, juntamente com a Diretoria e demais membros do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, continuará prestando à Academia a mesma estreita colaboração que manteve com o nosso confrade Acadêmico LENINE DE CAMPOS PÓVOAS.

Aos Acadêmicos LUIS PHILIPPE PEREIRA LEITE e LENINE DE CAMPOS PÓVOAS expressamos os nossos sentimentos de admiração e de respeito, de amizade e da mais profunda gratidão, porque eles transformaram em trabalho fecundo, em prol da cultura da terra e da gente mato-grossense, o lema que DOM FRANCISCO DE AQUINO CORREA insculpiu nos pórticos do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso:

“PRO PATRIA COGNITA

ATQUE IMMORTAL”,

para tornar a Pátria “conhecida e imortal”.

Registro com a maior satisfação a composição da Diretoria da “Casa Barão de Melgaço”:

1º Vice-Presidente - ARCHIMEDES PEREIRA LIMA

2º Vice-Presidente - PEDRO ROCHA JUCÁ

Secretário Geral - ADAUTO DIAS DE ALENCAR

Secretário - UBALDO MONTEIRO DA SILVA

Tesoureiros - JOÃO ALBERTO NOVIS GOMES MONTEIRO e CLÓVIS PITALUGA DE MOURA.

Desejo agradecer a todos os Acadêmicos integrantes do corpo diretivo deste sodalício, especialmente ao nosso confrade ARCHIMEDES PEREIRA LIMA, cuja permanência na 1º Vice-Presidência é a maior garantia do êxito de nossa administração.

Digníssimas Autoridades:

Senhores Acadêmicos:

Senhoras e Senhores:

Nesta noite de êxtase intelectual, a Academia Matogrossense de Letras abre suas portas para recepcionar, com especial carinho, seu mais novo Membro, o Acadêmico SATYRO BENEDICTO DE OLIVEIRA, que será saudado, em nome deste Soligueu, pelo Acadêmico LENINE DE CAMPOS PÓVOAS.

Além da posse do novel Acadêmico, esta Sessão solene tem a finalidade de evocar dois eventos da máxima importância para a vida de nosso Estado:

Em 1º lugar, destaco o 70º aniversário de fundação desta Academia.

O outro evento é comemorativo do centenário do emérito Professor NILO PÓVOAS, figura ímpar do ensino em Mato Grosso, Membro da Academia Matogrossense de Letras, cujo filho, Acadêmico LENINE DE

CAMPOS PÓVOAS, nos brinda com a biografia de seu pai, sob o título "NILO PÓVOAS, UM MESTRE", revelando as diferentes facetas de sua excelsa personalidade.

O centenário de NILO PÓVOAS fala de perto ao meu coração, porque ele, além de meu professor no Liceu Cuiabano, empenhou-se em preparar-me para prestar exames vestibulares na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, ministrando-nos, em sua própria casa, aulas de Português e Literatura.

O Centro Matogrossense de Letras, fundado em 07 de setembro de 1921, sob os auspícios do então Presidente do Estado, Dom FRANCISCO DE AQUINO CORREA, fundador da Cadeira nº 4 e Presidente de Honra da Academia Matogrossense de Letras, é a instituição cultural mais representativa e mais antiga do Estado de Mato Grosso.

Volta-se, pois, o meu espírito para os nomes tutelares dos fundadores desta Academia:

JOSÉ DE MESQUITA;
LAMARTINE FERREIRA MENDES;
JOÃO BARBOSA DE FARIA;
DOM FRANCISCO DE AQUINO CORREA;
ESTEVÃO DE MENDONÇA;
VIRGÍLIO CORREA FILHO;
OTAVIO CUNHA CAVALCANTI;
ANTONIO FERNANDES DE SOUZA;
CARLOS GOMES BORRALHO;
FILOGONIO DE PAULA CORREIA;
CESARIO DA SILVA PRADO;
JOSÉ RAUL VILÁ.

Destaco, nesta hora, o nome de JOSÉ DE MESQUITA, em cuja casa nasceu o antigo Centro de Letras, embrião da Academia Matogrossense de Letras. JOSÉ DE MESQUITA é, pois, o fundador desta Academia e a presidiu durante quarenta anos, desde a sua fundação, em 1921 até a data do seu falecimento, em 22 de junho de 1961.

No dia 10 de março de 1992, a Academia Matogrossense de Letras vai comemorar o centenário de nascimento de JOSÉ DE MESQUITA, com a posse do poeta RONALDO DE CASTRO, sobrinho do grande varão mato-grossense e que vai ocupar a cadeira nº 12, que pertenceu a GABRIEL VANDONI DE BARROS. Na mesma ocasião, com prefácio de seu afilhado, o acadêmico LENINE DE CAMPOS PÓVOAS, será lançada a reedição de obras de JOSÉ DE MESQUITA, cujos direitos autorais foram cedidos a esta Academia pelo seu filho, Dr. FERNANDO DE MESQUITA, nosso dileto amigo.

Pretendemos reeditar outras obras de JOSÉ DE MESQUITA: contos, poesias, romances, ensaios, biografias, discursos e crônicas, além de trabalhos inéditos, frutos de uma infatigável atividade intelectual, ao longo de mais de meio século. Vamos nos empenhar, também, para reiniciar a publicação da Revista da Academia.

Prezados confrades:

Senhoras e Senhores:

O braço da ceifadora inexorável arrancou do nosso convívio algumas das figuras mais representativas do universo cultural no nosso Estado.

Encontram-se vagas as Cadeiras nº 09 e 14, que foram ocupadas, respectivamente, pelos Acadêmicos Octayde Jorge da Silva e Hélio Jacob.

Com o falecimento dos Acadêmicos ANTONIO LOPES LINS, JOAQUIM JUSTINO ALVES DE BASTOS, JOÃO MOREIRA DE BARROS E BENEDITO SANT'ANA DA SILVA FREIRE, ficaram vagas as cadeiras nº 08, 16, 34 e 38, respectivamente.

A eles, que honraram as tradições da "Casa Barão de Melgaço", a nossa imorredoura saudade.

O Acadêmico SILVA FREIRE, falecido em 11 de agosto último, foi velado no Salão Nobre desta Academia, que lhe tribudou as homenagens acadêmicas pela palavra comovida e eloqüente do nosso confrade SEBASTIÃO CARLOS GOMES DE CARVALHO.

A morte de tantos homens ilustres que iluminaram com sua presença este sodalício, impõe sobre nós Acadêmicos uma redobrada vigilância, para que possamos trazer para esta Casa os nomes mais expressivos da cultura mato-grossense.

A propósito, relembro os Acadêmicos OCTAYDE JORGE DA SILVA e BENEDITO SANT'ANA DA SILVA FREIRE. O primeiro historiador, cronista e educador, deixa para Mato Grosso e para a Academia uma obra imperecível. O poeta SILVA FREIRE, personalidade plural, deixa entre nós um espaço difícil de ser preenchido.

Ilustres Acadêmicos:

Seleto Auditório:

Recebo das mãos do nosso querido amigo e confrade LENINE DE CAMPOS PÓVOAS a Presidência da "Casa Barão de Melgaço" e assumo perante este sodalício e a comunidade mato-grossense o compromisso de tudo fazer, com a direta participação dos ilustres confrades, para manter bem alto o prestígio desta Instituição Cultural.

A cultura é a obra imperecível das Nações; é, na expressão de SIMMEL, a "provisão de espiritualidade objetivada pela espécie humana no decurso da História".

Esta "provisão de espiritualidade" é constituída, sobretudo, dos

valores que dão sentido e significado à vida humana.

A alma de um povo se representa pela sua forma peculiar de cultura e pela sua continuidade histórica.

Um povo sem história é como um homem sem memória.

O Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, ao longo de seus 72 anos de fundação, e a Academia Matogrossense de Letras, na comemoração do seu 70º aniversário vêm cumprindo, fielmente, os propósitos que ditaram sua criação.

Quando outros valores se esborroam no seio da sociedade, mais e mais se alteiam estas duas grandes instituições, guardiães da História e da Cultura da terra e da gente mato-grossenses.

O que me seduz e encanta nestas duas Instituições é a auréola de idealismo que envolve cada um de seus ilustres Membros, cujo civismo e cujo patriotismo a serviço de Mato Grosso e do Brasil, servem de exemplo para as novas gerações.

Para comemorar eventos tão significativos o centenário de NILO PÓVOAS e o 70º ano de fundação desta Academia, - nada melhor que a realização desta sessão solene de posse do Acadêmico SATYRO BENEDICTO DE OLIVEIRA, que sucede uma das mais expressivas inteligências de Mato Grosso, nosso pranteado confrade GERVASIO LEITE.

Acadêmico SATYRO BENEDICTO DE OLIVEIRA - seja bem-vindo!

CORONEL ANTONIO PAES DE BARROS ROTEIRO GENEALÓGICO E PROJEÇÃO POLÍTICA

Por Adauto Alencar

Não vamos aqui apresentar a genealogia Paes de Barros, em virtude de sua extensão, mas apenas situar o coronel Antônio Paes de Barros no quadro familiar. Maria de Campos Rondon casou-se a primeira vez com José de Barros Pereira e residiam em Diamantino (antiga freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Alto Paraguai Diamantino). Esta denominação advém de um erro geográfico, pois no início de sua fundação julgaram que ali era a nascente do rio Paraguai. José de Barros Pereira faleceu em seu sítio denominado Buriti, em Diamantino, a 29 de março de 1825 e sepultado na matriz de Diamantino (solenemente, no dizer de sua mulher). Deste casamento nasceram os filhos:

1) Salvador de Barros Pereira, nascido em 1816. Dedicou-se ao comércio em Diamantino.

2) João Leite de Barros, nascido em 1820. Dedicou-se à lavoura em Diamantino.

3) Ana Custódia de Barros, nascida em 1818. Casou-se com Francisco de Paula Nunes.

4) Manoel de Barros Pereira, nascido em 1823. Casou-se com Rosa Leite de Paula, filha legítima de Francisco de Paula Correa e de Mariana Luiza da Conceição (veja família Correa da Costa). José de Barros Pereira deixou uma filha natural reconhecida, havida antes do casamento, de nome Ana Fernandes de Barros, nascida em 1813, havida com uma parda de nome Maria Fernandes, livre (forra) e residia em São Pedro del Rey, hoje Poconé, e faleceu solteira, com 18 anos, a 18 de maio de 1831 (no dizer de seu tutor, em estado de virgindade).

Por falecimento de José de Barros Pereira, Maria de Campos Rondon contraiu segundas núpcias, com o capitão Antônio Paes de Barros; ela falecida em 1843 e o capitão Antônio Paes de Barros em 1844. Deste casamento nasceram os filhos:

1) José, batizado na catedral de Cuiabá a 21 de junho de 1829, branco, com 2 meses.

2) Joaquim José Paes de Barros, batizado na catedral de Cuiabá a 6 de junho de 1830, branco, com 18 dias.

3) Francisco, batizado na catedral de Cuiabá a 31 de dezembro de

1831, branco, com 1 mês.

4) Mariana, batizada na catedral de Cuiabá a 4 de abril de 1833, branca, com 22 dias. Casou-se com Cândido Aureliano da Costa. José e Francisco não apareceram no inventário da mãe; por certo faleceram criança. Quando faleceu o capitão Antônio Paes de Barros, habilitaram-se nos autos, como herdeiros:

Mariana

Joaquim

Delfina Maria de Jesus (filha natural, casada com José Teixeira Moreira) por certo reconhecida, pois a habilitação deu-se normalmente.

Ingressou nos autos, com um libelo cível de filiação (o que se denomina hoje de investigação de paternidade), José da Costa e Arruda, dizendo-se filho natural do capitão Antônio Paes de Barros, havido com Joana Maria da Silva, mulher solteira. E na verdade provou com testemunhas que era mesmo filho natural do capitão Antônio Paes de Barros e foi contemplado na herança, que entre outras coisas constavam 7 escravos. Aqui vamos tratar apenas de um filho deste casal, que é o segundo por ordem de nascimento, que é o comendador Joaquim José Paes de Barros, batizado, como vimos, a 6 de junho de 1830 e faleceu em 1893. Casou-se com 16 anos, conforme consta do termo do livro nº1 da freguesia de Santo Antônio do Rio Cuiabá Abaixo (hoje Santo Antônio de Leverger) página 53:

“Aos 23 dias do mês de novembro do ano de 1845, casaram-se em casa do capitão Francisco Vieira de Almeida, Joaquim José Paes de Barros, branco, com 16 anos, filho legítimo de Antônio Paes de Barros e de Maria de Campos Rondon, com Maria Vieira de Almeida, com 12 anos e 3 meses, filha legítima do capitão Francisco Vieira de Almeida e de Inês Vaz da Silva (Nota: Inês, depois, passou a se assinar Inês Vieira de Almeida)”.

Sendo Joaquim José Paes de Barros, órfão de pai e mãe, foi o próprio capitão Francisco Vieira de Almeida quem requereu o alvará para que se realizasse o casamento. Oficiou o ato o padre Miguel Dias de Oliveira, vigário colado de Santo Antônio de Leverger. Maria Vieira de Almeida passou a se assinar Maria Vieira de Barros e faleceu a 20 de junho de 1889. Deste casamento nasceram os filhos:

1) Coronel Antônio Paes de Barros, mais conhecido por Totó Paes, nascido em Santo Antônio do Leverger a 15 de dezembro de 1851 e batizado na matriz de Santo Antônio a 28 de março de 1852.

Casou-se em casa de seu sogro, capitão Miguel Ângelo de Oliveira Pinto, com provisão de 1878, em virtude de não haver naquela época vigário em Santo Antônio, com Úrsula Ângela de Oliveira Pinto, filha legítima do capitão Miguel Ângelo de Oliveira Pinto e de Francisca Rosa de Oliveira Pinto e estes eram parentes, sendo Francisca Rosa filha natural do padre

Miguel Dias de Oliveira.

Do casamento do coronel Antônio Paes de Barros com Úrsula Ângela de Oliveira Pinto, nasceram os filhos:

1) Miguel Ângelo, nascido a 1 de outubro de 1879 e batizado em Santo Antônio a 18 de novembro de 1879. Não aparece no inventário do pai.

2) Alice Paes de Barros, nascida a 2 de dezembro de 1882 e batizada em Santo Antônio a 30 de maio de 1883. Casou-se no palácio do governo, na Praça Alencastro, a 20 de abril de 1901, com o advogado João de Aquino Ribeiro, nascido no Estado de Alagoas entre 1871 e 1872, pois contava 29 anos, filho legítimo de Pedro Rodrigues de Oliveira Ribeiro e de Carolina Ribeiro. Deste casamento nasceram os filhos (que encontrei no livro de batismo da igreja São Gonçalo):

2a) Alice, nascida a 7 de abril de 1902 e batizada na igreja de São Gonçalo a 19 de março de 1904;

2b) Antônio, nascido a 30 de junho de 1903 e batizado na igreja de São Gonçalo a 19 de março de 1904;

3) Ana Clara Paes de Barros nascida a 10 de dezembro de 1895 e batizada em Santo Antônio a 23 de setembro de 1897

4) Aída Paes de Barros nascida a 4 de agosto de 1900.

O segundo filho do comendador Joaquim José Paes de Barros, foi:

Joaquim José Paes de Barros, nascido a 10 de agosto de 1853 e batizado em Santo Antônio a 11 de abril de 1854. Casou-se a 23 de junho de 1882 com Rosalina Carolina de Carvalho, batizada no Engenho São Miguel, de propriedade do pai, a 13 de janeiro de 1861 com 2 meses, filha legítima do comendador Antônio Henrique de Carvalho e de Tereza Rodrigues de Carvalho (veja descendência do comendador Antônio Henrique de Carvalho).

O terceiro filho do comendador Joaquim José Paes de Barros, foi:

Inês Paes de Barros, que se casou com 19 anos, a 22 de novembro de 1870, com o coronel Severo José da Costa e Silva, com 19 anos.

O quarto filho do comendador Joaquim José Paes de Barros, foi:

Coronel João Paes de Barros, batizado em Santo Antônio a 8 de setembro de 1857 com 6 meses e faleceu a 31 de julho de 1905. Casou-se com Ana Francisca Galvão de Barros, filha de criação do tenente coronel José Leite Galvão e faleceu a 9 de agosto de 1945.

O quinto filho do comendador Joaquim José Paes de Barros, foi:

Manoel Antônio Paes de Barros, nascido a 13 de junho de 1855 e batizado em Santo Antônio a 24 de Fevereiro de 1856. Casou-se com 27 anos a 4 de julho de 1882 com sua prima Antônia Maria Vieira de Almeida, com 18 anos, filha legítima do capitão Antônio Vieira de Almeida e de Joaquina Metello Vieira de Almeida.

O sexto filho do comendador Joaquim José Paes de Barros, foi: Francisco, nascido a 28 de fevereiro de 1859 e batizado em Santo Antônio a 14 de junho de 1859. Não apareceu no inventário do pai.

O sétimo filho do comendador Joaquim José Paes de Barros, foi: Rosalina Paes de Barros, nascida a 28 de dezembro de 1861 e batizada em Santo Antônio a 30 de março de 1862. Foi seu padrinho o Barão de Aguapeí (João Batista de Oliveira). Casou-se com Antônio Ângelo de Oliveira Pinto. Em 1893 ambos já eram falecidos e deixaram uma filha de nome Maria Rosalina de Oliveira Pinto.

O oitavo filho do comendador Joaquim José Paes de Barros, foi:

O coronel Henrique Paes de Barros, nascido a 15 de julho de 1864 e batizado em Santo Antônio a 21 de agosto de 1864. Casou-se com sua parenta Inês Vieira de Almeida, filha legítima do capitão Antônio Vieira de Almeida e de Rita Gaudie Serra.

O nono filho do comendador Joaquim José Paes de Barros, foi:

Maria da Glória Paes de Barros, batizada em Santo Antônio a 30 de maio de 1866 com 19 dias. Casou-se com o major Salvador Soriano de Almeida, falecido a 15 de junho de 1915, filho legítimo do alferes Manoel Fernandes de Almeida e de Rosa Maria Teixeira.

O décimo filho do comendador Joaquim José Paes de Barros, foi:

O coronel José Paes de Barros.

O décimo primeiro filho do comendador Joaquim Paes de Barros, foi:

Pedro Paes de Barros, batizado em Santo Antônio a 8 de dezembro de 1872 e faleceu solteiro a 18 de dezembro de 1948.

O décimo segundo filho do comendador Joaquim José Paes de Barros, foi:

Ana Paes de Barros, batizada em Santo Antônio a 4 de abril de 1875 com 6 meses.

Esta relação familiar serve para se identificar quais os irmãos e parentes do coronel Antônio Paes de Barros que fizeram parte no cenário político daquela época. Corria o ano de 1899, quando surgiu no cenário político de Mato Grosso a figura do coronel Totó Paes, tão contestada e injustificada daquela data em diante. Tudo era tranqüilo na progressista Usina do Itaicý, uma das melhores da América do Sul. Tudo começou por desentendimentos políticos entre pessoas da mesma linhagem política. Itaicý era o cartão postal do Rio Abaixo, com escola, banda de música e até moeda própria. Mas esta cisão política caiu sobre o Itaicý como uma maldição de Cassandra, a célebre vestal do palácio de Tróia, que ao ver o palácio incendiado, gritava aos quatro ventos: "malditos sejam vocês, gregos profanadores". Era o chefe maior da política de um grupo, o coronel

Generoso Paes Leme de Souza Ponce, de quem o coronel Antônio Paes de Barros era correligionário. As eleições estavam próximas, para presidente do Estado de Mato Grosso. O coronel Ponce apresentou como candidato, o Dr. João Felix Peixoto de Azevedo. O coronel Antônio Paes de Barros, juntamente com diversos políticos, não concordavam e queriam como candidato o Dr. José Maria Metello. Houve a cisão. Foi escolhido o Dr. João Felix Peixoto de Azevedo. Os dissidentes viram na pessoa do coronel Antônio Paes de Barros a figura ideal para chefiar a reação e sob o comando do coronel Totó Paes a Assembléia Legislativa foi cercada e esta foi obrigada a anular a eleição. Daí por diante as hostilidades já não eram mais políticas, passando ao terreno pessoal. O coronel Ponce sempre lutou pela legalidade e diante dos fatos, como chefe do Partido Republicano, decidiu que o partido não lançaria candidato para as novas eleições. Foi quando surgiu no cenário político a figura de Antônio Pedro Alves Barros, nascido em São Luiz, Estado do Maranhão, em 1844. Disse ele em sua justificação de solteiro que em 1859 contava 15 anos quando foi para a Escola Militar, no Rio de Janeiro, onde permaneceu 5 anos, saindo oficial da Marinha e lá permaneceu até o ano de 1870, quando pediu baixa e se empregou como comandante de um navio da navegação de Mato Grosso e fixou residência em Corumbá. Era filho legítimo de Antônio Ventura de Barros e Amália Joaquina Alves Barros. Casou-se às 6 horas da tarde do dia 2 de janeiro de 1878, na catedral de Cuiabá, com 34 anos, com Constança Amélia de Matos, com 14 anos, filha legítima do desembargador Firmo José de Matos e de Francisca Rosa de Moraes Matos (Veja as famílias: Moraes e Souza, Souza Neves e Almeida Borralho). O desembargador era homem rico, mais conhecido como Barão de Casalvasco, cujo título de baronia não se consumou. Eleito, Antônio Pedro Alves de Barros tomou posse a 15 de agosto de 1899. Triste fim de século para Mato Grosso e pior ainda no início do seguinte. O primeiro vice-presidente de Antônio Pedro Alves Barros era o coronel João Pias de Barros, irmão do coronel Antônio Paes de Barros, e o 2º vice-presidente era o coronel João Ferreira Mascarenhas, mais conhecido por Jango Mascarenhas. Deu-se o início de vários focos de agitações políticas, hostilmente com o presidente Antônio Pedro Alves Barros. Em Paranaíba surge Dionízio Benitez, chefiando um grupo armado e entra em choque com os Garcias, fortes fazendeiros naquela região, e, perseguido, Dionízio é morto em Rio Verde, em Goiás. Jango Mascarenhas, com prestígio em Nioaque e Miranda, lá mantinha sua liderança. Diante destas agitações, Antônio Pedro Alves Barros entrega o governo ao 1º Vice-Presidente João Paes de Barros, que assume a 4 de abril de 1900 e permanece até 23 de agosto deste mesmo ano, quando reassume Antônio Pedro Alves Barros. Mas ao reassumir o governo, anula vários atos feitos pelo coronel João Paes de Barros. A cisão foi inevitável.

Mas o coronel Antônio Paes de Barros continuou apoiando o presidente Antônio Pedro Alves Barros. Durante o ano de 1900 os contrários ao governo não mudaram sua posição e cada vez mais a agitação crescia. Em 1901, já se fomentava focos mais agitados e o coronel Jango Mascarenhas morreu em combate em outubro de 1901 em Nioaque. Não dispoñdo o governo de forças suficientes para fazer frente a grupos armados, organizou uma tropa que denominou "Batalhão Patriota" e entregou o comando ao coronel Manoel Pedroso da Silva Rondon e este escolheu seus comandados, que saíram para vários pontos do Estado, onde admitiam haver grupos armados. Era o início do terror. O alvo eram os adversários políticos. Um grupo foi para Diamantino e lá praticaram barbaridades, depredações e até saque na igreja. A finalidade era amedrontar quem fosse contra o governo e o pior: o roubo, o saque, a violência, sem que ninguém tivesse a quem recorrer, a não ser a sua própria reação. Note-se que o governo era Antônio Pedro Alves Barros e o comandante do "Batalhão Patriota" o coronel Manoel Pedroso da Silva Rondon. O coronel Antônio Paes de Barros não aparece neste cenário.

Para o lugar São Miguel foi enviado o coronel José Antônio de Souza Albuquerque, mais conhecido por Juca de Albuquerque e lá assassinaram o comerciante português João Antônio Pimenta e o professor Nuno de Mendonça Sobrinho. Já se iniciava o refúgio dos contrários ao governo, pois lá também se encontravam o coronel Antônio Cesário de Figueiredo e seu genro João Lourenço de Figueiredo, que conseguiram escapar da sanha dos comandados por Juca de Albuquerque. Por ato presidencial nº 824 de 14 de outubro de 1891, o Batalhão Patriota passou ao comando do coronel Antônio Paes de Barros. E foi no período em que o coronel Antônio Paes de Barros esteve no comando do Batalhão Patriota, que se deu o mais sanguinário de todos os atos de violências contra os contrários ao governo. Aconteceu neste período, o mesmo que aconteceu em 1834, na "Sedição de Cuiabá" depois chamada "Rusga". Todos buscavam salvar a vida por todos os meios possíveis e impossíveis; fugiam buscando abrigo. Era o coronel João Paes de Barros proprietário da Usina Conceição à margem do Rio Cuiabá e próxima de Santo Antônio de Leverger e dissidente do governo embora na qualidade de 1º vice-presidente. Para lá muitos chefes políticos e pessoas importantes na época, buscaram abrigo. Muitos foram partidários de Antônio Pedro Alves Barros e do coronel Antônio Paes de Barros, mas não concordando com os atos de barbaridades praticadas pelo governo, afastaram-se dele e se tornaram, por isso, inimigos. Naquele fatídico dia 4 de dezembro de 1901, estavam na Usina Conceição, sob a proteção do coronel João Paes de Barros, cerca de 200 pessoas, desarmadas, sem pretensão de derrubar o governo, mas simplesmente salvarem suas vidas. Nesta época o coronel Antônio Paes de Barros era o chefe do partido e era chefe de polícia seu genro, Dr. João de

Aquino Ribeiro. Daqui em diante veremos o que aconteceu naquele dia 4 de novembro de 1901, através do inquérito policial que encontramos no acervo do cartório do 6º ofício, no Arquivo Público de Mato Grosso, pelo depoimento das testemunhas. Era Chefe de polícia Inácio Maranhão de Rocha Vieira, que depois de concluído o inquérito, enviou-o ao coronel Cesário de Figueiredo, com os seguintes termos: "Que se acha preso na cadeia pública de Cuiabá, o indigitado Viriato Rondon, autor de diversos assassinatos praticados na Baía do Garcez, em novembro de 1901, etc..."

Réus:

Viriato Rondon de Arruda

Coronel Henrique Paes de Barros

Coronel Severo José da Costa e Silva e outros:

1ª testemunha:

Antônio de Vasconcelos Pinto, com 31 anos, natural de Cuiabá, ouvida a 24 de agosto de 1906: "Disse que tendo arrebatado no sul do Estado uma revolução e o governo ficou receoso que a mesma viesse repercutir nesta capital; começou o governo com o coronel Antônio Paes de Barros desenvolver perseguições de toda espécie, contra os membros em partido de oposição a esse governo, os quais para evitá-las foram procurar abrigo e garantia de vida na propriedade agrícola do finado coronel João Paes de Barros, então 1º Vice-presidente do Estado e irmão do coronel Antônio Paes de Barros, então do partido dominante, mais conhecido por Totó Paes. Achando-se na Usina Conceição um número de quase 200 pessoas amigas, asiladas com garantia dada a seu irmão, coronel João Paes de Barros, pelo coronel Antônio Paes de Barros, que nada sofreriam os que estivessem na Usina. Foi quando aconteceu na manhã de 3 de novembro de 1901, surpreendidos por um forte tiroteio saindo dos flancos da referida fazenda. Disse mais que apesar do enorme tiroteio que faziam as tropas do governo, sempre se conservando calmo e sereno o coronel João Paes de Barros e todos os seus amigos. Disse que uma vez cessado o tiroteio, entraram na Usina diversas pessoas que faziam parte da força, destacando-se o coronel Henrique Paes de Barros e seu irmão o coronel José Paes de Barros, os quais prenderam todos os presentes que foram conduzidos para a casa do engenho. Ao amanhecer do dia seguinte se fez presente o Dr. Aquino, chefe de polícia e genro do coronel Antônio Paes de Barros e o coronel Henrique Paes de Barros fez sair todos que se achavam presos na casa do engenho e dividiu em três turmas, sendo uma composta das principais pessoas de Santo Antônio e da capital, em número de 17, que foram entregues a uma cavalaria comandada por Viriato Rondon de Arruda, os quais, chegando no lugar denominado Baía do Garcez foram todos atrozmente assassinados por ordem do coronel Henrique Paes de Barros. Que a Baía do Garcez dista mais ou menos meia

légua da Usina (Conceição) onde ele se achava. Que chegando na Usina no dia 4 de novembro, teve ordem do coronel Henrique Paes de Barros para se reunir àquela força comandada por Viriato Rondon de Arruda, ignorando, todavia, qual o fim projetado. Disse que foi Viriato o único assassino de todos; que não satisfeito em matá-los a tiros, cortava as faces das infelizes vítimas. Que depois de mortos abriram os ventres dos cadáveres, lançando em seguida à Baía para pastos das piranhas. Que as vítimas eram: Flávio de Matos, Antônio Gomes Moreira, José Augusto Teixeira e outros. Que faziam parte da força assassina 40 e tantas pessoas, podendo-se recordar como fazendo parte dela, Viriato Rondon e os mais para ele completamente desconhecidos. Que as outras duas turmas seguiram, uma para a Usina Itaicy e outra para Cuiabá. Que voltando a força assassina para a Usina Conceição, ouviu Viriato dizer ao coronel Henrique Paes de Barros, que havia cumprido a risca as suas ordens, assassinando os bandidos”.

2ª testemunha:

Bartolino Alves a Cunha, com 47 anos, empregado público, ouvida a 25 de agosto de 1906: “Disse que receoso o governo e o partido, começaram perseguir adversários. Que mais de 200 pessoas, mais ou menos, foram-se asilar na Usina Conceição de propriedade do coronel João Paes de Barros, irmão do coronel Antônio Paes de Barros, chefe do partido dominante. Que foram surpreendidos na madrugada de 4 de novembro de 1901, por uma grande força do governo, da qual ele depoente fazia parte, como tenente da ”patriota”, cuja força troteou contra a Usina por mais de meia hora. Que o dono da Usina e seus companheiros se conservavam em atitude benigna, até que a força se aproximou da Usina, comandada pelos coronéis Henrique Paes de Barros e José Paes de Barros, ambos irmãos do coronel Antônio Paes de Barros, os quais prenderam todos que aí se achavam, recolhendo-os à casa do engenho, onde passaram a noite, sendo retirados daí ao amanhecer do dia seguinte, e depois da chegada do Dr. João de Aquino, chefe de polícia e genro do coronel Antônio Paes de Barros. Feita a chamada em voz alta de todos os presos, foram estes divididos em três turmas. A primeira com 17 pessoas quase todas de distinção. A segunda turma era pessoal médio e a terceira turma do pessoal que trabalhava na Usina. As últimas duas turmas foram de lancha, uma para o Itaicy e a outra para Cuiabá. A primeira turma foi entregue pelos coronéis Henrique Paes de Barros e José Paes de Barros a Viriato Rondon, comandante de uma turma de 40 homens a cavalo. Que mais ou menos uma hora da partida da primeira turma, ele depoente e mais oito companheiros seguiram para Cuiabá, seguindo a batida daqueles até um lugar onde existem duas encruzilhadas, perderam os rastros da referida turma. Que continuando sua marcha, ele e seus companheiros ouviram descargas, fazendo crer que foram os 17 entregues a Viriato assassinados”.

3ª testemunha:

João Pedro de Figueiredo, com 26 anos, filho de Luiz de Figueiredo, solteiro. "Disse que fez parte de uma força do governo, quando em 1901 foi atacar a Usina Conceição. Que no dia seguinte, 4 de novembro de 1901, mais ou menos, a força sitiou a Usina de propriedade do coronel João Paes de Barros. Que os coronéis Henrique Paes de Barros e José Paes de Barros prenderam todos. Que no dia seguinte chegou o Dr. Aquino, chefe de polícia e genro do coronel Antônio Paes de Barros e ordenou a chamada de todos. O pessoal foi dividido em três turmas. A primeira do melhor pessoal de Estado, em número de 17, que foi entregue a Viriato Rondon, comandante, da qual fazia parte o depoente. Que foram barbaramente assassinados 16, escapando um Correntino. Que das vítimas só conhecia o coronel Flávio Crescêncio e Antônio Gomes Moreira".

4ª testemunha:

Francisco Borges da Costa com 34 anos, natural de Mato Grosso. "Disse que no dia 3 de novembro de 1901, foi intimado em nome do coronel Antônio Paes de Barros, para fazer parte de uma força que deveria seguir em diligência para Várzea Grande, mas invés de seguir para Várzea Grande seguiu para Usina Conceição, de propriedade do coronel João Paes de Barros, a qual foi sitiada pela mesma força. Que ao amanhecer do dia 4, fazendo a força tiroteio contra a Usina. Que o coronel Henrique Paes de Barros e José Paes de Barros prenderam todos que ali estavam e recolhidos na casa do engenho. Os presos foram divididos em três grupos. Um, com 17 pessoas, que foi entregue a uma cavalaria comandada por Viriato Rondon e conduzido até à Baía do Garcez onde foram assassinados, com exceção de um Correntino que logrou evadir-se. Que das vítimas conhecia Antônio Gomes, Flávio e Manoel Teixeira Coelho, Eugênio e Garriga".

5ª testemunha:

Manoel Henrique da Cunha Pontes, com 23 anos. Disse que foi intimado pelo coronel Antônio Paes de Barros, chefe do partido dominante, para fazer parte de uma força. Que ao amanhecer do dia 4 de novembro de 1901 estava na Usina Conceição, onde estavam refugiadas várias pessoas. (Nota: este depoimento é muito vago. Na época dos acontecimentos o depoente tinha 17 a 18 anos e não tinha real idéia da conjuntura política de então).

6ª testemunha:

Capitão da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso, Quirino Ferreira da Silva, com 28 anos, filho legítimo do coronel Joaquim José Ferreira da Silva. "Disse que se refugiou na Usina Conceição, juntamente com outros. Que os cadáveres foram saqueados, pois reconheceu com um do grupo, usando um cinto de propriedade de Flávio Crescêncio de Matos. Entre

as vítimas conhecia: Teixeira Coelho, Gomes Moreira, José Augusto de Barros, Eugênio Vital, Garrige Nunes da Cunha e outros. Que o pessoal da Usina estava totalmente desarmado.

7ª testemunha:

João Ferreira da Silva (irmão do capitão Quirino Ferreira da Silva). “Disse que estava asilado na Usina Conceição, juntamente com outras pessoas e que houve grande tiroteio contra a Usina (Nada mais).

8ª testemunha:

Manoel Benedito do Couto, filho legítimo de Firmino Ferreira do Couto. “Disse que o coronel Antônio Paes de Barros havia dito que os asilados na Usina Conceição, nada sofreriam, porém não aconteceu, pois foram surpreendidos por uma força que atacou a Usina a tiroteio. Que no caminho para a Baía do Garcez, Flávio de Matos ofereceu toda sua fortuna a Viriato, para poupar sua vida e de seus companheiros e Viriato não aceitou. Que conhecia todas as vítimas e entre elas estavam: José Augusto Pompeo de Barros, Manoel Pinto Guimarães, Manoel Franco, Alberto Gultenez, Feliciano (este de Santo Antônio), João Simão (do capão do Piqui), Eustáquio Correntino (este de Várzea Grande). Que por ocasião das prisões bateram muito em Eustáquio Correntino, de coronha de carabina, que lhe quebraram a espinha dorsal e passou a noite amarrado no tranco, pelo pescoço e de manhã foi conduzido com os outros e morto na Baía do Garcez. Que outra turma foi para a Usina Itaicy, limpar os canaviais do coronel Antônio Paes de Barros, durante 25 dias e outros ficaram em solitárias, como Ildelfonso Mendes Malheiros, promotor de Santo Antônio e o Alferes reformado do Exército, Luiz da Mata. Que o ataque à Usina Conceição foi no amanhecer do dia 3 de novembro e a mortandade na Baía do Garcez foi no dia 4 de novembro de 1901.

Morreram naquele fatídico dia 4 de novembro de 1901, as seguintes pessoas:

- 1) Flávio Crescêncio de Matos, político, jornalista, advogado provisionado e grande orador.
- 2) Antônio Gomes Moreira.
- 3) Manoel Teixeira Coelho, com 70 anos, advogado provisionado, filho de Antônio Teixeira Coelho.
- 4) Eugênio Vital.
- 5) Francisco Carrige Balbe.
- 6) José Augusto Pompeo de Barros.
- 7) Manoel Pinto Guimarães.
- 8) Manoel Franco da Fonseca.
- 9) Elberto Gelteus.
- 10) Feliciano Lemes do Nascimento.

- 11) João Simão.
- 12) Eustáquio Batista.
- 13) Florentino.
- 14) José Gonçalves.
- 15) Manoel Nunes da Cunha.
- 16) Não identifiquei.
- 17) Conhecido por Correntino, conseguiu escapar e dele não tenho

notícia.

Concluído o inquérito, a denúncia foi oferecida pelo promotor público, Antônio de Paula Correa, contra:

Coronel Henrique Paes de Barros
Coronel Severo José da Costa e Silva
Coronel José Paes de Barros
Dr. João de Aquino Correa
Viriato Rondon
Honorato de Figueiredo
José Maurício Espiridião Fontes.

O processo não teve andamento, pois assim consta dos autos de inquérito. Na verdade tal massacre não fora ordenado pelo coronel Antônio Paes de Barros e sim pelos desmandos do Dr. João de Aquino, coronel Henrique Paes de Barros, coronel José Paes de Barros e outro chefes políticos. Admito que o coronel Antônio Paes de Barros soubesse que iriam prender, para amedrontar adversários asilados na Usina Conceição, mas jamais iria assumir tamanha responsabilidade. Tanto é que o fato lhe aborreceu muito e no dia 11 de novembro de 1901, pelo ato do governo nº831, passou o comando do Batalhão Patriota para o coronel Henrique Paes de Barros.

Este batalhão muito se beneficiou com bens alheios. Buscando indenizações pelos prejuízos causados pelo Batalhão Patriota, a 18 de julho de 1903 o coronel João Paes de Barros ingressou com uma ação de indenização contra o Estado de Mato Grosso, dizendo que no dia 3 de novembro de 1901, a Usina Conceição, de sua propriedade, foi sitiada por numerosa força de "patriotas", organizada e armada pelo capitão de mar e guerra Antônio Pedro Alves Barros e para esta empresa era comandada pelos coronéis Pedro Torquato Leite da Rocha, Severo José da Costa e Silva e Henrique Paes de Barros; pelos tenentes coronéis Manoel Wenceslau de Barros, Fernando Leite de Figueiredo, José Paes de Barros e outros cujos nomes ainda ignora o suplicante, sendo de toda força "patriota" do Estado, chefe supremo o coronel Antônio Paes de Barros, que permaneceu nesta capital, mas por cuja ordem - segundo voz geral, foram aqueles atacar a Usina Conceição, onde durante vários dias, além dos morticínios praticados,

produziram grandes danos em edifícios, gado vacum e cavalari e canaviais e ao retirarem-se, conduzindo todos os camaradas (empregados) da Usina. Que desde então não mais pôde trabalhar como anteriormente, por falta de pessoal e carência de garantias. De tudo isso tem resultado para o suplicante enormes prejuízos materiais que cada dia mais se vão avolumando pela impossibilidade em que se acha o suplicante, com a quase paralisação do serviço de seu estabelecimento, de atender a importantes compromissos contraídos em data anterior ao assalto do mesmo. Esta ação foi ajuizada mas não logrou o coronel João Paes de Barros nenhum êxito. Não recebeu nenhuma indenização pelos prejuízos sofridos.

Termina o governo de Antônio Pedro Alves Barros e foi eleito a 19 de fevereiro de 1903, presidente do Estado, o coronel Antônio Paes de Barros e foram seus vice-presidentes:

- 1) Coronel Pedro Leite Osório
- 2) Coronel Antônio Leite de Figueiredo

3) Coronel João Batista de Almeida Filho e tomaram posse a 15 de agosto de 1903. Durante seu governo muitos correligionários se afastaram, engrossando a corrente oposicionista, pelos desmandos cometidos, pelos desmandos do Dr. João de Aquino e seus seguidores. Os Murtinhos se afastaram por não concordarem com estes desmandos. Era chefe de polícia de seu governo o Dr. José Murtinho Sobrinho (mais conhecido por Zeca Murtinho, filho do Dr. Manoel José Murtinho, que na época era Ministro do Supremo Tribunal. Como até hoje e será sempre, o governo tem adeptos e opositores em todas as regiões do Estado. Antônio Mendes Moreira pertencia ao grupo oposicionista no sul do Estado, residente em Campo Grande-MS. Estava em Cuiabá e isto era do conhecimento de todos. O Dr. João de Aquino mandou uma pessoa de sua confiança fazer amizade com Antônio Mendes Moreira e por ele ficou sabendo o dia em que o mesmo iria para Campo Grande e esta pessoa de confiança do Dr. João de Aquino se ofereceu para fazer companhia a Antônio Mendes Moreira, em sua viagem, cujo transporte era o cavalo. Assim combinaram dia e hora e saíram de madrugada, ficando acertado que o homem de confiança do Dr. João de Aquino iria na frente, para que os matadores tivessem certeza que Antônio Mendes Moreira vinha logo atrás. Contudo, o Dr. João de Aquino planejou diferente: mandou matar os dois, para não haver testemunhas. Conheci uma cruz de grande porte, bem atrás da Igreja do Rosário, no bairro Baú, e era conhecida como a cruz do Mendes, já não existe mais. De tudo isto tomou conhecimento o Dr. Zeca Murtinho e pediu exoneração do cargo de chefe de polícia, dizendo ao coronel Antônio Paes de Barros que não continuaria no cargo, em razão do Dr. João de Aquino andar fazendo uma série de barbaridades e assassinatos e que ele, coronel Totó Paes não admitia que se instaurasse inquérito contra o mesmo

em virtude de ser seu genro. O coronel Totó Paes ainda relutou, alegando que muito necessitava de seus serviços no governo, mas o Dr. Zeca Murinho, através de uma carta ao governo, exonerou-se. Por esta atitude ganhou um ferrenho inimigo: o Dr. João de Aquino que não pensou muito para mandar matá-lo. Residia o Dr. Zeca Murinho na rua Pedro Celestino, na mesma casa que até hoje reside seu filho, Paulo Murinho, que me narrou estes fatos que ouvira do pai. O Dr. Zeca Murinho criava canários belgas e costumava deixar uma gaiola pendurada num prego na janela da frente para rua. Certa noite, lá pelas 7 horas, estava na sala conversando com um amigo, chefe dos correios em Cuiabá. Tinha estatura pequena. Em dado momento o Dr. Zeca Murinho disse que iria tirar a gaiola e sua mulher alertou: "Não vá, Zeca; lembre-se que você agora é inimigo de Totó Paes; mas ele não deu importância e se levantou, mas foi interrompido pelo amigo que se ofereceu para tirar a gaiola. Quando levantou as mãos para pegá-la ouviu-se um estampido. Dois homens do Dr. João de Aquino estavam na frente da casa esperando a hora em que o Dr. Zeca Murinho fosse retirar a gaiola. A bala atravessou uma das mãos do chefe dos correios e dali foi diretamente para a farmácia do coronel Pedro Celestino e este fez-lhe o curativo. Era o princípio do fim. Dr. Zeca Murinho ficou sabendo que eram os homens do Dr. João de Aquino, mas em tal situação não tinha a quem recorrer. Era no início de 1906. Escreveu ao pai, Dr. Manoel José Murinho, narrando os fatos. Como resposta do pai recebeu: "Somente uma revolução para derrubar Totó Paes". Os opositoristas começaram arregimentar tropas em todos os pontos do Estado, principalmente em Corumbá, onde começou o levante. Diamantino, Rosário Oeste, Chapada dos Guimarães e outros pontos, foram formando grupos armados, de todas as formas possíveis. Até mesmo com facas amarradas em pontas de varas. Houve lutas violentas em Cuiabá, mas o coronel Totó Paes não dispunha de meios para fazer frente a tamanha força, do chefe maior, coronel Generoso Paes Leme de Souza Ponce. Cuiabá sitiada, o coronel Antônio Paes de Barros foi intimado a se render. Jamais faria isto, porque seria um ato de covardia e isto não era do seu feitio; seria um ato de fraqueza e isto não fazia parte de seu comportamento. Abandonou o governo a 1^o de julho de 1906. Ficando o governo acéfalo, tomou posse no dia 2 de julho o 1^o vice-presidente Pedro Leite Osório. Como tantas pessoas no mundo teve seu delator, o coronel Totó Paes também teve o seu. Saiu de Cuiabá o coronel Totó Paes, sozinho, a cavalo, para a fábrica de pólvora do Coxipó do Ouro, mas um delator fez ciente ao comando da tropa em ação, o seu destino. Seguiu em seu encalço uma tropa chefiada pelo tenente Joaquim Sulpício de Cerqueira Caldas, filho do cônego Joaquim de Souza Caldas. (veja as famílias: Silva Albuquerque e Cerqueira Caldas). Chegaram à fábrica de pólvora, lá estava o coronel Totó Paes, andando no pátio da fábrica, quando

foi atingido pelo tenente Joaquim Sulpício de Cerqueira Caldas, na perna, caindo no local. Começou uma selvageria, matando-o aos poucos. Cortaram-lhe o bigode, as orelhas, a garganta e depois deram-lhe tiros e lá o abandonaram. Uma semana depois foi o cadáver exumado para exame de corpo de delito. Quem ordenou ao tenente Joaquim Sulpício assim agir? Jamais seria por determinação do coronel Generoso Ponce, pois ficou tão aborrecido com esta atitude, como ficara Totó Paes ao saber da chacina da Baía do Garcez. O coronel Generoso Ponce jamais foi chefe para praticar atos desta natureza, pois sempre lutou pela legalidade; queria, como tantos outros chefes menores, pôr fim aos atos de barbarismo praticados no governo de Antônio Pedro Alves Barros e no do coronel Antônio Paes de Barros. É sempre sobre o chefe que desaba o peso da culpa de seus correligionários, mesmo que ele não tenha conhecimento dos fatos. Mesmo em vida do coronel Antônio Paes de Barros e depois de sua morte, todos os que agiram por conta própria, sobre ele lançavam a culpa. É por demais sabido que nenhum coronel de engenho, fazenda ou Usina, não tinha o direito de demonstrar fraqueza, sob pena de cair em descrédito, perante a sociedade a que pertencia. Coisas de uma época. Mesmo quando o coronel Totó Paes estava no governo, muitos atos abusivos foram praticados. José Anibal Bouret rompeu com Totó Paes e se exilou em Montevidéu. Ficou dona Ana Elídia com os filhos pequenos, à frente do armazém na rua 15 de Novembro. Narrou-me seu filho Zelito Bouret (José Anibal Bouret Filho) que lá chegou um tenente da polícia com 2 ou 3 carroças e alguns soldados, dizendo que o coronel Totó Paes requisitava mercadorias do armazém. Dona Ana Elídia disse que não entregava, pois a ordem de seu marido era vender somente a vista. Mas o tenente não deu importância e mandou que enchessem as carroças. Do outro lado de rua 15 de novembro estava o coronel Virgílio Alves Correa e vendo aquele movimento para lá se dirigiu e tomou conhecimento dos fatos. Disse para dona Ana Elídia: "Deixe levarem e tome nota de tudo que me responsabilizo". Assim foi feito e uma semana depois o coronel Virgílio Alves Correa pagou a quantia das mercadorias. Levou ao conhecimento do coronel Totó Paes aquele ato e este mandou pagar.

O primeiro ato de arbitrariedade cometido no governo Antônio Pedro Alves Barros foi contra o coronel João Pedro de Arruda, que ingressou em juízo com uma ação de indenização, contra o Estado de Mato Grosso, a 30 de julho de 1914, através do advogado Antônio de Paula Correa, alegando que: "Em 1899, as forças do governo (Batalhão Patriota) invadiram a Usina denominada Flexas e sua fazenda, levando de lá 2.660 cabeças de gado. Que em 1901 esta mesma força invadiu sua fazenda em Piraim, de onde levaram 2.000 cabeças de gado e 50 cavalos mansos. Pleiteava a indenização no valor de 97:000\$000 (noventa e sete mil contos de réis). Nada recebeu, pois o juiz

julgou a ação perempta.

A 20 de outubro de 1920, João Francisco de Arruda ingressou com uma ação de indenização contra o Estado de Mato Grosso, dizendo que era criador no lugar Carvoal Grande, na Ilha de Praim e vizinhanças. Que em 1901 possuía em seus campos 4.000 cabeças de gado vacum e cavalar. Que neste ano de 1901 o governo armou forças para defender a situação política dominante, contra os revolucionários que se levantaram em Santana de Paranaíba, Cuiabá e Rosário. Que a Usina Conceição foi o principal teatro das cenas de selvagerias, deixando na história horrivelmente, a lúgubre chacina da Baía do Garcez. Que as forças em operação em Santo Antônio do Rio Abaixo estavam sob o comando de Henrique Paes de Barros e as tropas sob o seu comando invadiram sua fazenda, mataram gado e retiraram cavalos de serviço e seus camaradas (empregados) deixando a fazenda totalmente abandonada. Que a fazenda fora invadida várias vezes para retirar gado para alimentar as tropas do Rio Abaixo e Cuiabá e de lá retiraram 3.500 cabeças de gado vacum e cavalos de serviços. Passada a tempestade política, o autor conseguiu reorganizar sua fazenda e em 1906 contava já com 2.000 cabeças de gado. Com o movimento revolucionário de 1906, novamente sua fazenda foi invadida por agentes do governo, prendendo seus camaradas e levando 1.700 reses, que mal conduzidas, muitas se desgarraram e depois eram caçadas por moradores do Rio Abaixo. Tal situação aconteceu, tendo em vista ser o autor adversário político, pois não tem conhecimento de ter a mesma coisa acontecido em outras fazendas. Esta ação visava receber a indenização de 104:000\$000 (cento e quatro mil contos de réis), no valor de 20\$000 (vinte mil réis por cabeça). Da mesma forma, nada recebeu. A alegação era sempre a mesma: não eram tropas regulares do governo (quando se sabe que estas tropas foram organizadas pelo governo e a seu proveito). Terminou, assim, a 6 de julho de 1906 a vida de um homem de elevado valor social e econômico de Mato Grosso, tragicamente, cuja memória permaneceu enegrecida pela tinta da política. No inventário do coronel Antônio Paes de Barros apareceram os seguintes bens:

Sesmaria Itacy, à margem direita do rio Cuiabá, com usina de fabricar açúcar e álcool, com casas, limitando-se na parte de cima com as terras denominadas São José, pertencentes ao capitão Luiz da Costa Ribeiro Fontes, no município de Santo Antônio do Rio Abaixo.

Cinco partes de terras na sesmaria denominada Melgaço, à margem esquerda do rio Cuiabá, no município de Santo Antônio.

Uma parte de terras no lugar denominado Pedro Alves, no Barreirinho ou Quilombinho, à margem esquerda do rio Cuiabá, no distrito de Melgaço.

Uma posse no lugar Água-Limpa, à margem direita do rio Cuiabá,

no rio Piraim, no distrito de Melgaço.

Terras à margem direita do rio Piraim, denominadas: São José, Macory e Bela Vista, no município de Livramento.

Quarta parte da sesmaria Baía dos Cavalos, em Livramento.

Uma parte de terra no rio Piraim de baixo, no lugar denominado Formosa, em Livramento.

Uma parte de terras na sesmaria Coqueirinho, em Livramento.

Uma parte de terras à margem esquerda do rio Piraim, denominada Santana, no município de Santo Antônio.

Duas partes de terras na Ilha do Piraim, compradas de Augusta Maria da Silva e de Mariana Francisca da Cunha, herdeiras de Francisco de Paula Alcântara.

Uma posse com 1.760 hectares, no Largo do Coxipó, em Santo Antônio.

Quarta parte da sesmaria Maravilha, em Santo Antônio (herança de seu sogro).

Uma posse no lugar denominado Pocinho, à margem esquerda do rio Cuiabá, em Santo Antônio.

Metade da posse denominada Figueira, com 13.364 hectares, em Santo Antônio.

Metade da posse denominada Curral de Varas, com 9.637 hectares em Santo Antônio.

Metade da posse denominada Ribeirão Grande, com 21.517 hectares em Santo Antônio.

Metade da sesmaria denominada Curral de Varas com 13.068 hectares, em Santo Antônio.

Metade da sesmaria denominada Tamanduí, com 10.672 hectares, em Santo Antônio.

Metade da posse denominada Sertãozinho, em Santo Antônio.

Uma casa na sede do distrito de Melgaço.

Uma casa em Cuiabá, na Praça Ipiranga, dando fundos para rua Antônio Maria. Nota: esta casa fica na esquina da rua Desembargador Lobo com frente para a Praça Ipiranga.

Quarta parte de uma casa na Praça da Matriz em Santo Antônio.

Uma casa na rua 13 de Junho em Cuiabá.

Duas terças partes na chácara situada na rua Couto Magalhães (hoje rua 15 de Novembro) esquina com a travessa Santa Terezinha quase em frente ao portão do colégio São Gonçalo.

Uma lancha a vapor que se chamava Itaicy e depois passou a se chamar Cáceres.

Uma chata grande de madeira denominada Melgaço.

Uma chata de ferro também denominada Melgaço.

Itaicy foi vendida por Luiza da Silva Albuquerque em 1845 (viúva do cel. João Pompílio Caldas), a Carlos José de Pinho por 600\$000 a parte à margem direita do rio Cuiabá. Eram duas partes: uma à direita e outra à esquerda. A parte à esquerda foi vendida a Germano da Costa Vital por 400\$000.

AO GRANDE HERÓI ANTONIO JOÃO RIBEIRO

Pedro Rocha Jucá

A idéia inicial, em abril deste ano, era prestar uma homenagem ao grande herói brasileiro Antônio João Ribeiro, nascido na cidade mato-grossense de Poconé, na Loja Simbólica Antônio João, da Grande Loja do Estado de Mato Grosso do Sul, em Dourados. Os primeiros contatos foram mantidos pela Academia Mato-grossense Maçônica de Letras, que conta em seus quadros com o jornalista Emanuel Ribeiro Daubian, bisneto do homenageado.

Vale destacar que o jornalista Emanuel Ribeiro Dalbian é um dos mais antigos maçons de Mato Grosso. Como descendente direto de Antônio João Ribeiro, ele passou a ser o centro das atenções, tanto por parte da Academia Mato-grossense Maçônica de Letras, como por parte da Loja Simbólica Antônio João, de Dourados. Seriam proporcionadas, assim, duas homenagens simultâneas. Uma ao herói de Dourados; outra ao seu bisneto.

A partir de outubro ocorreu uma intensificação nas providencias tomadas a respeito. Em Dourados, o venerável da Loja Simbólica Antônio João, Dr. Waldir Balbuena Medeiros, mobilizou os maçons daquela cidade, contando com o empenho pessoal dos coronéis Emílio Wagner Jorge Kourrouski e José Emídio Rocha Jucá, da 4ª Brigada da Cavalaria Mecanizada. Em Cuiabá, por sua vez, o maçom-acadêmico Everaldo Vicente Pereira foi designado chefe da delegação pelo presidente da Academia Mato-grossense Maçônica de Letras, jornalista Pedro Rocha Jucá. Por mais de um mês, os dois estiveram trabalhando intensamente nos preparativos aqui.

Finalmente, às 18:00 do dia 22 de novembro de 1991, em ônibus-leito fretado pela própria delegação, a Academia Mato-grossense Maçônica de Letras deu início à sua primeira jornada cultural em outro Estado, com maçons das três potências regulares existentes em Mato Grosso. Esta unidade deu mais força e significado à homenagem ao grande herói Antônio João Ribeiro.

Às 20:00 horas do dia seguinte, em sessão solene e aberta ao público, com a presença das mais expressivas autoridades civis, militares e maçônicas de Dourados, a Loja Simbólica Antônio João deu início às comemorações no âmbito da Maçonaria. Na oportunidade, foram prestadas, também, homenagens ao jornalista Emanuel Ribeiro Daubian, Inspetor Litúrgico em

Mato Grosso e bisneto de Antônio João Ribeiro. A Loja lhe entregou uma placa registrando a sua visita e o prefeito de Dourados, Sr. Antônio Braz Genelhou, outorgou a Comenda Antônio João, a mais importante homenagem oficial do Município de Dourados, comenda esta que foi entregue solenemente pelo Dr. José Alberto Vasconcelos, Procurador Geral da Prefeitura e também maçom.

Na qualidade de presidente da Academia Mato-grossense Maçônica de Letras, também usei da palavra naquela tocante solenidade. Em certo ponto, disse que "os mato-grossenses não podem esquecer as páginas gloriosas da sua história onde Dourados e Corumbá apareceram como cenários épicos em que seus heróis, os seus soldados, os seus filhos ilustres, se imortalizaram por bravura, por inteligência".

E prossegui: "Na defesa da integridade do território nacional, na Retomada de Corumbá, os mato-grossenses que partiram de Cuiabá nos legaram momentos históricos do mais alto significado, a começar pela própria retomada da "Cidade Branca", passando pela Retirada do Sarã e pelo Combate do Alegre, denominações que semanticamente podem não ser exatas mas que externam uma realidade pouco citada, por razões ainda desconhecidas, na História do Brasil. Aqui em Dourados, o nosso sangue fez germinar um forte sentimento de identidade. Tudo nos une. Nada nos separa. O principal elo é o nome do grande herói tenente João Ribeiro".

Depois de ler dados biográficos do herói nacional nascido em Poconé, continuei: "Como fez João Ribeiro, viemos de Cuiabá. Os tempos passaram e os motivos são outros. A vida nos mostra que a paz é o melhor caminho que a humanidade deve trilhar. A nossa mensagem de hoje visa, essencialmente, exaltar Antônio João Ribeiro, um dos mais importantes heróis de Mato Grosso. Com esta mensagem de paz, maçons de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul se aproximam mais, se entrelaçam mais, visando o aperfeiçoamento moral, intelectual e espiritual, combatendo a ignorância, a superstição e o fanatismo, praticando a justiça e trabalhando incessantemente pela felicidade de gênero humano, no seu todo, mas destacando os aspectos políticos, sociais e econômicos".

O tenente Antônio João Ribeiro nasceu em Poconé, então uma pequena vila, no dia 24 de novembro de 1823. A sua vida militar, contudo, começou em Cuiabá, como praça do Batalhão de Caçadores nº 12, no dia 06 de março de 1841. Já no posto de primeiro sargento-ajudante, em tropa de Infantaria, no dia 22 de maio de 1849 ele foi transferido para o Corpo Fixo da Cavalaria Ligeira, em Cáceres.

Após desempenhar importantes missões na fronteira, o herói Antônio João Ribeiro atingiu o oficialato, sendo promovido a segundo-tenente no dia 29 de julho de 1852. Depois de várias missões

militares no Baixo Paraguai e de comandar a Colônia Militar de São Lourenço, ele voltou à região de Dourados, onde ainda como primeiro-sargento comandou um destacamento no decorrer de 1846. No dia 02 de março de 1862, e já no posto de primeiro-tenente do Corpo de Cavalaria da Província de Mato Grosso, assumiu o comando da Colônia Militar de Dourados, fundada a 10 de maio de 1861, às margens do Rio Dourados.

Mato Grosso vivia então os dias difíceis da Guerra do Paraguai, também conhecida por Guerra da Tríplice Aliança. Era uma quinta feira, exatamente 29 de dezembro de 1864, quando a histórica Colônia Militar de Dourados foi cercada, a uma hora da tarde, logo após o almoço, por uma tropa inimiga de 365 homens fortemente armados. Antônio João Ribeiro contava apenas com 14 homens: nove soldados, quatro colonos - ex-praças do Exército, e um civil, operário contratado. Rendição só com ordem do Império Brasileiro.

No bilhete, escrito a lápis, ao tenente-coronel José Antônio Dias da Silva, comandante do Distrito Militar de Miranda, Antônio João Ribeiro escreveu a frase célebre: "Sei que morro, mas o meu sangue - e o de meus companheiros - servirá de protesto solene à invasão do solo da minha pátria". De imediato, podemos pensar que ocorreu um erro de concordância, mas a citada frase está correta, pois o trecho "- e o de meus companheiros -" é apenas uma aposição que visa reforçar o texto principal.

Depois das fortes emoções vividas na Loja Simbólica Antônio João em Dourados, às 10:00 horas da manhã seguinte, dia 24 de novembro de 1991, no Monumento Nacional a Antônio João Ribeiro, a 160 quilômetros de distância, novas e fortes emoções foram vividas pela delegação da Academia Mato-grossense Maçonica de Letras. Foi comemorando, então, o "Dia Nacional do Quadro Auxiliar de Oficiais do Exército", cujo patrono é o mato-grossense de Poconé Antônio João Ribeiro, hoje reconhecido como um dos maiores heróis do Brasil.

A solenidade começou com o hasteamento do Pavilhão Nacional, pelo bisneto do homenageado, o cuiabano Emanuel Ribeiro Daubian. Em seguida, foi cantado por todos o Hino do Exército. A Solenidade prosseguiu com a ordem-do-dia do ministro Carlos Tinoco, do Exército, exaltando a figura de Antônio João Ribeiro e o significado do seu gesto heróico. O general de Divisão Léo Ulyseu Lebarbenchon, comandante militar do Oeste, que presidiu a solenidade, convidou novamente o jornalista Emanuel Ribeiro Dalbian, desta feita para, ambos, colocar uma coroa de flores no monumento do homenageado. Logo depois, a Academia Mato-grossense Maçonica de Letras entregou ao coronel Jesiel Gomes Ribeiro, comandante do 10º Regimento de Cavalaria Mecanizada, de Bela Vista, que administra a área do Monumento Nacional a Antônio João Ribeiro, uma urna de madeira

cuidadosamente trabalhada, com terra de Poconé - recolhida, a nosso pedido, pela professora Nadia Prado Moura Biancardini. Finalmente, o grande desfile militar de carros de combate em homenagem a Antônio João Ribeiro. Presente à solenidade, ainda, o general de Brigada Sergio Menges Maurmann, chefe do Estado Maior do Comando Militar do Oeste, com sede em Campo Grande, o general de Brigada Luis Oscar Bulcão de Lima, comandante da 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, com sede em Dourados, comandante de todas as unidades militares da área de fronteira, oficiais reformados, membros da Academia Mato-grossense Maçônica de Letras e representantes de todas as potências maçônicas regulares existentes em Mato Grosso. Depois da cerimônia militar, o coronel da reserva Davis Ribeiro de Sena, do Instituto Histórico e Geográfico Militar, fez uma ilustrada palestra sobre a vida de Antônio João Ribeiro.

Contemplando aquela área de 109 hectares, se não me falha a memória, doada ao Exército para se construir o Monumento Nacional a Antônio João Ribeiro, sinto o afago da História de Mato Grosso no constante e agradável vento que sopra, vindo das margens do Rio Dourados, ainda quase um córrego. Na História do Brasil, o gesto de Antônio João Ribeiro pode ser comparado apenas ao exemplo do Forte do Rio Formoso, onde uma guarnição de apenas 20 homens enfrentou, em Pernambuco, 500 invasores holandeses, matando 80 deles.

Pode ser lugar-comum afirmar que determinada pessoa não morreu, mesmo após ao seu falecimento. Mas, no caso de Antônio João Ribeiro é uma questão de honra dizer que ele continua vivo, mostrando a todos nós que temos um compromisso maior para com o Brasil, nossa terra natal. No meio daquele imenso campo verde, no monumento imponente a granito, está uma frase do general Arnaldo Serafim, ex-comandante da 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada: "Aqui, neste recanto, não se cultua a morte; vive-se a glória". A glória ao grande herói Antônio João Ribeiro.

DOM AQUINO

Heron Lara

Outrora, no passado, faz tempo,
Nós o conhecemos muito de perto.
Ouvi-lo, para nós, dava alento,
Era voar alto em céu aberto
E respirar vigor de outros ventos.

Da sabedoria e da fé, com firmeza,
De que era dotado sobejamente,
Chegava-lhe a força em grandeza
Que o fez luz no continente,
Espargindo a paz com nobreza,

Culto, sapiente, pleno de saber,
Fiel da palavra escrita ou falada,
pregava nos templos em fácil estender
E nas assembléias de linha elevada
Seu verbo fluía constante a nascer.

Para o mundo mostrou, no exterior,
Que neste torrão, Brasil Brasileiro,
A cultura se aninha com muito vigor
Na alma e na mente, cabal por inteiro,
Do homem da terra, País de esplendor.

A ESCOLA QUE VIVI

Nilza Pinto Queiroz

Sou uma entusiasta da escola pública e o termo “democratização” define o que penso: bem social que deve ser estendido a todas as pessoas. Somente dessa forma, poderemos escolher valores.

Convidada que fui para dar depoimento da minha vida escolar, passo a relatar o seguinte:

A primeira luz do aprendizado escolar recebi, em casa, com a mamãe, que sempre teve o cuidado de ensinar aos seus filhos o alfabeto, os números até 10 e a fazer com que eles “desenhassem” o nome.

Em 1940 fui matriculada na Escola “Modelo” Barão de Melgaço, dirigida pela Profª. Alina Nascimento Tocantins, já falecida. Ao que sei, a referida Escola era o “modelo” para as demais.

Com o aprendizado caseiro, parti para a escola, aos 7 anos; tive, como mestra, a Profª. Marcelina de Campos, também falecida, normalista competente e educada, a qual nos tratava com muito carinho e energia. A ordem e a disciplina reinavam na sua sala de aula; ela mantinha uma tábua em cima de sua mesa que servia para controlar a ausência da criança, quando esta se dirigia ao banheiro. Não era permitido dupla ou trinca da mesma classe “passeando” ou conversando “fiado” pelos sanitários. Quando a tábua não estava sobre a mesa da professora, significava que havia criança fora da sala. Cada um que pegava a tábua dizia: “Professora, vou à breve”, a frase deve estar deturpada pela ação do tempo; acredito que o correto devia ser: “Vou breve”, isto é, vou rápido, por pouco tempo.

A simplicidade imperava em tudo: casa de adobe sem forro - talvez por causa do clima -; pote d'água no canto da sala; bacia com água, erguida num tripé para a professora lavar as mãos; estrado onde se assentava a mesa da mestra. A hierarquia começava com o estrado: a altura do professor tem que ser superior à do aluno - desde o nível do solo. Sempre foi assim e deu certo - cada um no seu lugar.

Para o 1º ano escolar, o aluno precisava ter:

- 7 anos completos, ou a completar, até o mês de maio;
- uniforme: saia azul-marinho e blusa branca;
- material escolar: caderno, lápis, borracha e livro adotado.

Com o mínimo de material, cada Professor competente alfabetizava de 30 a 40 alunos! Na minha turma todas foram aprovadas e partimos para o

2º ano, sabendo ler e escrever.

Nos 2º e 3º anos, estudei com a Profª Cirina Molina, também normalista capacitada e dedicada às alunas. Lembro-me que as crianças que tiveram dificuldade em entender divisão foram convidadas a ir a sua casa, pela manhã, a fim de compreender a conta e ficar no mesmo nível das demais crianças - a isso chamo de recuperação - o que se fazia em 1942! Fazer com que a criança vença a dificuldade.

No 4º ano convivi com a Profª Carolina de Souza Bouret, outra normalista que lecionava com amor e sempre se devotou à causa do ensino primário.

Durante esses 4 anos, nosso recreio era no Jardim Ipiranga, soltas, livres, sendo supervisionadas pelas mestras. Convém dizer que a Escola "Modelo" Barão de Melgaço funcionava no prédio ocupado, atualmente, pela Imprensa Oficial do Estado.

A par da escolaridade propriamente dita, as Professoras e a Diretora cuidavam das partes cívica, artística e recreativa, comemorando as datas históricas e promovendo teatro, danças, declamações, oratórias, etc. O orador-mirim, do meu tempo era o Clóvis de Mello, que me deixava orgulhosa, por ser produto do nosso bairro. A Professora Zulmira Canavarros estava em todas as festas do Curso Primário; era ela a pianista que nos ensaiava e nos ajudava a ser artistas no palco daquela saudosa escola!

Veza por outra, recebíamos visita do inspetor do ensino, Profº Francisco Ferreira Mendes; este conversava com a Professora a respeito da matéria ensinada e pedia licença para argüir a turma.

Quando um visitante entrava na sala de aula, a Professora nos transmitia um olhar ao que atendíamos de imediato, levantando-nos das nossas carteiras escolares, em sinal de reverência. Somente tomávamos assento, novamente, com a ordem da Professora ou do visitante.

Nessa época, a merenda escolar começou a funcionar, mas não atingia a todos. Fazia-se um levantamento, excluindo aqueles que levavam merenda da sua casa.

Todo aluno, a partir do 2º ano, levava tinteiro para escrever à tinta. Colocávamos o vidro de tinta numa caixa vazia de pó-de-arroz, tendo o cuidado de fazer um buraco na tampa da caixa, para sair o gargalo ou o "pescoço" do vidro. Se aumentássemos o passo a tinta fervia e tínhamos que abrir o vidro para baixar a "fervura". Muitos anos depois surgiu a caneta esferográfica, cujo preço é acessível a todos os bolsos e sua utilidade é inquestionável, principalmente para quem viveu a época que descrevi. O castigo que se aplicava ao aluno tinha o valor moral. Não se batia em criança, tinha-se respeito por elas, única maneira de receber reciprocidade. Quando a criança não sabia o ponto, ficava na "filinha", que significava o seguinte:

- Como a fila era arrumada por altura, da menor para a maior, ao concluir essa ordem, começava outra fila, de quem não soubera a lição ou não se comportara dignamente. Era a maior desmoralização ficar na "filinha"!

Concluí o Curso Primário e me vi no "Exame de Admissão", ou seja, no 5º ano, sob os cuidados da Profª Amélia de Arruda Alves, da 1ª turma de Normalista de Cuiabá. Que excelente professora! A escola era numa das salas de sua casa e a "Amelinha Lobo" dominava tudo: a competência, a ordem, o entusiasmo e a seriedade do estudo, pois estávamos nos preparando para sair do primário ao Ginásio. O quintal da casa da professora era sortido de frutas, mas não tínhamos acesso a ele, para não perder tempo. Somente no fim do ano, com a aprovação de todos, a professora Amelinha deu uma festa no seu quintal, onde nos proporcionou merenda, refresco e uma série de brincadeiras por toda a tarde. Nesse dia a confraternização foi geral: professora, alunas e alunos congratulando-se pela estrondosa vitória. No "Exame de Admissão" a turma era mista, mas não se permitia brincadeiras ou troca de olhares em sala de aula.

Novamente, na escola do Estado - Colégio Estadual de Mato Grosso, após ser submetida à prova escrita e oral, com redação, banca examinadora, inspetor federal e até convidados! Nada de prova marcada com "X". No primeiro semestre, a escola funcionava no Palácio da Instrução; no segundo, fomos transferidas para a Praça Gal. Mallet, na imponente escola, construída pela firma Coimbra Bueno, contratada no Governo Júlio Muller. Ficamos deslumbrados! Estávamos saindo de uma construção de adobe para uma de alvenaria; substituímos o pote de d'água pelo bebedouro elétrico, com água gelada; as lousas eram verdes - até então achávamos que a palavra quadro-negro era imutável; na sala de Ciências estudávamos o corpo humano num esqueleto medonho e, paralelamente, convivíamos com uma figura em tamanho natural, de massa, que imitava uma pessoa de carne e osso; nela estudávamos as veias do corpo. Em outra sala, familiarizávamos com objetos com nomes de pipeta, proveta, balança centesimal, etc., onde fazíamos experiências.

O Colégio Estadual era, ou melhor, é imponente! Sua construção do tipo colonial mostra, na entrada principal, escadarias de mármore que nos leva ao anfiteatro. No palco, olhando a parede do fundo, vemos o mapa do Estado de Mato Grosso, em alto-relevo - refiro-me ao mapa antes da divisão do Estado.

Esse anfiteatro foi muito freqüentado pelos alunos, que eram convidados para participar de comemorações históricas; nessas datas, discursava, primeiro, o Diretor do Colégio - Professor Jercy Jacob; em seguida, os professores previamente designados, finalizando com

apresentações cívicas, a cargo dos alunos, sempre orientados por professores. Festa cívica não se misturava com festa folclórica; os desfiles do 8 de Abril, de 7 de Setembro consistiam em marcha, numa só cadência, com uniforme escolar; nada de fantasias ou gastos supérfluos, à semelhança de desfile da primavera.

Em meio a toda essa mudança do Curso Primário para o Curso Ginásial, retornaram do Rio de Janeiro, devidamente diplomadas em Educação Física, as Professoras ANA MARIA DO COUTO - nossa saudosa May e ALAÍDE ADDOR, ambas lotadas no colégio Estadual de Mato Grosso.

Eu era aluna de Alaíde Addor que, juntamente com a May, preparava a "demonstração" anual, para exibição no Ginásio de Esportes ou na quadra gramada do Colégio Estadual. Aquilo era serviço de gigante para as duas professoras! Além da rotina de ministrar aulas de Educação Física, elas ensaiavam conosco, dois ou três meses, diariamente, em horas extras, para elas e para nós, com o objetivo de demonstrar ao público o que sabíamos em termos de educação física. Até então, a direção da escola se preocupava em aprimorar o espírito, o caráter da juventude. Os exercícios físicos eram executados por homens e aplicados com rigor aos estudantes do sexo masculino. As alunas faziam ginástica do tipo "ecclética", isto é, o que havia de melhor em outros sistemas; os exercícios se destinavam a enrijecer os músculos dos braços e das pernas, a afinar a cintura, a consertar as costas encurvadas, etc. Pelo que se viu, a preocupação era somente com o fundamental.

Com a chegada das duas professoras, May e Alaíde, passamos a fazer ginástica competitiva e entender que a ginástica era importante para o nosso corpo, assim como as outras disciplinas, para o nosso espírito, além disso, achávamos nossas professoras bonitas e elegantes e queríamos seguir seus caminhos. A companhia delas era uma festa para todas nós!

Ao concluir o Curso Ginásial, deixei o Colégio Estadual, para fazer o 2º grau.

Três opções:

- Curso Científico, para quem podia continuar os estudos;
- Escola Normal, onde se obtinha o título de Professora, a nível regional;
- Escola Técnica de Comércio, para exercer a profissão de Técnico em Contabilidade, em qualquer região do país.

Escolhi a última porque o título contábil, sua atuação, ultrapassava o Estado de Mato Grosso e dava-me prerrogativas no território nacional.

Novo "vestibular", para se ter direito à matrícula!

A essa altura, ainda menor de idade, portanto, com carteira vermelha

expedida pela Delegacia do Trabalho, trabalhava de dia e estudava à noite. Havia uma lei que isentava de mensalidade os comerciários que fizessem o Curso Técnico de Contabilidade. Eu não pagava nada! Tinha uma escola - também da rede estadual com professores qualificados, onde recebia ensinamentos de alto nível. Minha obrigação? - presença obrigatória nas salas de aula, interesse pelo aprendizado, provas escritas mensais e provas final, escrita e oral, sendo que, na prova oral, o aluno se submetia, também, à banca examinadora - à semelhança do Exame de Admissão e do Ginásio.

Já prestaram atenção na qualidade do ensino que o Estado colocava à nossa disposição, com o mínimo de custo aos nossos pais e com o máximo de rendimento por parte dos alunos?

Quando eu fazia o 2º Grau, não sabia avaliar o valor daquela escola; minha conscientização foi despertada, anos depois, quando - já no serviço público federal - apareceu-me a oportunidade de concorrer ao cargo de Técnico em Contabilidade. Ao receber a programação do concurso a nível nacional, encontrei toda a matéria nos meus cadernos do 2º Grau! Na época, nosso isolamento dos grandes centros era total! Nossos professores eram cuiabanos; nossas roupas eram confeccionadas por costureiras inteligentes, também de Cuiabá; nossas refeições eram abastecidas de produtos da terra mato-grossense. O rádio era o nosso meio de comunicação com os grandes centros.

Senhores leitores: - prestem atenção na revelação que vem agora: Eu não sabia que era pobre! Descobri ao concluir o 2º Grau, porque entendi que os meus estudos ficariam limitados, por falta de condições de prosseguir-los em grandes centros, em busca do 3º Grau ou Curso Superior. Digo que não sabia da pobreza, porque a situação de igualdade em que eu vivia em Cuiabá não me dava condições para fazer essa distinção.

- 1) estudava no Colégio do Estado, onde estudavam as filhas do Interventor Júlio Müller.
- 2) levava merenda caseira: pão com bife, bananinha, laranja, etc. - como faziam as demais;
- 3) vestia uniforme azul-marinho e branco, com sapato preto - roupa adotada pelo estabelecimento escolar;
- 4) nenhuma professora me menosprezava, pelo contrário, sempre me tratava com dignidade;
- 5) freqüentava o Clube Feminino - onde se reunia, socialmente, a gente de bem- diferente de "gente bem";
- 6) todos andavam a pé.

Por essas considerações, eu não conhecia marginalidade e, portanto, me sentia dentro de tudo que acontecia em Cuiabá, quer no meio escolar ou no meio social.

Nas escolas do Estado, a escolaridade caminhava paralela com a educação; nossas professoras eram educadas e se vestiam muito bem, isto é, com decência e bom gosto. Eu achava linda a apresentação da Diretora Alina Nascimento Tocantins, com vestidos de seda esvoaçantes, nos dias de gala! A Marcelina de Campos, a Cirina Molina e a Carolina de Souza Bouret, minhas professoras, também não ficavam por trás, todas muito bem lembradas naquela saudosa Escola "Modelo" Barão de Melgaço.

A lembrança do curso primário nos acompanha pela vida afora em contato com a mesma professora, seus ensinamentos, sua educação, sua capacidade, seu amor devotado na multiplicação do saber.

No Ginásio a vida é outra e já devemos estar firmes nos princípios elementares de educação, escolaridade e formação do nosso caráter, porque a vigilância vai se afastando dos alunos, e eles já devem saber o que está certo ou errado.

No 2º Grau, somos tratados como adultos, responsáveis pelos nossos atos, pois estamos a um passo de ingressarmos no trabalho - essa máquina geradora do progresso.

A escola Normal, para a formação de professores, é fundamental; o desenvolvimento não se inicia com bens materiais; começa com pessoas e sua educação, organização e disciplina. Sem esses três elementos, todos os recursos permanecem latentes, inexplorados, potenciais.

Ao encerrar meu depoimento sobre a escola pública estadual, devo dizer que tenho orgulho de haver estudado do primário ao 2º Grau - com exceção do Exame de Admissão que era particular - em colégios da rede estadual de Mato Grosso, onde encontrei excelentes normalistas que transmitiam seus conhecimentos, sem reserva de domínio.

O ensino deve ser simples, claro e eficiente. Se o Estado, há 40 anos, podia nos oferecer escolas de categoria, por que agora teme pelos resultados!? Temos tudo para vencer:

- 1) alimentação, pois Mato Grosso se prepara para ser o celeiro do Brasil;
- 2) gente escolarizada para transmitir ensinamentos;
- 3) gama de crianças carentes de instrução e dignidade humana.

No programa de Chacrinha, ele dizia que o problema de educação é com o Ministério de Educação e, para se desincumbir da parte cultural, ele anunciava: "Eu não vim para ensinar, eu vim para confundir". Não podemos aceitar a idéia da desqualificação do ensino no Estado de Mato Grosso. Ele tem que ser aberto a todos, com o mínimo de preço, com palavreado entendível para que o aluno seja esclarecido e não confundido.

ENDEMIAS SOCIAIS

EUGÊNIO DE CARVALHO
Diário de Cuiabá - 21/03/92

A miséria incide sobre a criança uma injusta carga social. Ela é uma permanente ameaça ao futuro da sociedade. Infelizmente a pobreza extrema vem promovendo, no Brasil, doença social de gravíssima conseqüência. Entretanto, é fácil descobrir este sintoma porque a miséria não consegue ser distribuída - ela é um mal que atinge a todos.

Somos uma sociedade incapaz de programar investimentos preventivos da miséria que acaba produzindo micróbios do mais grave mal social. O menor cercado de miséria é o futuro adulto que se constituirá em pesada carga para a sociedade.

Já estamos, nos dias atuais, num avançado ambiente de endemia social que vem atingindo a criança indefesa, porque o menor, tal o abandono material e moral em que vive, está em situação de perigo. A proteção correcional da criança é um fato, que tem servido até para protelar sua ameaça de periculosidade. Tornando-se adulto seus impulsos se manifestam nos seus crimes de infração penais mais múltiplos.

Afrontados e desprezados pela sociedade os menores estão criando uma consciência de vítimas proliferando uma nova patologia social - que é a violência. A legislação do divórcio, por exemplo, só favorece o adulto. Sua efetivação depende tão somente da vontade do casal. Os filhos não são considerados e muito menos ouvidos sobre a decisão dos pais.

A violência existe na família, numa geração de pais que precisa defender-se da ansiedade. A tecnologia e a comunicação se incorporam à violência porque, em geral, são formas úteis como defesa contra essa ansiedade.

Por ilação a sociedade, como um todo, sofre as conseqüências. As relações afetivas familiares sofreram impactos imprevisíveis com as mudanças estruturais e a modernização.

A carência afetiva com o afastamento dos adultos. A predominância do paternalismo sobre a paternidade. A visão social moderna como medidas correcionais ou educativas superadas, por si só é um ato de violência.

A nova cultura e a civilização criaram leis que facilitam o esfacelamento da família. Por isso as pesquisas mostram que os menores toxicômanos em sua maioria se originam em lares desfeitos.

A velha tese de Lombroso do criminoso nato, caiu por terra, embora a delinqüência possa ter fatores biológicos. A família e a escola sempre determinaram o comportamento do futuro adulto. A escola gratuita e obrigatória deve ser garantida pelo Estado e pela comunidade. O ajustamento social começa pela família que tem o seu complemento educativo. Por isso a criança, ao sair da clausura familiar, deve encontrar uma escola preparada. Assim família, escola, professor são fontes geradoras do futuro comportamento do ser humano em formação gregária.

Cabe a família e à escola a grande tarefa de prevenção dos problemas sociais, que começa com a educação da criança. O ser humano procura se socializar precocemente. Por isso são necessários cuidados especiais ao menor, para o seu desenvolvimento do instinto gregário.

Só uma família ajustada e uma escola organizada poderão determinar o futuro comportamento do menor, na sociedade. São entidades importantes que conduzem a pessoa humana à convivência social pacífica e harmoniosa.

Pais responsáveis e professores vocacionados. Na família deve haver sempre o equilíbrio entre a autoridade e o afeto. Na escola a figura do professor deve ser a expressão de respeito e brandura.

A única planificação contra os males sociais reside na escola e na família. A posição paternalista do direito e outras ciências que tratam do menor não estão resolvendo a situação pois ela é autoritária e anti-jurídica. A família e a escola precisam ser defendidas porque são entidades importantes que criam uma cadeia de relações afetivas.

Infelizmente, estas gerações de filhos estão sentindo a crescente rejeição da família e da sociedade. O abandono, por parte dos pais, é um fato que se vai evidenciando cada vez mais.

A sociedade de um modo geral tenta inadequadamente resolver estes problemas promovendo cuidados mercenários de professores ou instituições para substituírem as fontes familiares. A vivência do abandono e da rejeição estão criando intensa ansiedade nessas crianças.

Não há dúvida de que a emancipação da mulher foi a grande conquista deste século. Foi uma mudança da concepção da vida humana baseada na nova idéia sobre os direitos humanos. Mas devemos considerar também que a emancipação da criança, do menor, é tão importante quanto o foi o da mulher.

Assim como a mulher, o menor era amado pela família sem muitos direitos reconhecidos. A mulher e o menor sempre foram objetos de ternura e amor dentro das famílias sem outras garantias. Mas o amor somente não basta, não é suficiente. A sociedade e o Estado têm o dever de promover a realização da felicidade do ser humano.

A mulher lutou pelos seus direitos porque, maior, teve consciência

da luta pela emancipação necessária. E os menores? Quem lutará por eles? Felizmente consciência social e a opinião pública estão sendo despertadas para este problema assim como aconteceu com as mulheres.

A emancipação do menor, com os seus direitos assegurados, é uma garantia para a paz social, porque a futura geração poderá viver num mundo sem preconceitos. Humanidade sem preconceitos é uma sociedade solidária e fraterna.

O interesse do adulto sempre prevalece. Por isso a criança sempre foi vítima. Solidariedade humana e caridade sempre foram invocações que se resumiam em apelos para proteger a criança. Mas caridade e atos solidários dependem muito da personalidade e do espírito público adulto.

A criança, entretanto, não pode viver à mercê da boa vontade dos homens. Socorro moral e material à criança não é um ato de solidariedade, mas uma atitude de interesse geral para evitar a imediata epidemia da violência.

A SILVA FREIRE

João Alberto Novis Gomes Monteiro

Como poderia, eu, neste momento, dizer qualquer coisa, sem cair na redundância dos superlativos ou no vazio do saudosismo puro?

Não tenho pendores para elogios imerecidos ou ataques infundados. Digo apenas o que sinto e o que penso, com conhecimento de causa; ou não digo nada.

Também, não gosto de julgar o meu próximo, principalmente, se ausente. Um julgamento sempre implica em comparação com um padrão de comportamento, cuja normalidade é estabelecida pelo procedimento da maioria. Os nossos feitos, bons ou maus, são, invariavelmente, frutos da oportunidade; portanto, para que eu julgasse, e fosse justo neste julgamento, seria necessário que tivesse sido dada, a todos, as mesmas oportunidades. Só Deus, então, tem a capacidade para um julgamento justo, por saber o que vai no íntimo das suas criaturas; podendo, pois, saber como ragiriam diante das mais variadas circunstâncias da vida terrena.

Costumo sempre dizer que todos nascemos bons e puros; só depois, a vida ou a nossa carga genética diante dela, é que nos conduz à prática de atos considerados, bons ou maus, perante os padrões da sociedade em que vivemos. Portanto, temos um núcleo inicialmente bom; sobre o qual vão sendo aplicadas sucessivas demãos de vernizes, tintas, zarcões e até negros betumes.

Fiz todo este rodeio porque desejava falar algo sobre Silva Freire, e não sabia o que, ou como; pois, a minha convivência com ele foi só até 1948, quando eu contava apenas 17 anos e fui para o Rio de Janeiro, a fim de continuar os meus estudos. Depois, as nossas vidas tomaram rumos diversos, e, dele, sabia apenas notícias. Era com satisfação, portanto, que ficava sabendo de todos os seus sucessos: advogado brilhante, presidente da Ordem dos Advogados de Mato Grosso, importante escritor, inspirado poeta, membro da Academia Matogrossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, professor universitário, etc. Mas, se toda a sua trajetória nesse longo espaço de tempo me foi reportada por outrem, da sua vida, até 1.948, tomei conhecimento por uma convivência, nascida da amizade entre bons vizinhos, naquela Cuiabá de outrora. Embora, ele, tivesse alguns anos mais que eu; ambos éramos meninos da "Mandioca". Crescemos naquele pedacinho da Cidade que tinha o sabor de século XVIII, o que nos

conduzia a uma certa intimidade com histórias de índios, bandeirantes, ouro e escravos. Fomos assombrados pelos mesmos fantasmas e pelas mesmas, folclóricas e horripilantes, criaturas.

Benedito Sant'Ana da Silva Freire foi um menino bom, querido e admirado por todos: era companheiro, prestativo e dinâmico; sem prejuízo da sua cativante humildade. Lembro-me que o seu primeiro emprego foi como auxiliar do meu pai em sua oficina de rádios; era, conseqüentemente, freqüentador assíduo da nossa casa. Ninguém o conhecia, então, pelo verdadeiro nome; sendo chamado apenas, carinhosamente, por Bugrinho.

Depois, já rapazes, numa época em que os jovens caminhavam com os seus próprios pés; sempre que, ao retornarmos do "Jardim" para as nossas casas, ao fim da noite, vínhamos conversando, até à porta da minha casa, que se situava primeiro. Naqueles tempos, quando não era dia de namoro, os moços se reuniam pelo simples prazer de uma boa conversa.

Conheci, portanto, o "núcleo" do nosso Silva Freire, sobre o qual se acumularam as diversas camadas de convenções sociais, conhecimentos, sucessos e, inevitáveis, fracassos; que todos nós, obviamente, já tivemos no decorrer das nossas vidas. Desde cedo demonstrou, ele, que seria um vencedor pelos seus próprios méritos.

Neste momento que perdemos, para sempre, a sua convivência terrena, só posso desejar que, ele, se despindo de todos os seus títulos, sucessos e glórias humanas, caminhe para a vida eterna apenas como o menino bom, simples e puro que conheci, e, tenho certeza, lá encontrará o nosso Criador que o receberá dizendo:

"-Seja bem-vindo, Bugrinho...; tome um lugar em minha casa!"

Cuiabá, 11 de agosto de 1991

TERMOS E TEMAS REGIONAISNA "TERRA NATAL" DE D. AQUINO

Carlos Francisco de Moura
Sócio Correspondente do Instituto Histórico
e Geográfico de Mato Grosso

Convocado pelo Ilustre Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Dr. Luis-Philippe Pereira Leite, não me poderia furtar a emprestar colaboração embora modesta à meritória obra que se propôs realizar de reunir os escritos de D.Aquino, o que dele pensaram, disseram e escreveram seus contemporâneos, e também estudos modernos sobre sua obra.

Pouco afeito à literatura propriamente dita, abordarei assunto mais afim aos estudos **mato-grossense** que venho realizando.

O livro de D.Aquino **Terra Natal** tem sido considerado como uma coleção de jóias poéticas.

"(...) **Terra Natal** é um tesouro de arte, tornado mais precioso pela cívica inspiração que o anima inteiro. Cada composição que encerra é uma jóia burilada por mão magistral" (Ataulpho de Paiva, Discurso pela Posse na Academia Brasileira de Letras, a 4/12/1927, in **Discursos Acadêmicos**, 1944, p. 147).

"O seu livro **Terra Natal** é um verdadeiro escrínio de jóias do mais fino quilate com que o poeta exalta as riquezas e os encantos da terra" (Nilo Póvoas, **Galeria dos Varões Ilustres de Mato Grosso** -obra póstuma-, vol. I, 1977, p.66).

Vamos pois, de bateia em punho, garimpar o que de mais regional em termos e temas contém a **Terra Natal**. E tomando como fulcro os versos e a prosa de D.Aquino e com o apoio de autores mato-grossenses e de outros que estiveram na região ou sobre ela escreveram, ressaltar as suas singularidades. Entram portanto na bateia também as notas explicativas de D.Aquino e "O Belo nas Letras", que aparece na edição "À Maneira de Prefácio", e que foi o discurso oficial proferido na instalação do Centro Mato-grossense de Letras a 7/9/1921.

A edição utilizada é a 3ª (Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1940), e Mato Grosso não é o atual, mas o da época de D.Aquino.

Alguns temas fundamentais da região, como **Pantanal** e **cerrado**, pela própria importância e pela extensão que demandam não cabem neste

artigo. Merecem estudos à parte.

AGUAPÉ

À tona das águas, em rios selvagens,

Que linda não é.

Abrindo entre verdes e largas folhagens,

A flor do aguapé!

Já vão camalotes boiando nas águas,

Aos bandos até!

Num deles flutua, ai! já murcha de lágrimas,

A flor do aguapé.

Do poema *A Flor do Aguapé* (pp.102/3).

A palavra aguapé é registrada em Mato Grosso desde os primeiros tempos da colonização. Assim é que o Capitão João Antônio Cabral Camelo nas suas *Notícias Práticas das Minas do Cuiabá*, descrevendo a viagem que fez em 1727, informa quanto à navegação do Paraguai-mirim:

“Gastam-se comumente quatro dias: é este rio um bracinho do Paraguai-açu, que sai dele pela parte direita, e se divide em outros muitos, que cruzam de uma para outra parte; está comumente cercado ou cheio de umas ervas a que chamam *aguapés* (iguapés) que algumas vezes é preciso cortá-las para se poder passar adiante: motivo por que ainda os mais práticos se perdem nele, e neste rio são certos os Paiaguás”. (p.11)

Pela mesma época Gervásio Leite Rebelo, Secretário do Governador de São Paulo Rodrigo César que foi a Cuiabá elevar o arraial a vila, também descreve os aguapés do rio Paraguai-mirim.

“Em 19, se fez viagem das 4 horas da manhã até as 5 da tarde, tudo pantanais cheios de água com uma erva rasteira, que chamam *aguapés* (sic) e que tapam os rios e canais tanto, que ainda os mais práticos se confundem e perdem neles; neste dia vimos várias ilhas destas ervas, que vinham pelo rio abaixo, que as tropas dianteiras tinham cortado para descobrirem os canais e rios por onde navegar com segurança e nos deram algum trabalho por nos encostarem as canoas ao mato e nos embaraçarem a viagem”. (*Notícia 6a, prática*, p.126)

O General Couto Magalhães descrevendo esse *imenso tapete* que cobria as águas, informa:

“A planta que forma este tecido é uma espécie de lírio aquático de flores brancas em cachos, com o cálice da corola às vezes roxo, às vezes cor de rosa; é conhecida pelo nome guarani de *aguapé*”. (p.6/7)

Segundo Bernardino José de Souza, “É termo principalmente usado na região sulcada pelos rios da bacia platina, mais especialmente o Paraguai

e seus tributários, bem como no **interland brasileiro**" (**Dicionário da Terra e da Gente do Brasil**, p.6).

Informa ainda esse autor que na Bahia chama-se **golfo** ou **golgão**, e que "da Bahia a Pernambuco chamam-se **baronesas** às pontederiáceas que cobrem largos trechos dos rios e lagoas". (*idem*, p.7)

Lembra Severiano da Fonseca que a aguapé correspondem no Pará os termos **mururé** e **auapi**. (*Viagem*, I, p.314)

AMASSA-BARRO

É o terceiro tocaio, o João-de Barros,
Mas um tipo simpático de obreiro,
Que impressiona, apesar dos modos charros,
Bem melhor que o segundo e que o primeiro.

Na sua blusa humílima de cáque,
Vive, de sol a sol, sempre ocupado:
É o "amassa-barro", ninguém há que o ataque,
Todos respeitam o trabalho honrado.

Do poema **Os Três Xarás**, que fala em três pássaros de Mato Grosso - o João-Congo, o João-Pinto-Sofrê e o **Amassa-Barro**

Amassa-barro é como é denominado em Mato Grosso o João-de-barro. Popularmente a pronúncia é aliás massa-barro.

ANHUMA

Mas, de repente, em amplo vôo, a anhuma
Enche do seu nostálgico gemido,
A infinita solidão do plaino verde.

Do soneto **Pantanal** (p.99).

Cavalcanti Proença descreve as anhumas e seus hábitos.

"Aos casais também, ou de três em três, gritam, agudamente, as anhumas gordas, pesadonas como perus silvestres. São rigorosamente vegetarianas e têm o estômago enorme, guardadas as proporções, como um rúmen de bovino. Arisca e de sono leve, a anhuma anuncia, aos gritos, a presença do caçador, avisando as capivaras que dormem à beira d'água ou os veados que retouçam nas vazantes. O caçador a odeia, e não lhe perdoa o escândalo que põe a perder a caçada"(...)

"Há duas espécies de anhuma, e o povo não as confunde, distinguindo a anhuma da anhumapoca. Anhumapoca é a cornuda, com esporão na cabeça" (**No Terno de Cuiabá**, p.26).

ARACUÃ

Ó praias! matas! araquãs selvagens,
Cantando o hino estridente entre as ramagens
Das lindas canafistulas em flor!

Do soneto **Santo Antônio** (p.65P).

A palavra é onomatopáica.

"(...) despertamos cedo, por causa da alvorada das araquãs se alegrando com o romper do dia. Gritam como umas desesperadas, rouquenhas, valorizando as traquéias longas e volteadas, cuja excentricidade já havia chamado a atenção de Gabriel Soares. O povo traduz-lhe o grito como anseios de casamento: "quero casar pró natal, quero casar pró natal" ou como determinações de campeiro: "Pega o boi pra capá, pega o boi pra capá". (No **Termo de Cuiabá**, pp.22/30).

Taunay também as cita no romance **Inocência**.

"Ao longe, à beira de algum rio, as aracuãs levantam a sonora grita" (o.c. p.236).

O primeiro Governador de Mato Grosso, D. Antônio Rolim de Moura as menciona no seu diário de viagem ao chegar ao rio Taquari (1751).

"Há também pelos matos muitas araquãs, jacus e jacutingas; passam de bom gosto, saudáveis, de modo que se dão aos doentes principalmente as araquãs, que sendo destes os mais pequenos, sempre têm o tamanho das nossas frangas" (Ana Mesquita Martins de Paiva et alii, **D. Antônio Rolim de Moura, Primeiro Conde de Azambuja (Correspondências)** vol 1, p.19)

A palavra aparece grafada ora aracuã, ora araquã. O **Grande Aurélio** registra **araguã**.

BIGUÀS E BIGUATINGAS

Como nadam biguás e biguatingas !

E os grandes barcos ao bater das zingas!

Do poema **Santo Antônio** (p.69).

Cavalcanti Proença faz a distinção entre **biguás** e **biguatingas** e dá informes sobre seus hábitos.

"Outras espécies que andam em bando são os **biguás**, **biuá** como pronunciam os caboclos" (o.c., p.26).

"Tem hábitos curiosos o biguá. Mergulhador exímio, passa a maior parte do dia dentro do rio, apenas agitando fora d'água o pescoço fino que dá a impressão de uma cobra nadando. Quando deixa o rio e se empoleira num galho da margem, é para retocar a toailete, engraxando as penas com o bico, a fim de evitar que se molhem nos mergulhos demorados, o que o impediria de alçar vôo, diretamente de dentro d'água para o ar" (o.c., p.27).

Enquanto o biguá é todo negro, o biguatinga tem o pescoço claro e uma faixa branca na asas.

"(...) à noite dorme numa árvore da margem, sempre a mesma, e que, ao fim de pouco tempo, está pelada, sem folhas, recoberta de uma crosta branca do urato proveniente das dejeções da colônia. Fica se chamando árvore-de-biuá" (o.c., p.26).

O **Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa** registra mais um regionalismo mato-grossense - **Biguar**, em M.Grosso significa procurar diamantes na areia dos rios, mergulhando.

O BOI CUIABANO

Ao nostálgico chiar da cantadeira,
O carro sobre a serra. Descangada,
Já no pouso, da tarde à luz fagueira,
Pasta e resfolga a plácida boiada.

Longe, longe, na intérmida baixada,
Azula o pantanal. Da alta ladeira,
O boi que deixa a sua terra amada,
Contempla aquela cena derradeira.

Anos de exílio! Trôpego e vencido,
O velho boi, ao ver que a morte o espera,
Num triste olhar, os quatro céus percorre...

Fita um quadrante: é a pátria! E num mugido
De saudades do campo, onde nascera,
O grande boi heroicamente morre!

Numa nota de pé de página D.Aquino esclarece o título do poema - "Dizem os boiadeiros que o boi cuiabano, ao morrer, procura voltar-se para a banda dos pantanais, onde se criou" (p.187).

A mesma tradição se encontra em Cavalcanti Proença.

"É o remanescente do gado pantaneiro que hoje começa a ser substituído inteira e rapidamente pelo zebu. Gado do pantanal que, na observação dos campeiros, quando afrouxa no caminho e não pode seguir viagem, ao morrer, volta a cabeça para os lados onde nasceu. E quem lhe encontra o esqueleto, alvejando nos campos, nota a linha das vértebras, feito seta rodoviária, apontando o pantanal" (o.c., pp.123/4).

BURITI

Desce os campos gentis de São Vicente,
Onde o seu berço jaz, sob o virente
Sobrecéu dos formosos buritis
Do poema **Rio das Mortes** (p.78).

Ó gado manso! Ó buritis selvagens
Do poema **Mimoso** (p.89)

E agitam-lhes suaves
Flabelos de esmeralda os verdes buritis
Do poema **Bispo Missionário** (p.135).

Do poema **Buriti Solteiro** são os seguintes versos:
Nos chapadões em flor, onde o alto São Lourenço,
Atravessava, outrora, um sertão bruto e imenso,
O "buriti solteiro" erguera a fronde ao sol:
Erecto, solitário, em meio da planura.

Mas um dia o feriu, em plena frente, o raio.
E o buriti morreu!

Salve, augusta palmeira, ó buriti sagrado!
Testemunha talvez desse longo passado

A presença de buritis denuncia a existência de lençol de água, e já no século XVIII o termo buritizal era empregado como sinônimo de brejo. O diário da viagem que o governador nomeado de Mato Grosso Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres fez em 1772 já o registra.

"(...) e o mesmo sucede um pouco mais adiante a respeito dum boritizal ou brejo igualmente invadiável"(1).

Ulisses Cuiabano é autor de um poema que tem quase o mesmo título do de D.Aquino - **O Buriti Solitário**.

CAMALOTES

Já vão camalotes boiando nas águas,
Aos bandos até!
Do poema **A Flor do Aguapé** (p.103)

Segundo Bernardino José de Souza "Termo do Sul do Brasil, especialmente de Mato Grosso, o qual designa ilhas flutuantes formadas de

plantas aquáticas, aguapés, que descem os rios, à mercê da corrente, logo que começam a receber as primeiras águas” (**Dicionário da Terra e da Gente do Brasil**).

Outro termo regional correspondente é **tapagem**.

A palavra que na Amazônia corresponde a **camalote** é **periantã** (o.c.)

“Destacados das baías, cujos sangradouros estuam, ou das barrancas do rio, os camalotes de aguapé, vogam, em balsas de verdura, até que, redemoinhando, num remanso, encontrem novo ponto de fixação, ou, ganhando a corrente-mestra do Paraguai, desçam lentamente, águas abaixo, abandonando para sempre o lugar de nascimento” (Cavalcanti Proença, o.c., pp. 82/3).

CAMBARÁS

Sorrias-me nas flores da piúva,
E na dourada flor dos camarás!

Do poema **Ninho em Flor**

“Cheias de velas de ouro, das espigas de flores amarelas, luzente como árvore-de-natal, o camará, muitas vezes de tronco broqueado, em cujo oco os morcegos vermelhos fazem morada, para, ao crepúsculo da tarde, voar às centenas, renteando o espelho do rio, à procura de peixe” (Cavalcanti Proença, o.c., p.80).

Segundo o mesmo autor, o camará, apesar de ter muitos préstimos -serve para fazer boas canoas, pilões, tábuas de porta, caibros- “rapidamente transforma campinas em savanas” (o.c., pp.35 e 84).

“Os velhos moradores do pantanal sabem, sem sombra de dúvida, que pedaços de chão onde, hoje, crescem bosques de camará e paratudo, ensombrando campos de criação, foram roubados às gramíneas forrageiras”. (o.c., p.35).

CANDIMBA

Pia uma ave. Das moitas enfloradas,
Sai, espreitando, a tímida candimba
Do poema **Ave, Maria!**

Na acepção do poema é difícil de encontrar a palavra nos dicionários correntes. Parece que a maioria deles desconhece o uso regional.

Não está no Grande Aurélio, que registra apenas:

“Candimba (do quimb. **kandemba**) s.m.1 Bras. MG pop. Dificuldades, apertos, apuros. Sin. (bras. S): tipiti. 2.Bras. tapiti.”

Renato Mendonça não registra o vocábulo na obra **A Influência**

Africana no Português do Brasil.

É preciso recorrer ao **Resultado dos Trabalhos e Indagações Estatísticas da Província de Mato Grosso**, de Luiz d'Alincourt, datado de 1826, para rastrear o emprego regional.

Enumerando os quadrúpedes de caça, o autor relaciona:

-“Coelho, a que chamam orelhudo”, e

-“Candimba, qualidade de pequeno coelho”

Mais adiante ele menciona “Tapti (sic), Candinga (sic) (*Lepus brasiliensis*) (o.c.,p.261).

Aparentemente a última citação - **candinga** está por **candimba**, pois **tapiti** é sinônimo ainda usado.

Candimba não é palavra que se encontra nos dicionários mais comuns. Não a registra, também, o **Dicionário do Brasil Central**.

Foi preciso recorrer a um dicionário das “línguas nativas do Centro e do Norte de Angola” para encontra a palavra na acepção em que é empregada em Mato Grosso. No **Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo**, do Pe. Antônio da Silva Maia, encontramos:

-uma das palavras que correspondem a coelho em Quimbundo é **ndimba**

-a **lebre**, na mesma língua correspondem, entre outras, a própria **ndimba** e também **kandimba**.

A **Gramática de Kimbundo**, de José Luiz Quintão (Lisboa, 1934), informa que o diminutivo nessa língua é formado acrescentando-se o prefixo **ka** à palavra. E cita como exemplos:

hoji - leão kahoji - leãozinho

mona - filho kamona - filhinho

ditadi - pedra kaditadi - pedrinha

mumbundu- preto kam'bundu - pretinho

É evidente, portanto, que **candimba** é o diminutivo de **ndimba** (coelho em kimbundo).

CORIXO

E vendo os grandes jacarés deitados,

Ao longo dos corixos cristalinos.

Do poema **Mimoso** (p.90)

Verde mar de gramíneas, mar parado

Que os corixos, qual serpe desconforme

De cristal, vão cruzando lado a lado,

do poema **Pantanal** (p.99).

Segundo o **Dicionário Geológico-Geomorfológico** de Antônio Teixeira Guerra, Corixo é “designação regional do Pantanal de Mato Grosso, para os pequenos riachos permanentes que ligam as baías”.

Segundo Virgílio Correa Filho, “assim se denomina o canal de ligação de uma baía a outra, ou rio próximo, como também a escoante de depressões pantanosas, ou braço morto de rio, que ainda mantém água, embora temporária. Também se usa a forma feminina - Corixa -, que se acha consagrada em documento diplomático, definidor dos limites entre o Brasil e a Bolívia” (**Fazendas de Gado no Pantanal Mato-Grossense**, p.53).

Leverger diz que “são pequenas e estreitas baías; dão também este nome a verdadeiros regatos ou ribeiros não perenes” (RIHGB, 1862 212, citados por Macedo Soares).

Os autores consultados silenciam sobre a etimologia deste regionalismo. Macedo Soares no seu **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa** só faz indagações - “ETIM.? guaicuru ? guarani?”.

Cita Severiano da Fonseca, que também pesquisou e não encontrou a origem da palavra, e dá informação negativa sobre procedência boliviana que supõe.

“São escoadouros dos terrenos mais altos, e nestas regiões conhecidos sob o nome de corixas ou coriches (a) - (a) Não é palavra portuguesa, nem sei a sua origem. Mesmo os bolivianos, de cujo país a suponho recebia, não puderam elucidar-ma, não a conhecendo numa dezena de dialetos dos mais conhecidos, desde o quíchua até o chiquitano” (**Viagem ao Redor do Brasil**, I,p.45).

Resta, portanto, por estabelecer a etimologia do regionalismo mato-grossense **corixo**.

FIGUEIRA DO ADEUS

Descabelada, a sós, por sobre a imensa praia,

Pende a velha figueira (...)

É a figueira do adeus a esta terra que adoro!

Do poema **Figueira do Adeus** (p.157).

Numa nota de pé de página D.Aquino esclarece o título do poema -A Figueira do Adeus era a “figueira do porto de embarque em Cuiabá” (idem).

Quando a principal via de acesso à cidade era a fluvial, a figueira do porto fazia parte da paisagem sentimental da cidade, como atesta o poema.

Cavalcanti Proença descrevendo a chegada a Cuiabá de barco, fala na figueira.

“Lá está a igreja de S. Gonçalo, com o santo em cima da torre, sobre o globo dourado; o cais de pedra-canga feito por Leverger, muito alto, dando idéia da altura a que podem chegar as águas da enchente; uma figueira enorme nascida entre as pedras do cais, dando sombra às lavadeiras e aos garotos que se preparam para pescar piraputangas no porto” (No Termo de Cuiabá, p.34).

Figueiras, com suas grandes copas destacam-se em muitos trechos da paisagem mato-grossense. Pela sombra que davam, eram locais escolhidos para pousos nos longos e desertos caminhos do sertão. O pintor Hércules Florence faz menção delas em várias passagens do seu diário de viagem (2).

O GUARANÁ

Entrando airosa,

A neta vai, à flor de fina grosa,

Ralando o guaraná, com maestria.

E feita assim, por suas mãos de rosa,

Numa salva de prata luzidia,

Quão pura e perfumada não sorria,

No cristal, a bebida milagrosa.

Do poema *O Guaraná* (p.167).

Sobre essa tradição regional, passamos a palavra a Joaquim Ferreira Moutinho, que escreveu *Notícia Sobre a Província de Mato Grosso* (1869).

“O guaraná é geralmente usado como limonada em todas as povoações da província. Está tão introduzido o seu uso como o do mate nas repúblicas do Paraguai e do Prata, como o café nas províncias de Goiás, Minas e S. Paulo” (o.c.p.210).

“Usam na província servi-la em copos pequenos, dos quais geralmente se faz uso para vinho, em uma pequena salva de prata, sendo a colher especial, porque a concha é um pouco menor que a de uma colher de chá, e o cabo tem um palmo de comprimento. Algumas pessoas têm-na de ouro” (o.c.p.210).

Como todo o guaraná consumido em Mato Grosso era importado do Pará, era “um vício caro”, pois “a todas as visitas se oferece essa bebida, que é sempre aceita” (p.c.p.211).

Roquete Pinto em exploração ao norte de Mato Grosso em 1912, encontrou, muito além do pouso do Chapadão dos Parecis, um seringueiro que vivia absolutamente só naqueles ermos sertões, e que o convidou a visitar sua feitoria.

“Cuiabano, dos bons, ofereceu-nos um guaraná mexido com colher de prata, num copinho de vidro grosso; depois, submeteu-se ao meu indispensável interrogatório, com doçuras e modos de quem já estivera morando na Cidade. A cidade, para o sertanejo, é Cuiabá” (Rondônia, 4a. ed., p.158).

Salva de prata, colher de prata ou de ouro, copo de cristal ou de vidro, cerimonial, requintes que lembram o século XVIII, em que começou o povoamento de Mato Grosso (3).

JAÓ

Por ti choraram as jaós ligeiras,
Soluçaram na mata as cachoeiras,
Do poema **Bodaqui** (p.151).

Noite e dia,
Solta músicos respiros,
Triste e só
- Alma feita de suspiros -
A jaó

Sob as flores e entre os ramos
Do cipó,
Já suspira os seus reclamos
A jaó

Varre as fonas da queimada,
Cirza e pó,
Só ecoa a voz magoada
Da jaó

Tudo cala. Mas na mata,
Meiga e só,
Inda os fundos ais desata
A jaó

Como é doce a voz tão terna,
Que dá dó,
Dessa mágua inata, eterna
Da jaó!

Onde sempre, noite e dia,

Meiga e só,
Chore a fúnebre elegia
A jaó.

Triste e só,
- Alma feita de suspiros -
A jaó!
Do poema **A Jaó** (pp. 188/90).

Viveram já, contubernais e amigas,
Alternando as nostálgicas cantigas,
A jaó e a perdiz:
Do poema **A Perdiz e a Jaó** (p.191).

Macedo Soares no seu **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa** registra:

"Juó-juó-jaó - sm. e f. galinácea. "Ave que articula distintamente o seu nome, mas com acento triste".

Fala na jaó a canção sertaneja **Soffrê num póde**, com versos de Franklin Casiano da Silva e música de Zulmira Canavarros.

E a jaó
Lá no serrado
Canta tristonha
De ouvi meu canto
Tão magoado (4).

"LUFADA"

PLENILÚNIO de abril. Desmaia a lua,
Ao beijo rosicler das madrugadas.
E eis sai dos pantanais onde flutua,
O cardume de escamas nacaradas.

Sai rio afora, e o rio todo estua
No arrepio das rijas rabanadas.
Rebrilha o sol: na luz intensa e crua,
Palpitam as libélulas douradas.

Freme a terra selvagem e opulenta,
Numa orgia de vida, que rebenta
Em festa, em riso, em músicas, em flores.

E para o azul, como um gorjear bravoio
De pássaro feliz, sobe do rio
A límpida canção dos pescadores.

Em nota de pé de página, D.Aquino explica o título do poema.

“**Lufada** no rio Cuiabá, é a **piracema** dos tupis, isto é, o estrepitoso tumultuar dos peixes ao saírem, rio acima, das baías e pantanais, quando estes vazam, o que só coincidir com a linda estação da lua cheia de abril ou maio” (p.100).

Enquanto na Amazônia, em São Paulo e em outras regiões, a migração dos peixes é designada com uma palavra de origem tupi, em Mato Grosso o é por palavra portuguesa - **lufada**.

Lufada é termo antigo, muito usado pelos homens do mar - “rajada. Sopro de vento forte que pode repetir-se com intermitências” (**Dicionário da Linguagem de Marinha Antiga e Atual**). “Lufada - Borbotão de vento mais fraco que a refrega. Lufar - Soprar o vento às lufadas” (**Dicionário Ilustrado de Marinha**).

O **Grande Dicionário** de Antônio de Moraes Silva registra - “Lufada - Sopro forte de vento; rajada; rabanada violenta, mas intermitente”.

“A lufada é o êxodo dos peixes do Pantanal, rumo às cabeceiras dos grandes cursos d’água. Todos os anos, entre maio e junho, se verifica esse fenômeno” (Ernesto Vinhais, Feras do Pantanal, citado por Bernardino J. de Souza).

O **Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa**, registra também a palavra com outra acepção:

“Lufada - 2- Método de pesca em rios, em que os peixes são atordoados à noite pelo fogo de fachos, chegando a saltar dentro das canoas”.

MÃE DE PEIXE

Em nota ao poema **Lufada**, D.Aquino informa que a expressão **mãe de peixe** é um regionalismo cuiabano, equivalente a libélula ou lavadeira.

“Por esse tempo, costumam também aparecer sobre a cidade enxames de libélulas ou lavadeiras, a que, por esse fato, os cuiabanos apelidaram **mães de peixe**” (p.100).

Cavalcanti Proença também registra a expressão, e informa outro sinônimo regional - **papa-mosquito**.

“Os insetos odonatas, além do nome de papa-mosquito - pelo hábito de molhar a extremidade do abdômen na água e aparecer com mais frequência no tempo da lufada - são chamados **mãe-de-peixe**” (o.c.,p 47).

Não encontramos nos dicionários consultados as expressões **mãe de peixe** e **papa-mosquito**.

"PAUS-RODADOS"

Das altas cabeceiras verdejantes,
Por onde o Rio-Manso e o Cuiabá,
Enlaçam no colar dos seus diamantes,

Precipita-se e tomba a bruta enchente.

E cresce e espuma e tudo arranca e invade,
Té que se vê, aos soturnos roncoss,
Passarem pelo porto da cidade,
Raizes, galhos e moirões e troncos,
Que o meu rio natal leva arrastados,
Numa pompa triunfal de paus rodados.

Em nota de pé de página, D.Aquino esclarece o título do poema: **"Paus-rodados** se apelidam em Cuiabá os filhos de outros estados, a muitos dos quais, entretanto, deve Mato Grosso os mais valiosos serviços" (p.169).

A expressão é encontrada em vários autores.

Hermano Ribeiro da Silva, que esteve em Mato Grosso em 1930, informa - "os cuiabanos denominam os alienígenas de **pau-rodado**, depreciando-os como indivíduos de maus costumes e sem valor, como que as inutilidades que são carregadas pelas enxurradas..." (**Garimpos de Mato Grosso**, pp. 70/1).

Cavalcanti Proença informa que o "o pacu é perigoso para o pau-rodado que lhe come a cabeça, pois nunca mais que deixa Mato Grosso". E informa em nota que **pau-rodado** é "Indivíduo de outras terras que vem tentar a vida no Estado. O interessante é que o pau-rodado, nesse caso, veio contra a correnteza". (**No Termo de Cuiabá**, p. 40).

Filogônio de Paula Correa atribui a criação da expressão na época de Totó Paes, poeta Frederico de Oliveira, que usava o pseudônimo de **Zé Capié**, passemos-lhe a palavra.

"O período de domínio do Cel. Antônio Paes de Barros atraiu para Mato Grosso grande leva de aventureiros políticos (...) Essas levass de aventureiros, inspiraram a poesia de Frederico de Oliveira o - Zé Capilé, criador da denominação de - Paus rodados, para o filho de fora desocupado, vindo para aqui explorar a politicagem sem escrúpulos. É de **Zé Capilé** a seguinte quadra caipira:

E depois a canaia de fora
Pau rodado que aqui encaião
Priquitada em redó do governo
A chupá todo o nosso suô".

(O nome João em Mato Grosso. Revista da Academia Mato-grossense de Letras, tomos XXI-XXIII, 1943, pp. 123/4).

Rubens de Mendonça também atribui a expressão a Zé Capilé - "Frederico Prado foi quem criou a expressão **pau-rodado**, para designação de aventureiros que vinham outrora explorar a política do Estado" (*Dicionário Biográfico Mato-grossense*, 2a. ed. p.122). Seu nome completo era Frederico Augusto Prado de Oliveira, foi poeta e jornalista, considerado "o Emílio de Menezes Cuiabano", colaborou em vários jornais e revistas do Estado e deixou inédito um volume de versos satíricos (o.c.).

Antônio Paes de Barros governou Mato Grosso de 1903 a 1906. Frederico Prado nasceu em Cuiabá em 1877 e teria pela época 26/29 anos. Filogônio de Paula Correa nascera em Cuiabá em 1866, e teria na época 38/40 anos. Foi, portanto, contemporâneo do governo de Totó Paes e do poeta satírico, daí a importância de seu depoimento.

O verbo **rodar** é termo de marinharia, muito antigo em português. É documentado na segunda metade do século XV em Gomes Eanes de Azurara - "... houveram conselho de **rodar** o mar, pera haverem mais certo sentido de qualquer cousa que passassem..." (*Crônica de D. Duarte de Menezes*, p.175, cap. XXI). A autora que cita esta passagem dá a **rodar** o sentido de "cruzar o mar" (Maria Alexandra Tavares Carbonell Pico, *A Terminologia Naval Portuguesa Anterior a 1460*, p. 513).

Aplicado à navegação fluvial, o verbo significa "percorrer navegando na direção corrente: rodamos o rio até a foz" (GEPB).

O termo é encontrado em Mato Grosso desde os primeiros tempos da colonização, como atesta o primeiro cronista de Cuiabá, José Barbosa de Sá, em várias passagens.

"Vindo neste mesmo ano (1728) do Sertão dos Parecis bastante gente embarcada em canoas **rodando** Paraguai abaixo com muito gentio que daquele sertão traziam..." (*Relação das Povoações de Cuiabá e Mato Grosso*, p.26).

"Miguel Pedroso da Silva, mancebo ituano, perdendo no conflito pilotos e remeiros lhe **rodou** a canoa até o barranco do rio adonde estavam alguns companheiros ..." (o.c.p.28, ref. 1730).

"... os Paiaguás recolhidos às suas canoas **rodaram** rio abaixo ..." (o.c., p. 31, ref.1731).

"... dispararam-lhes da armada as duas peças de artilharia a um tempo com bala miúda que os fez amainar a fúria e **rodaram** para baixo deixando sobre as águas muitos mortos e feridos ..." (o.c., p 31, ref.1731).

O governador D.Antônio Rolim de Moura também empregava o termo.

"Este rio Vaporé (Guaporé), foi sempre tido por incapaz de se

navegar, desde o lugar da passagem, até ao desta Vila, e os sertanistas antigos afirmavam haver nele cachoeiras e saltos terríveis e sumidouros, e até ao tempo, que ali chegou o Juiz de Fora, Teotônio da Silva Gusmão, pessoa alguma havia **rodado** por ele, mais que um criminoso, e deste se não sabia ainda o sucesso ..." (5).

Em Goiás a expressão **pau-rodado** também é usada.

PIQUIZEIRO

O passaredo que, a gorjear, se agrupa,
Dos piquizeiros na sombria rama,
Onde madura a perfumosa drupa!
Do poema *O Cerrado* (p.96).

Do **piqui** ou **pequi** é feito um prato típico regional - o arroz de pequi, e também o famoso **licor de pequi**.

NOIVADOS À BEIRA-RIO

"Pesquisai, enfim, as nossas lindas tradições populares. Quantas riquezas inéditas! Tome-se uma ao acaso: os noivados à beira-rio. Bem os conheceis muitos de vós: é uma flotilha de canoas. À frente, todo empavezado de flores do mato, vai o batel dos noivos: três canoas amarradas, onde bracejam, em pé, robustos remadores. No cabo longo dos remos, bem na ponta, flutuam garridamente ao vento da tarde, as cores álacs dos lenços de alcobaça.

Espoucam, de quando em quando, tiros e foguetes, que em meio ao vivório alegre do cortejo, repercutem amplamente, barrancas afora, por toda a redondeza do estirão solitário.

Vão receber a bênção do céu, na igreja da freguesia.

Vão e voltam cantando. Na volta, já o silêncio do crepúsculo baixou sobre a natureza ambiente, e, ao longe, os ecos repetem claramente o estribilho nostálgico:

Adeus, minha mãe

Do meu coração!

É a canção tradicional dos esposos em despedida aos carinhos maternos.

Vão remando. Vão cantando. E a barcarola sobe, num trêmulo saudoso, até às estrelas comovidas. A lua, qual se fora, no céu, fantástica laranjeira toda florida, desfolha agora, à passagem da flotilha nupcial sobre a água célere do rio, uma deslumbrante ilusão de pétalas de prata.

Chegam. A passarada ribeirinha alvoroça-se nos ninhos e, além, na mata próxima, as araquãs bravas preludiam a conhecida onomatopéia epitalâmica do seu canto, que vai romper festivamente na crástina

madrugada.

(À Maneira de Prefácio - O Belo nas Letras

- Discurso oficial proferido pelo autor, na instalação do Centro, hoje Academia Mato-Grossense de Letras, a 7 de setembro de 1921, **Terra Natal**, 3a. ed. Rio de Janeiro, 1940, pp. 33/4).

Este texto de D.Aquino documenta uma interessantíssima tradição cuiabana - o cortejo nupcial em canoas.

Não lhe escapou sequer o pormenor dos **lenços de alcobaça**, atados na ponta dos longos cabos dos remos, flutuando ao vento, com suas **cores álacres**.

Alcobaça é uma vila portuguesa onde existe o célebre mosteiro medieval da ordem de Cister (Mosteiro de Alcobaça). Entre os produtos de artesanato da vila figura a "tecelagem das chitas e lenços, chamados alcobaças, com tradição secular e largo aproveitamento nas artes decorativas".

Dicionário e enciclopédias registram o termo - "**Alcobaça** - s.m. Lenço grande, em geral encarnado, fabricado em alcobaça; usado ainda pelos camponeses da região, e de largo emprego nas artes decorativas". (**Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira**).

Cavalcanti Proença também registra o cortejo dos noivos pelo rio.

"Na canoa vai o caboclo em busca das **funções**, onde se canta o **cururu** e se dança o **siriri**; vão os noivos e o acompanhamento nas festas de casamento, despertando o silêncio com as cantorias acompanhadas de viola de coxo, dando susto nas estrelas com o estrondo dos foguetes" (**No Termo de Cuiabá**, p.37).

Essa tradição enfatiza a importância vital que, nos tempos antigos, tinham as comunicações fluviais em Mato Grosso (6).

PIÚVA

E ostentavam as floridas piúvas,

Umás vestidas de ouro, outras de rosa

Do poema **Primeiro Natal** (p. 145).

Beijando a avenca e a samambaia bruta,

O monjolo de piúva bate e luta

Do poema **O Monjolo** (p.68)

Em vários trechos da obra **No Termo de Cuiabá** Cavalcanti Proença menciona piúva e piuveiras.

"Quebrando a monotonia da planície, surgem, aqui e ali, capões de mato cujo revestimento verde-escuro é contrastado, em agosto, pela floração roxa das piuveiras, freqüentadas por bandos de araquãs mansas e gritadoras, gulosas de flores" (o.c.,pp.80/1).

A madeira da piúva é usada na pesca de facho, nas noites de lua nova.

“O caboclo põe na proa um pouco de barro ou uma telha, lasca achas de piúva preta e põe fogo. A chama viva e clara nasce da madeira resinosa, iluminando o espelho d’água. O peixe que anda por perto vem reconhecer a luz e fica encandeado. Só é preciso pontaria e mão firme na fisga - de ponta de ferro, sagitada - para colher o dourado ou o pintado que vieram admirar o facho” (o.c.p.36).

Mas nem toda piúva presta, é preciso que seja de flor roxa, piúva preta, e que dê em terreno seco; piúva que nasce na umidade da barranca não dá facho de encandecer o peixe” (o.c.,p.37).

“Madeira importante na zona é esta piúva. Despe-se das folhas para cobrir-se de flores amareladas, se é piúva branca, ou roxas, quando é preta. Em seus galhos vêm comer as araquãs, com enorme escândalo de gritos. O cerne é duríssimo e o mais pesado de todos. Tão pesado que canoa de piúva, quando emborça, vai ao fundo, não bóia”. (o.c.p37).

Segundo Roquette-Pinto, “piúva é o nome que os cuiabanos dão ao ipê - que anima os tons da mata durante a floração”. Em nota a esta passagem, o Prof. Alberto José de Sampaio observa: “O nome piúva ou peúva é uma corruptela de ipê-uva, pelo menos em alguns casos”. (Rondônia, 6a.ed.,1975, p.55).

SARÁ

Entre barrancas marchetadas de ouro,
Por onde se debruça, esmeraldina,
A pompa dos sarãs, voga em surdina,
A monção (...)

Bariani Ortêncio no seu **Dicionário do Brasil Central** define sará como “arbusto das margens do rio Araguaia, cujos galhos vão para dentro d’água. As folhas são espinhosas e a madeira muito leve; serve como bóia. Esfregando-se um pedaço de sará no outro faz-se lume”. Menciona também as variantes - saran, sarão e sarandi.

Rufino Antônio Segurado na sua **Viagem de Goiás ao Pará**, publicada em 1848 na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, refere-se a **saran** e **saranzal**.

“Saran é em geral arbusto que nasce nas praias e pedreiras, que nas cheias se cobrem de águas; saranzal, lugar que é coberto de sarans, oferecendo, quando o rio está cheio, canais por entre os arbustos” (o.c.,p.188).

Para Rogério de Camarco, sarãs são as “pequenas árvores que formam as pestanas das margens” (... **aquele Mar Seco: O Pantanal**, p. 284).

SARIEMA

Todo o espaço, as esbeltas sariemas,
Trombetas do cerrado, alacremenete,
Gritam os seus hurrás ao sol nascente.

Do poema **O Cerrado** (p.96).

Mas já, como uma vaia, o desaponta
A gargalhada enorme da sariema.

Do poema **Caçada de Perdizes** (p.171)

Nos dois poemas D.Aquino grafou **sariema**, ao invés de **seriema**, que é a forma mais encontrada em geral.

Trata-se de um regionalismo. Otávio Gonçalves Gomes, autor do livro **Onde Cantam as Seriemas**, informa:

“As seriemas são aves encontradiças nos terrenos secos, campos e cerrados do centro oeste brasileiro. São as **sariemas** do caboclo, cujo vocábulo tem origem indígena” (o.c.,p 23).

O Grande Aurélio dá Sariema, do tupi **sari'ama**, “crista em pé”, e **seriema**, variante de sariema. Portanto, o regionalismo está mais acorde com a etimologia tupi.

“Tem o pescoço comprido e um topete filiforme na cabeça, daí o nome científico **Cariama Cristata**. Aliás, esse nome **cariama** se originou de um erro gráfico, quando Marcgrave em seu livro sobre o Brasil, publicou a palavra “**cariana**” em vez de “**Cariama**” (com ç) originando o nome **cariama**” (Otávio Gonçalves Gomes, o.c.,p.23).

Em Goiás também se diz **sariema** (v. **Dicionário do Brasil Central**).

NOTAS

1- Moura, Carlos Francisco - **Viagem Através de Goiás e Mato Grosso em 1772 - O Diário de Viagem do Governador Luís de Albuquerque e a Toponímia e a Ecologia da Região**, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, n. 6, 1977, pp 169 e 182.

2- Hércules Florence desenhou uma grande figueira no caminho de Cuiabá a Diamantino em dezembro de 1827. V., do autor, **A Expedição Langsdorff em Mato Grosso - Desenhos e Pinturas Inéditos há mais de 150 Anos**, Imprinta Gráfica Editora/Universidade Federal de Mato Grosso, NDIHR, Rio de Janeiro, 1984, pp.32/5.

3- V., do autor, **O Teatro em Mato Grosso no Século XVIII**, Edições UFMT, 1976, pp. 27 e 74, n. 32.

4- Dorileo, Benedito Pedro - **Egéria Cuiabana**, Cuiabá, 1976, p.137.

5- Paiva, Ana Mesquita Martins de, Maria Cecília Guerreiro de Sousa e Nyl-Iza Valadão Freitas Jeremias - **D.Antônio Rolim de Moura**,

Primeiro Conde de Azambuja (Correspondências), vol. 1, NDIHR, UFMT, Cuiabá, 1982, p. 65.

6- Este tema será retomado por nós no estudo em preparo **Tradições Marítimas em Mato Grosso**. V. também, do autor, a comunicação (inédita) **A Contribuição Naval à Formação Territorial do Extremo Oeste**, apresentada à V Reunião Internacional de História da Náutica e da Hidrografia (Museu Naval e Oceanográfico, Rio de Janeiro, outubro de 1984).

Post Scriptum

a) O artigo vai publicado como foi escrito em 1984.

b) **Termos regionais mato-grossenses** são temas constantes de nossos estudos. Anteriormente já havíamos publicado: **Termos de Mineração Usados em Mato Grosso nos Séculos XVIII e XIX** (in CONVERGÊNCIA, RGPL, Rio de Janeiro, 1977) e **Curiosidades Sobre o Léxico de Vila Bela**, (in UNIVERSIDADE, UFMT, 1981). Também afluamos o assunto nos livros sobre teatro em Mato Grosso: **O Teatro em Mato Grosso no Século XVIII** (UFMT - SUDAM, Belém, 1976), **O Saloio Cidadão (comédia nova)**, (NDIHR-UFMT), Cuiabá, 1979) e **O Tutor Namorado** (Entremez do Século XVIII), NDIHR-UFMT, Cuiabá, 1982).

c) Com referência a temas navais mato-grossenses, já publicamos: **A Contribuição Naval à Formação Territorial do Extremo Oeste (Mato Grosso, Rondônia e Mato Grosso do Sul)**, Rio de Janeiro, 1986, pesquisa que teve uma segunda edição na série de monografias do Museu de Marinha, de Lisboa (1987), **Boats Used by the Settlers of Mato Grosso in the 18th and 19th Centuries**, Oxford, England, 1988, e **Os Paiaguás, "Índios Anfíbios" do Rio Paraguai**, Rio de Janeiro, 1984 (Cx. Postal 3064 - CEP 20.001).

VALORES DE UM MIMO!

Pe. Firmo Pinto Duarte Filho

Ofereci a S. Santidade, o Papa João Paulo II uma lembrança, que me pareceu sugestiva, da terra mato-grossense.

Nosso presente é muito significante: ouro, incenso e mirra.

Merece este singelo comentário:

O SIGNIFICANTE

O significante é a realidade em si mesma. É a matéria. Aquilo que enxergamos e damos o valor que merece.

O OURO

O ouro cuiabano não é somente pesado pelos seus gramas. Além do valor monetário faz parte da nossa história. Foi o elemento principal dos nossos inícios. Cuiabá nasceu em berço de ouro.

Quando aqui chegaram os bandeirantes sorocabanos em 1.719 encontraram uma terra forrada de ouro. Os enfeites dos índios paiaguás eram plumagens das nossas lindas aves engastadas em peças de ouro.

Um desses indígenas mostrou para Miguel Sutil o local, onde pepitas do mais lindo ouro, bem maiores do que ovos das galinhas, eram apanhadas com as mãos. Assim começou o arraial do Senhor Bom Jesus de Cuiabá.

O Papa passou abençoando a Avenida da Prainha e foi até à "Morada do Ouro" para celebrar com o povo a nossa história, e a nossa fé.

O INCENSO

O incenso é a resina das nossas florestas, da imensa Amazônia, que começa aqui onde estamos.

Mato Grosso é a porta desse templo onde as majestosas árvores, com os seus galhos voltados para o Céu, louvam constantemente a Deus. É também a seiva perfumada do cerrado e do pantanal.

Dizem que é o atual paraíso terrestre. Está porém ameaçado imensa arca de pássaros e animais selvagens pedindo a conservação das espécies, neste dilúvio destruidor que, felizmente, já está mostrando sinais de paz e um novo arco-iris de aliança dos homens com o Criador.

Incenso mato-grossense perfumando as naves da Basílica de São Pedro em Roma. Poesia bonita e realidade significativa!

A MIRRA

A resina perfumada da amelcegueira é nossa mirra. Difícil de encontrá-la. Veio das margens do Rio Garças, onde essa espécie ainda

prospera. Tendo uma grande força adesiva é usada para grudar na pele das crianças índias, no dia da imposição dos nomes, nas aldeias bororas, a penúgem branca, tirada do peito dos patos selvagens. Os bororos enfeitam também com penas de aves os ossos de seus antepassados com a resina cheirosa.

Os missionários salesianos usam-na.

A fumaça branca por cem anos consecutivos, vem perfumando as celebrações eucarísticas nas Capelas missionárias.

A significância dessa resina não pode ser descrita com palavras. Ela é acima de tudo sentida. Está ligada ao leal povo bororo e à presença dos Missionários Salesianos desde que a Missão de Mato Grosso tem sido a maior penetração de Dom Bosco no âmago do Continente Americano.

O SIGNIFICADO

O significado é uma realidade maior, que o significante encerra.

O significado do nosso presente é bíblico.

Foi a oferta dos magos ao Senhor Menino.

Deus se manifestou através do seu Divino Filho e os povos da terra assim o adoram.

O significado é este: Reconhecemos na pessoa do Papa o Vigário de Jesus Cristo na terra.

É bom recordar as palavras de Dom Aquino: "O Papa é o Romano Pontífice, e, como tal, sucesor de S. Pedro na soberania universal da Igreja de Cristo. Daqui todos os seus privilégios; daqui o seu principado, que não é apenas de honra, mas de verdadeira jurisdição, suprema e plena, tanto em matéria de fé e costumes, como de disciplina e governo, sobre toda a Igreja espalhada pelo orbe universo. Daqui a autoridade episcopal, ordinária, imediata e independente de qualquer poder humano, com a qual rege ele todas as igrejas, e cada uma delas, tanto os fiéis, como os seus pastores.

É o pastor dos pastores e o bispo dos bispos: episcopus episcoporum. Todos estes são pontífices, só Ele é o Sumo Pontífice. Os patriarcas, primazes arcebispos e bispos do mundo, reunidos em concílio, mas separados do Papa, não teriam maior autoridade nem vida, do que um corpo decapitado. A Igreja Católica é certo um organismo vivo, cujos órgãos têm funções próprias, algumas delas firmadas no direito divino.

Mas, por outro lado, sem a comunicação com a cabeça, nenhum órgão, qualquer que ele seja, funciona, senão que se putrefaz e morre: a cabeça da Igreja é o Papa, vigário e representante que é, de Cristo, o Chefe invisível".

Eis o significado do presente: Reconhecemos na pessoa de João Paulo II o sucesor de Pedro, vigário de Jesus Cristo na terra, o maior agraciado, porém, o povo Cuiabano ao receber o Papa que veio de longe.

Padre Firmo Pinto Duarte Filho, S.D.B. do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.
Pároco da Paróquia São Gonçalo.
Cuiabá - MT

A. M. L. RELATÓRIO

Lenine C. Póvoas

Ao transmitirmos a Presidência da Academia Matogrossense de Letras, que durante dez anos exercemos, entendemos que seria imprescindível fazermos, para o ilustre novo Presidente Acadêmico Clovis de Mello e demais Confrades, um relatório das atividades desse período, destacando os mais importantes fatos que durante o mesmo ocorreram.

ANTECEDENTES - Desde a sua fundação em 1921 (com o nome de Centro Matogrossense de Letras), a Academia foi presidida pelo eminente Desembargador José de Mesquita, até o dia 22 de junho de 1961, data do seu falecimento.

Durante esses 40 anos viveu a Academia um período de fastígio e de extraordinária vitalidade.

Com a morte de Mesquita, a quem chamei, em crônica que sobre ele escrevi, de "coração e alma da nossa Academia", entrou a entidade numa fase difícil.

O desaparecimento do grande Presidente e a morte de vários de seus colaboradores nesta Casa, que pertenciam à mesma faixa etária (Philogônio Corrêa, Virgílio Corrêa Filho, Estevão de Mendonça, Franklin Cassiano, Isac Póvoas, Nilo Póvoas), abalou a Academia, como não podia deixar de ser, a qual se viu como que num vácuo.

Foi então eleito para Presidência o ilustre Acadêmico Antônio de Arruda, que, realizando ótima administração, infelizmente pouco tempo depois transferiu residência para o Rio de Janeiro; sucedeu-o no cargo o Acadêmico Gervasio Leite, atingido, logo, por uma terrível enfermidade, que o levou, também, em tratamento de saúde, para a antiga Capital Federal; sucedeu-o o Acadêmico Wanir Delfino Cesar, que logo falecia, vítima de pertinaz moléstia.

Foi, enfim, um período de instabilidade na vida da Academia, que, entretanto, procurava cumprir sua importante finalidade.

Várias vezes, nesses intervalos entre os Presidentes, por ela respondiam os Acadêmicos Francisco Alexandre Ferreira Mendes, Vice-Presidente, e Rubens de Mendonça, Secretário.

Durante o Governo Frederico Campos o Confrade Rubens de Mendonça obteve que a administração estadual procedesse a uma ampla reforma no histórico edifício da Casa Barão de Melgaço, que se encontrava

em péssimas condições de conservação.

Para a realização dessa reforma foi o prédio inteiramente desocupado, levando-se para outros locais todo o acervo que nele se abrigava.

Nessas mudanças, feita por "peões" do Departamento de Obras do Estado, sem qualquer orientação e sem nenhum cuidado, muita coisa se extraviou. O que retornou, depois de concluída a reforma do prédio, não representava senão a maior parte do que dali saíra. Muitas obras, das mais preciosas de sua biblioteca, foram extraviadas.

Ali não foram mais encontrados exemplares da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Matogrossense de Letras, cujas coleções, carinhosamente organizadas, encadernadas, por José de Mesquita, ficaram desfalcadas.

Obras básicas da bibliografia matogrossense, como por exemplo a "Viagem ao Redor do Brasil", de Severiano da Fonseca, a "Viagem Pitoresca", de Bartolomé Bossi, as obras da Comissão Rondon, as da Missão Salesiana, a "Notícia sobre a Província de Mato Grosso", de Ferreira Murtinho, as obras de Vigílio Corrêa Filho, desapareceram; as Mensagens dos Governadores ficaram reduzidas a alguns exemplares.

A "Matutina Meiapontense", adquirida pelo Dr. Luis-Philippe Pereira Leite e doada à biblioteca da "Casa Barão de Melgaço", também desapareceu, como muitas outras publicações de capital interesse.

O documento nº1 da nossa história, as crônicas de Joseph Barbosa de Sá, foram cedidas a outra entidade, que se recusou, depois, a restituí-las.

Por outro lado, as obras do prédio, realizadas pelo Departamento de Obras do Estado, não foram inteiramente satisfatórias, subsistindo muitos e graves defeitos. A cada chuva sobrevinha uma alagação nas salas do edifício.

Diante da terrível confusão e do caos em que se transformou a biblioteca, com obras editadas em 2 ou 3 volumes, cada qual jogado para salas diferentes; com a mais completa miscelânea de assuntos, a direção da Academia decidiu assinar um convênio com a Universidade Federal de Mato Grosso para um levantamento do acervo e elaboração de um fichário de tudo que ali existia.

Se a intenção foi muito boa, o resultado não foi. Após quatro anos de vigência do convênio, pouco se obteve de resultado positivo.

Ocorreu que as pessoas incumbidas de executar o convênio, estranhas ao meio, recém-chegadas a Mato Grosso e totalmente ignorantes do panorama da cultura mato-grossense, não sabiam distinguir uma coisa de outra. Ninguém sabia reordenar as cousas, pela simples razão de que para aquelas pessoas um livro de José de Mesquita ou um folheto de versos de qualquer poeta iniciante de qualquer outro lugar, eram cousas equivalentes: ou melhor, eram simples unidades da Biblioteca, de igual valor.

Por desconhecimento das pessoas era absolutamente impossível distinguir o que era de autores mato-grossenses e de autores não mato-grossenses.

O maior problema, para se reorganizar o acervo da Casa, era o de espaço físico. Não havia condições de ninguém se mover no meio daqueles entulhos, que era o ambiente ideal para a proliferação de traças e cupins que das cousas totalmente inúteis passavam a atacar obras preciosas ali existentes.

Era preciso saber-se distinguir entre o que deveria ser conservado e o que deveria ser eliminado para abrir o angustiante **espaço**. E só quem conhecia o valor de cada obra poderia fazê-lo.

Houve, durante muitos anos, o costume de se fazer, em Cuiabá, "doação", à Academia de livros de pessoas que faleciam. Era uma espécie de "limpeza de casa", que transferia algumas publicações úteis e interessantes mas também muita inutilidade e verdadeiro "lixo" para a Casa Barão de Melgaço.

Foi nessa altura dos acontecimentos que assumimos a Presidência da Academia. E o nosso trabalho, em rápida síntese, foi o que a seguir descrevemos.

1 - REORGANIZAÇÃO DA BIBLIOTECA - Ao assumirmos a Presidência da A.M.L., em 1981, decidimos não renovar o convênio com a Universidade Federal de MT. Avocamos para a nossa pessoa o trabalho de seleção que, a vigorar aquele convênio, continuaria em mãos de "estagiários" do curso de história.

Essa decisão de pessoalmente selecionarmos o material a ser conservado e a ser descartado, examinado, com o auxílio de nossas dedicadas funcionárias, livro por livro, opúsculo por opúsculo, papel por papel, deixou-nos a herança de uma bronquite da qual nunca mais nos livramos.

Na angústia de espaço em que nos encontrávamos e com papéis e livros entulhados até ao teto, um caos no meio do qual ninguém seria capaz de encontrar nada e constituído de publicações que jamais ninguém pensaria em consultar, tudo criando um ambiente ideal para um incêndio devastador que poderia arrasar o próprio prédio histórico, tomamos a decisão de **abrir espaço**, descartando-nos de muitas inutilidades.

Lamentamos não termos tido a idéia que tivemos, quando assumimos a supervisão do Arquivo Público do Estado, entregue à direção da nossa Confreira Vera Randazzo, de documentarmos fotograficamente o que encontramos.

Partimos do pressuposto de que para a Academia e para o Instituto Histórico seria prioritária uma Biblioteca constituída de livros escritos por autores de Mato Grosso. Jamais aqui alguém veio pesquisar qualquer coisa

que não dissesse respeito a Mato Grosso.

Fomos obrigados a nos desfazer de livros e publicações que além de não oferecerem nenhum interesse para uma biblioteca especializada em assuntos de Mato Grosso, como deve ser a nossa, estavam irremediavelmente corroídos pelos cupins e traças. Almanques do Pensamento, relatórios agrícolas, jornais de clubes sociais e de futebol (de outros Estados), almanques militares, relatórios de secretarias de governo de outras unidades da federação, centenas de livros de literatura de autores estreados e desconhecidos de outros Estados, tudo isso teve de ceder lugar ao que era nosso.

Em compensação, das mais de 40 obras de Rubens de Mendonça, ali existiam apenas três ou quatro; das 50 de Helio Serejo, apenas uma ou duas; das de José de Mesquita, apenas três ou quatro; das de Dom Aquino, apenas duas ou três.

Não poderíamos conservar tais cousas, em detrimento das obras reeditadas de Dom Aquino, por exemplo, que estavam expostas às alagações do prédio e à destruição pelos insetos.

A seguir procuramos recuperar, antes de mais nada, as coleções das Revistas do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Matogrossense de Letras (ainda agora incompletas), que ali existiam completas e encadernadas ao tempo de José de Mesquita na Presidência. Lamentavelmente ainda se encontram desfalcadas de vários exemplares.

Encadernando e reencadernando os exemplares que nos foi possível encontrar, na Academia ou fora dela, - inclusive obtendo cópias de volumes existentes em outros locais -, relocalamos nas estantes da Casa Barão de Melgaço, restaurados, volumes que ali já não existiam mais ou se encontravam em vésperas de total destruição.

Separamos, numa das salas do velho solar, os livros escritos pelos autores mato-grossenses, - especialmente os dos Acadêmicos e membros do Instituto Histórico -, encadernando boa parte deles, dos quais foi organizado um fichário, que ainda necessita ser revisto. Reorganizamos e resguardamos a nossa coleção da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, uma da mais completas que existem no país. Para reencaderná-la, entretanto, seria preciso soma vultosíssima.

As salas foram periodicamente dedetizadas e os armários lavados com querosene, num permanente combate aos insetos daninhos que ali praticamente foram exterminados.

Foram separados e preservados os exemplares disponíveis de revistas de Academias e Institutos Históricos de outros Estados, notadamente o de São Paulo, cuja história está muito ligada à de Mato Grosso.

Centenas desses exemplares foram encadernados graças à

colaboração que nos foi prestada, gratuitamente, pela Imprensa Oficial do Estado, na anterior e na atual administração.

As obras da Comissão Rondon, as da Missão Salesiana, assim como boa parte das Mensagens dos Governadores, fontes básicas de nossa história, estão expostas nas estantes da Casa Barão de Melgaço, devidamente encadernadas.

Seria impossível relatar-se, em minúcias, o que foi o trabalho de recuperação do acervo da Casa Barão de Melgaço, hoje aberto à consulta dos Srs. Acadêmicos, membros do Instituto Histórico e ao público em geral.

Colocados cadeados nos armários, que somente são abertos pelas funcionárias autorizadas, foi proibido o empréstimo de obras da biblioteca que só podem ser consultadas na sala de leitura para esse fim organizada.

2 - REFORMADOS ESTATUTOS - Os Estatutos da Academia ainda eram os antigos, da década de 30 e necessitavam de uma atualização e reforma urgente. O projeto de reforma foi elaborado e levado, pessoalmente, ao conhecimento de todos os Srs. Membros efetivos da Academia, pelo Presidente, que para esse fim empreendeu viagem a Campo Grande, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, para manter contato direto com todos os Acadêmicos. Aprovada a reforma, em reunião para esse fim especialmente convocada, foram os novos Estatutos publicados no Diário Oficial do Estado e devidamente registrados no Cartório de Títulos e Documentos da cidade de Cuiabá.

3 - INCÊNDIO - CONSERTOS NO PRÉDIO SEDE - Em julho de 1984 (dia 4), um incêndio teve início na sala posterior do edifício sede da Casa Barão de Melgaço, produzido por fogos que meninos soltavam nas imediações do prédio. O sinistro só não atingiu a toda a Casa Barão de Melgaço, limitando-se a uma parte daquelas dependências, graças à presteza com que o corpo de Bombeiros da Capital atendeu ao chamado e à rapidez com que agiu. Mesmo assim muita coisa se perdeu, especialmente no setor das coleções de jornais.

Solicitado pela Presidência o auxílio do Governo do Estado para a restauração da parte afetada pelo incêndio, ficamos quase um ano à espera dessa ajuda que nunca veio. Verificando que com as chuvas as paredes que ficaram expostas ameaçavam cair, aumentando o prejuízo, o Presidente decidiu realizar as obras com os recursos que fosse possível reunir. E assim foi feito.

Na mesma sala afetada pelo sinistro foram construídas, também a expensas da Academia, prateleiras de alvenaria para abrigar as obras reeditadas de Dom Aquino Corrêa.

O edifício-sede da Academia e do Instituto sempre esteve em constantes obras de conservação. A cada chuva que caía sobre a cidade o

imóvel ficava completamente alagado, sem que se descobrisse o motivo, uma vez que o telhado não apresentava telhas quebradas nem irregularidade alguma.

Com muito trabalho descobriu-se, depois, que os condutores que conduziam as águas das chuvas das calhas até ao chão tinham sido entupidas com cimento, durante as obras de recuperação do edifício, realizadas pelo D.O.P. estadual... Abertas novas saídas para as águas, o problema foi resolvido, não sem antes haver custado muito aborrecimento, muito trabalho, muita destruição e algum dinheiro. Imagine-se toda a água das enxurradas voltando para dentro do prédio!

Um temporal que desabou sobre a cidade destruiu o telhado das instalações sanitárias, que já se encontrava em péssimas condições. Não houve outra alternativa senão a reconstrução total do telhado. Para isso foi solicitado também auxílio do governo estadual, que jamais veio.

A solução foi a Academia partir para a reforma com recursos próprios...

E, para completar, o edifício, que já havia sido pintado de novo, na sua parte externa, por gentileza da Associação de Cultura "Muxirum Cuiabano", que realiza reuniões numa das salas do prédio, foi também repintado, nas suas diversas salas, por iniciativa e com recursos da própria Academia.

Além disso, dezenas de vezes foram realizadas obras de conservação nas portas e janelas do edifício e, de maior importância, na sua rede elétrica, sempre em péssimas condições.

4 - MELHORIAS NO AUDITÓRIO - Ainda com recursos próprios foi construído um tablado para exposições de corais no auditório da Casa Barão de Melgaço, que tem sido constantemente usado.

Por doação de empresas particulares (Revendedora de Automóveis Trescinco e Distribuidora de Bebidas Pinheiro), foram colocadas no auditório mais 100 cadeiras, duplicando assim a sua capacidade. Mesmo assim o número de assentos não foi, em muitas oportunidades, suficiente para acomodar o grande público que passou a prestigiar as festas da Academia.

Um pequeno aparelho de som foi adquirido, com recursos próprios, para servir nas solenidades.

Por doação da Secretaria de Educação e Cultura do Estado, quando era aquela pasta ocupada pelo Dr. Helio Palma de Arruda, ventiladores de teto foram instalados no auditório, e um piano foi cedido à Academia, em regime de comodato.

5 - REEDIÇÃO DE OBRAS DE DOM AQUINO - Para comemorar em 1985, o centenário de nascimento de Dom Aquino Corrêa, o inspirador da fundação da Academia, obteve a Presidência, através da decisiva

interferência do Senador Gastão de Mattos Muller, que a Gráfica do Senado Federal reeditasse as obras do grande Arcebispo, num total de 8 (oito) volumes (três de poesia, três de discursos e dois de pastorais). A ordem para a realização dos trabalhos de reedição naquela gráfica foi mantida pelos Presidentes do Senado Moacir Dalla e José Fragelli, ilustre mato-grossense.

Essa reedição só se tornou possível, também, pela feliz idéia que tivemos de incumbir da supervisão dos trabalhos o nosso Confrade Acadêmico Corsindio Monteiro da Silva, que durante dois anos se entregou devotadamente ao encargo, que realizou gratuitamente e, ainda, desembolsando boas somas de suas economias para levá-lo a bom termo, como realmente o conseguiu. Estamos absolutamente convencidos de que mesmo em vida Dom Aquino não teve uma edição tão perfeita de suas obras, graças à supervisão que lhe dedicou o Acadêmico Corsindio Monteiro. Tão empolgado ficou o nosso Confrade com o trabalho que lhe confiamos, que acabou escrevendo nada menos de cinco obras sobre Dom Aquino, dentre as quais se destaca o extraordinário "Universo Verbal de Dom Aquino".

Tudo isso acabou sendo uma contribuição da Academia para a cultura mato-grossense.

6 - RELAÇÕES COM A F.A.L.B. E OUTRAS ACADEMIAS - A Academia Matogrossense de Letras foi, quando presidida pelo Acadêmico José de Mesquita, uma das fundadoras da Federação da Academias de Letras do Brasil. Dessa Federação participou sempre com destaque, tendo sido representada, junto àquela Entidade, durante muitos anos, pelos Acadêmicos Virgílio Corrêa Filho e Nilo Póvoas.

Posteriormente, em virtude das dificuldades decorrentes do falecimento de José de Mesquita, as relações da Academia com a F.A.L.B. se interromperam, só sendo restabelecidas em nossa gestão.

Designamos para representá-la, junto à Federação, os Acadêmicos Antônio de Arruda e Ernesto Pereira Borges, ambos residentes no Rio de Janeiro.

A inteligência, a cultura e o devotamento do nosso Delegado Acadêmico Antônio de Arruda entusiasmaram os integrantes da FALB, levando-o à Presidência daquele órgão nacional de cultura, o que constituiu uma grande honra para a nossa Academia e o nosso Estado.

Lamentavelmente o Acadêmico Ernesto P. Borges pouca participação teve nessa representação, em virtude de problemas de saúde que o acometeram especialmente nos olhos, determinando-lhe a perda da visão.

Com as Academias de São Paulo e de todo o nordeste e norte do país as relações foram restabeleciads, através da visita pessoal do Presidente da nossa Academia às mesmas.

7 - C.G.C E CADERNETA DE POUPANÇA - Foi providenciado o

registro da Entidade na Secretaria da Receita Federal, recebendo a Academia o seu C.G.C. nº 00237-719-0001-40.

Na Caixa Econômica Federal foi aberta, em nome da Academia, uma Caderneta de Poupança nº 27.766-4, na qual eram depositadas as irrisórias anuidades dos poucos membros da Academia que saldavam suas anuidades.

Esses depósitos, que raríssimas vezes foram parcialmente sacados, cresceram à base dos juros e correções monetárias pagos pela CEF, fazendo com que em data de 5 de dezembro corrente exista um saldo no valor de Cr\$ 505.178,78, que transferimos à nova Diretoria.

8 - CADASTRO NO MINISTÉRIO DA CULTURA - Foi providenciado o cadastro da A.M.L. no Ministério da Cultura, tendo em vista gozar das vantagens concedidas pela chamada "Lei Sarney". O registro tomou o nº 02028/87-51.

Logo depois a citada lei foi "desativada" (?)...

9 - PUBLICAÇÃO DA REVISTA DA AML - Quando assumimos a Presidência da AML (1981), a publicação da sua revista já havia sido paralisada.

Após essa data, por falta de recursos, não conseguimos a publicação regular da revista.

Apenas um pequeno opúsculo foi editado em 1981, atualizando os quadros da Academia e contendo artigos de jornais e discursos referentes à posse da nova Diretoria e um outro número relativo ao ano de 1985.

A Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso continuou sendo regularmente publicada, custeadas as edições com recursos pessoais do Presidente do Instituto, Dr. Luiz Philippe Pereira Leite.

Infelizmente não dispomos de recursos idênticos para assegurar a publicação da Revista da Academia.

10 - ENCADERNAÇÃO DE LIVROS - Graças à colaboração gratuita da Imprensa Oficial do Estado, durante as gestões passadas, do jornalista MARIO ALMEIDA e atual, do Dr. ROGERIO DE CASTRO, pudemos encadernar, para maior conservação, muitos volumes de livros pertencentes ao acervo da Academia, especialmente coleções das Revistas do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, da Academia Paulista de Letras e da Revista Militar.

Por essa grande demonstração de espírito público e de colaboração com as nossas instituições culturais, devemos manifestar-lhes a nossa gratidão.

Devemos no entanto ressaltar que a IOMAT não coloca os títulos dos livros e dos autores na parte externa dos volumes encadernados, por não possuir aquela Imprensa Oficial material para a douração.

Os volumes encadernados integrantes das coleções de autores mato-

grossenses, que trazem os nomes das obras e respectivos autores, no dorso, em caracteres dourados, que se encontram no armário nº 1, do gabinete da Presidência, tiveram esse serviço custeado pelos recursos da Academia e do Presidente, e foram encadernados em empresas particulares.

11 - VENDA DE LIVROS - Obteve a Presidência, por doação do Sr. Ruitter Barbosa, dois balcões envidraçados, que, colocados na sala de entrada da "Casa Barão de Melgaço", servem como vitrines de um setor de venda de livros de escritores mato-grossenses que foi criado e que funciona regularmente, mas que ainda demanda maior divulgação junto à comunidade.

12 - LANÇAMENTO DE LIVROS - A Academia patrocinou, durante a nossa gestão, gratuitamente, o levantamento de livros de escritores mato-grossenses, Acadêmicos ou não, dando aos eventos a maior publicidade possível, com o objetivo não só de estimular os autores como de divulgação de nossa cultura.

Assim é que foram lançados no nosso auditório livros de autoria da Professora universitária Maria Manuela Renha Novis Neves, dos Acadêmicos Sebastião Carlos Gomes de Carvalho, Lenine C. Póvoas, Tertuliano Amarilha e João Alberto Novis Gomes Monteiro, do saudoso poeta José Cardoso Soares (2 livros), do jornalista Joaquim Francisco de Mattos, do Professor universitário Fernando Tadeu de Miranda Borges, além do solene lançamento da coleção das obras do inolvidável Dom Aquino Corrêa (8 volumes), reeditados por iniciativa da A.M.L. ao ensejo da passagem do centenário de seu nascimento.

13 - REEDIÇÃO DE OBRAS DE JOSÉ DE MESQUITA - À semelhança do que ocorreu com as obras de Dom Aquino, reeditadas por iniciativa da A.M.L. e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, essa duas Entidades decidiram promover a reedição de obras do saudoso Presidente José de Mesquita.

Todavia as circunstâncias hoje são outras. Não contamos, agora, com o apoio como o que recebemos do Senado Federal.

O elevadíssimo custo dos trabalhos gráficos constitui em óbice quase intransponível para a conservação desse objetivo.

Não obstante tudo isso, já deixamos entregue à editora Resenha Tributária, de São Paulo, os trabalhos "Nobiliário Matogrossense" e "Genealogia Cuiabana", de José de Mesquita, publicado em 1926 e 1930, respectivamente, que serão reeditados num só volume, sob o título que lhe emprestamos de "GENEALOGIA MATOGROSSENSE", ao preço orçado de Cr\$2.194.400,00, para uma edição de 1.000 exemplares, obra que deverá ser lançada a 10 de março de 1992, por ocasião do centenário de nascimento daquele grande vulto de nossas letras.

14 - PREENCHIMENTO DE CADEIRAS - Durante nossa gestão

foram preenchidas as Cadeiras de número 2, com a posse de Satyro Benedicto de Oliveira, na vaga de Gervasio Leite; nº 5, com a posse de Clovis Pitaluga de Moura, na vaga de Francisco Ayres; nº 9, com a posse de Octayde Jorge da Silva, na vaga de Rubens de Mendonça; nº 15, com a posse de Natalino Ferreira Mendes na vaga de Francisco Alexandre Ferreira Mendes; nº 19, com a posse de Vera Randazzo na vaga de José de Mesquita; nº 22, com a posse de Pedro Rocha Jucá, na vaga de Carlos de Castro Brasil; nº 23, com a posse de Tertuliano Amarilha na vaga de Agenor Ferreira Leão; nº 26, com a posse de Benedito Pedro Dorilêo na vaga de Oscarino Ramos; nº 27, com a posse de Ubaldo Monteiro da Silva na vaga de Ana Luiza Prado Bastos; nº 29 com a posse de Virgilio Alves Corrêa Neto na vaga de Virgilio Alves Corrêa Filho; nº 31, com a posse de Adauto Dias de Alencar, na vaga de Lamartine Mendes; nº 34, com a posse de João Moreira de Barros, na vaga de Olegário Moreira de Barros e com a posse de João Alberto Novis Gomes Monteiro na vaga de João Moreira de Barros; nº 35, com a posse de Newton Alfredo de Aguiar na vaga de João Villasbôas e com a posse de Clovis de Mello na vaga de Newton Alfredo de Aguiar; nº 38, com a posse de Benedito Sant'Ana da Silva Freire na vaga de Ciro Furtado Sodré; nº 39, com a posse de Maria Benedita Deschamps Rodrigues na vaga de Antônio Cesario de Figueredo Neto; de nº 40, com a posse de Sebastião Carlos Gomes de Carvalho na vaga de Hugo Pereira do Vale.

Estão há muito para tomarem posse Benedito Pereira do Nascimento eleito para a cadeira nº 20, na vaga de Domingos Savio Brandão Lima e Padre Pedro Cometti eleito para a Cadeira nº 17, na vaga de Frederico Augusto Rondon. No dia 10 de março de 1992 deverá tomar posse na cadeira nº 12 o poeta e jornalista Ronaldo de Castro, recentemente eleito para a vaga de Gabriel Vandoni de Barros.

Estão ainda vagas, pendentes de eleições, as Cadeiras nº 8, 9, 14, 16 e 38, vagas com os falecimentos de Antônio Lopes Lins, Octayde Jorge da Silva, Helio Jacob, Joaquim Justino Alves Bastos e Benedito Sant'Ana da Silva Freire, respectivamente.

15 - CURSOS DE HISTÓRIA DE MATO GROSSO - Com o objetivo de divulgar a história de nosso Estado, a A.M.L. e o I.H.G. MT. promoveram dois cursos de História de Mato Grosso, no ano de 1990, justamente às vésperas de concursos para o preenchimento de cargos públicos no Estado e no Município de Cuiabá, nos quais essa matéria fazia parte do programa estabelecido para as provas.

O primeiro, por ter sido inteiramente gratuito, teve de ser desdobrado em duas turmas, - uma pela manhã e outra à noite -, tão grande foi o número de inscritos e freqüentadores efetivos. O segundo, para o qual se estabeleceu uma taxa de Cr\$ 2.000,00, ficou reduzido a uma única e pequena turma de

freqüentadores, apenas no turno da manhã.

Todavia, o sucesso de ambos foi muito grande e a repercussão, no seio da sociedade cuiabana, a melhor possível.

16 - CESSÃO DO AUDITÓRIO PARA FESTIVAIS MUSICAIS - Com o objetivo de mais aproximar a Academia da sociedade cuiabana, a Presidência decidiu conservar a tradição que vinha desde os tempos do Presidente José de Mesquita de ceder seu auditório, agora mais ampliado no número de seus assentos, para a realização, por particulares, de festivais musicais.

17 - ACOLHIDA AO "MUXIRUM CUIABANO" - Durante uma das ausências do Presidente de Cuiabá, quando em viagem ao exterior, foi solicitada a cessão de uma sala da "Casa Barão de Melgaço" para nela ficar sediada uma entidade de cultura. O fato ocorreu em uma das reuniões mensais. Houve algumas manifestações contrárias de membros da Academia e do Instituto Histórico e, em face disso, o proponente retirou a sua proposta e o assunto foi esquecido.

Quando o Presidente retornou de sua viagem, ignorando o que havia ocorrido na sua ausência, recebeu a solicitação de outra Associação de Cultura, - o "Muxirum Cuiabano" -, para que cedesse, em caráter temporário e precário, a sede da Academia para realização de suas reuniões semanais, e um espaço, numa de suas salas, para ser guardado o seu material de Secretaria. Isso daria àquela Associação um endereço certo para receber sua correspondência.

Certo de que agiria bem, auxiliando uma entidade de cultura, - e ignorando o que ocorrera durante sua ausência -, o Presidente acedeu ao pedido do "Muxirum Cuiabano", que se comprometia a manter um funcionário, em caráter permanente, durante o expediente da tarde na "Casa Barão de Melgaço", que assim ficaria mais tempo aberta e vigiada.

Além disso o "Muxirum Cuiabano" realizou, a suas expensas, uma nova pintura na parte externa do edifício, cujo aspecto estava realmente deplorável. E ainda instalou um telefone na "Casa Barão de Melgaço", que, pago pelos cofres daquela instituição, serve, também, à Academia.

O "Muxirum Cuiabano", encontra-se, no momento, empenhado em providenciar uma sede definitiva para a sua instalação.

18 - FUNCIONÁRIOS DO ESTADO - A pedido do Presidente, o Governo do Estado colocou à disposição da AML, sem nenhum ônus para esta, quatro servidores públicos que há vários anos vêm prestando sua colaboração à entidade, sem dela receber qualquer gratificação.

São elas: a Professora Sonia Maria de Figueiredo Matsubara, Maria Lucia de Araújo Silva, Ana Elizabeth Espirito Santo da Costa e Natalícia Pinto, cuja contribuição, nos diversos setores, tem sido de grande valia para a Academia.

19 - REUNIÕES MENSAIS - Após a nossa posse na Presidência sugerimos ao ilustre Presidente do Instituto Histórico e Geográfico, Dr. Luis-Philippe Pereira Leite, a realização de reuniões mensais de ambas as entidades, o que ficou definitivamente assentado, reunindo-se os membros do Instituto Histórico e os da Academia no último sábado de cada mês, na Casa Barão de Melgaço, às 16:00 e 17:00 horas, respectivamente.

Isso porque antes a Academia ficava meses sem realizar nenhuma reunião.

20 - TABLADO PARA APRESENTAÇÃO DE CORAIS - Importante foi a instalação, no auditório da Casa Barão de Melgaço, de um tablado-arquibancada para a apresentação de corais e grupos musicais.

Construído de madeira, especialmente para o local, dentro das medidas do recinto, o material foi fornecido pela Academia e a mão de obra foi uma gentileza do maestro PETER ENS, que o projetou, fabricou e instalou no local.

21 - CONTRIBUIÇÃO FINANCEIRA PESSOAL DO PRESIDENTE - De todas as despesas realizadas durante os anos da nossa gestão, cerca de 60 a 70 por cento das mesmas, inclusive as de conservação do prédio, foram custeadas com recursos doados pessoalmente pelo Presidente, que jamais os contabilizou, com intuito de reavê-los. Não nos consideramos credor de nada na Academia.

22 - AGRADECIMENTOS - Seria impossível registrarmos todos os fatos ocorridos durante a nossa longa gestão. Este breve relatório é feito como uma satisfação devida aos ilustres Confrades que durante estes anos nos prestigiaram com sua confiança e apoio e aos quais devemos nossa sincera gratidão. Dentre eles devemos destacar, especialmente, os Confrades Archimedes Pereira Lima, nosso dedicado Vice-Presidente, que em muitas ocasiões nos substituiu durante nossos impedimentos, dando à Academia todo o seu devotamento, os nossos companheiros de Diretoria, notadamente os ilustres Secretários e Tesoureiros; e o Confrade Dr. Luis-Philippe Pereira Leite, Presidente da entidade co-irmã, o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, que nos apoiou em todos os momentos e que nos confiou, praticamente, toda a administração da Casa Barão de Melgaço, sede, também, da instituição - que preside com raro brilho e eficiência.

A todos o nosso profundo agradecimento.

Em Cuiabá, 5 de dezembro de 1991.

Lenine de Campos Póvoas

Ex-Pres. da AML



Apoio: Editora da UFMT
Impressão: Gráfica Universitária
Cuiabá - Mato Grosso
1.993